



**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP**

Haline Zuquim Aidar Prado

**O conceito de comportamento autoclítico na obra de B. F. Skinner: uma investigação
histórico-conceitual**

**Mestrado em Psicologia Experimental:
Análise do Comportamento**

São Paulo

2024



**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP**

Haline Zuquim Aidar Prado

**O conceito de comportamento autoclítico na obra de B. F. Skinner: uma investigação
histórico-conceitual**

Mestrado em Psicologia Experimental:

Análise do Comportamento

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento, sob orientação da Prof.^a Dra. Nilza Micheletto

São Paulo

2024

Banca Examinadora:

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos ou científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação por fotocópias ou processos eletrônicos.

São Paulo, ____ de _____ de 2024. Assinatura: _____

Agradecimentos

Agradeço ao Bruno Costa, meu marido, pela generosidade de ter me dado a chance de aprender, da forma mais fidedigna que poderia existir atualmente, com o próprio Skinner. Agradeço, também, por ser uma inspiração intelectual inenarrável e por me lembrar, sistematicamente, que apesar do caminho ser árduo, a recompensa sempre vale a pena.

Agradeço ao meu pai, por todo o suporte aos meus sonhos; à minha mãe, pelas sabedorias compartilhadas; ao meu filho, por me trazer luz neste custoso caminho que é o mestrado; e à minha irmã, por ser meu alicerce e a melhor irmã que se poderia desejar.

Agradeço, pois, à Nilza Micheletto, minha orientadora, por todos os aprendizados, trocas, modelo, acolhimento, paciência, dedicação e confiança; a todos os docentes do PEXP, pela forma de ensino obstinada; e aos professores Daniel Caro e Felipe Gomes, pelas reflexões e refinamentos teóricos durante as bancas de qualificação e defesa.

Agradeço à Ariana Calfa e Gessi Menezes, por todo o companheirismo e cumplicidade nessa amizade que o PEXP nos trouxe; à Beatriz Alves, Giulia Rodrigues, Isabel do Amaral, Julia Ferrari, Julia Figueiredo e Rafaela Shornik, por não desistirem de mim diante da imensa ausência; e à Lilian da Rocha e Marcia de Oliveira, por cuidarem tão bem da gente e permitir que esse trabalho fosse possível.

Se eu mereço algum crédito sequer, é simplesmente por ter servido como um lugar no qual certos processos puderam acontecer. Eu devo interpretar seus educados aplausos, sob essa luz. (Skinner, 2020, p. 485)

Prado, H. Z. A. (2024). *O conceito de comportamento autoclítico na obra de B. F. Skinner: uma investigação histórico-conceitual* (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

Orientadora: Prof.^a Dra. Nilza Micheletto.

Linha de Pesquisa: História e Fundamentos Epistemológicos, Metodológicos e Conceituais da Análise do Comportamento

Resumo

Considerando que diversas revisões bibliográficas apontam a existência de poucos estudos empíricos que investigam comportamento autoclítico; que trata-se de um importante conceito que apresenta uma complexidade inerente ao fenômeno abordado; e a forma intrincada e distribuída que Skinner adotou para escrever sobre o assunto em seu livro *Verbal Behavior*, o presente estudo teve por objetivo elucidar a definição de *comportamento autoclítico* elaborada por B. F. Skinner a partir da análise histórico-conceitual do conceito na obra do autor. Foram pesquisadas expressões de busca em duzentos e trinta e cinco trabalhos de Skinner digitalmente disponíveis, dos quais foram selecionadas sessenta e duas publicações que abordaram o assunto comportamento autoclítico. A leitura em ordem cronológica dos trabalhos, assim como a leitura, na íntegra, das Partes IV e V de *Verbal Behavior*, foram norteadas pelas seguintes categorias de análise: (a) Terminologias do comportamento autoclítico; (b) Variáveis de Controle e Características das Classes de Respostas Tipicamente Envolvidas no Comportamento Autoclítico; (c) Tipos de Comportamento Autoclítico; (d) Comportamento Autoclítico e Formulações Tradicionais; e (e) Comportamento Autoclítico e Questões Práticas. Entre os resultados, o presente estudo parece ter conseguido clarificar a definição de comportamento autoclítico, explicitando os elementos que constituem a contingência de reforçamento deste tipo de comportamento, esperando contribuir para uma melhor compreensão do sistema conceitual da análise do comportamento. Discussões a cerca de definições de comportamento autoclítico de outros autores e sugestões de estudos futuros foram feitos.

Expressões de busca: comportamento autoclítico, autoclíticos, operante verbal secundário, operante verbal de segunda ordem, gramática e sintaxe, B. F. Skinner.

Prado, H. Z. A. (2024). *The concept of autoclitic behavior in the work of B. F. Skinner: a historical-conceptual investigation* (Master's thesis). Pontifical Catholic University of São Paulo, São Paulo, Brazil.

Thesis Advisor: Nilza Micheletto, PhD.

Line of Research: History and Epistemological, Methodological and Conceptual Foundations of Behavior Analysis

Abstract

Considering that several bibliographical reviews indicate the existence of few empirical studies that investigate autoclitic behavior; that it is an important concept that presents a inherent complexity to the phenomenon addressed; and the intricate and distributed way that Skinner developed to write about the subject in his book *Verbal Behavior*, the present study had as objective to elucidate the definition of *autoclitic behavior* elaborated by B. F. Skinner through the historical-conceptual analysis of the concept in the author's work. Keywords were searched in two hundred and thirty-five digitally available works by Skinner, from which sixty-two publications that addressed the subject autoclitic behavior were selected. The reading in chronological order of the works, as well as the reading, in full, of Parts IV and V of *Verbal Behavior*, were guided by the following categories of analysis: (a) Terminologies of autoclitic behavior; (b) Control Variables and Characteristics of Response Classes Typically Involved in Autoclitic Behavior; (c) Types of Autoclitic Behavior; (d) Autoclitic Behavior and Traditional Formulations; and (e) Autoclitic Behavior and Practice Questions. Among the results, the present study seems to have managed to clarify the definition of autoclitic behavior, explaining the elements that constitute the contingency of reinforcement of this type of behavior, hoping to contribute to a better understanding of the conceptual system of behavior analysis. Discussions about other authors definitions of autoclitic behavior and suggestions for future studies were made.

Keywords: autoclitic behavior, autoclitics, secondary verbal operant, second-order verbal operant, grammar and syntax, B. F. Skinner.

Lista de Figuras

Figura 1. Fluxograma que apresenta os números de artigos selecionados nas fases de identificação, triagem, elegibilidade e inclusão final na pesquisa.....	35
Figura 2. Total acumulado de ocorrências de expressões de busca nos anos de publicações de B. F. Skinner com e sem quebra de gráfico	39
Figura 3. Ocorrências do termo “autoclitic” e número de páginas em que foram identificadas ocorrências do termo “autoclitic” por capítulos do livro <i>Verbal Behavior</i>	40
Figura 4. Número total de ocorrências por expressão de busca nas publicações de B. F. Skinner analisadas	42
Figura 5. A contingência do comportamento autoclítico	48
Figura 6. Sistematização da categorização do comportamento autoclítico com base na origem dos estímulos antecedentes verbais que controlam o comportamento verbal do falante	66

Lista de Tabelas

Tabela 1. Número de ocorrências do termo “autoclitic” nas publicações de B. F. Skinner triadas.....	37
Tabela 2. Número de referências feitas as expressões de busca “Chapter 12”, “Chapter 13”, “Chapter 14” por capítulos do livro <i>Verbal Behavior</i>	41

Sumário

Introdução.....	1
Pesquisa Histórica e Conceitual	2
Comportamento Verbal	5
Comportamento Autoclítico	9
<i>Definições e funções do conceito</i>	<i>11</i>
<i>Condição antecedente do comportamento autoclítico</i>	<i>23</i>
<i>Classe de respostas do comportamento autoclítico</i>	<i>25</i>
<i>Condição subseqüente do comportamento autoclítico</i>	<i>25</i>
Objetivos.....	27
Justificativas.....	28
Método	29
Primeiro Procedimento de Busca	29
Segundo Procedimento de Busca.....	30
Expressões de Busca	30
Critérios de Exclusão.....	30
Critérios de Seleção	31
Procedimento de Análise.....	31
Categorias de Análise	32
<i>Terminologias do comportamento autoclítico</i>	<i>32</i>
<i>Variáveis de controle e características das classes de respostas tipicamente envolvidas no comportamento autoclítico</i>	<i>32</i>
<i>Tipos de comportamento autoclítico</i>	<i>33</i>
<i>Comportamento autoclítico e tratamentos tradicionais</i>	<i>33</i>

<i>Comportamento autoclítico e questões práticas</i>	33
Resultados	34
Terminologias dos Operantes Verbais	43
Comportamento Autoclítico: Contingência de Reforçamento	45
<i>Condições antecedentes do comportamento autoclítico</i>	48
<i>Arranjo de variáveis de controle antecedente genuinamente novo</i>	49
<i>Audiência</i>	52
<i>Quaisquer aspectos da contingência de um ou mais operantes verbais</i>	53
<i>Outros estímulos verbais ou não verbais do contexto</i>	57
<i>A classe de respostas autoclíticas</i>	57
<i>Condição subsequente do comportamento autoclítico</i>	60
<i>A efetividade dos estímulos verbais fornecidos pelo falante no controle do comportamento do ouvinte</i>	61
Autoclítico e Auto-autoclítico	65
Tipos de Autoclíticos	67
Autoclíticos e as Formulações Tradicionais	68
A Importância do Comportamento Autoclítico para Tecnologias de Intervenção	72
<i>Comportamento autoclítico e algumas questões de ordem prática</i>	78
<i>Como pode o professor estabelecer os repertórios verbais específicos que são os principais produtos finais da educação?</i>	78
<i>Como o terapeuta pode descobrir o comportamento verbal latente em uma sessão terapêutica?</i>	81
<i>Como pode o escritor evocar o seu próprio comportamento verbal no ato da composição?</i>	84

<i>Como pode o cientista, o matemático ou o lógico manipular o seu comportamento verbal no pensamento produtivo?</i>	<i>86</i>
Conclusão	89
Referências	97
Apêndice A. Publicações de B. F. Skinner que foram selecionadas para análise.....	103
Apêndice B. Publicações de B. F. Skinner em que foram pesquisadas as expressões de busca	108
Apêndice C. Publicações de Skinner não encontradas digitalmente disponíveis	131

A ciência da análise do comportamento é constituída por quatro domínios principais, ou seja, quatro áreas de atuação compostas por conjuntos específicos de práticas e objetivos: (1) a análise experimental do comportamento, (2) a análise aplicada do comportamento, (3) a prestação de serviços e (4) o behaviorismo radical (Moore, 2008).¹ Os quatro domínios, apesar de caracterizados separadamente, relacionam-se entre si e beneficiam-se dos progressos uns dos outros (Cooper et al., 2007; Moore, 2008).²

O domínio da *análise experimental do comportamento (AEC)* é o ramo da pesquisa básica da ciência e objetiva descobrir, ilustrar e esclarecer os princípios fundamentais do comportamento por meio da experimentação e reconhecimento de relações sistemáticas entre variáveis (Johnston & Pennypacker, 1993).

O domínio da *análise aplicada do comportamento (ABA)* dedica-se à realização de experimentos que pretendem estabelecer relações funcionais entre comportamentos socialmente relevantes e suas variáveis de controle, possibilitando o desenvolvimento de tecnologias comportamentais efetivas na transformação destes comportamentos (Cooper et al., 2007). Baer et al. (1968) caracterizaram trabalhos aplicados por estudos cujos objetivos estão relacionados a uma questão social concreta e os resultados direcionados a esta mesma questão.

Analistas do comportamento que exercem práticas profissionais baseadas nos princípios fundamentais do comportamento atuam no domínio da prestação de serviços. Com o objetivo de ajudar pessoas a se comportarem de forma mais bem sucedida, um conjunto de

¹ Segundo Cooper et al. (2007), a análise do comportamento consiste nos ramos *behaviorismo radical*, *análise experimental do comportamento (EAB)*, *análise aplicada do comportamento (ABA)* e *práticas profissionais guiadas pela ciência*.

² Para mais detalhes sobre a relação entre os domínios, ver discussão Michael (1980), Baer (1981) e Morris et al. (2001).

procedimentos/técnicas/protocolos (em outras palavras, estratégias de intervenção) são desenvolvidos, implementados e avaliados (Cooper et al., 2007).

Finalmente, o behaviorismo radical, definido como a filosofia da ciência da análise do comportamento (Skinner, 1974), é o domínio no qual questões de ordem teórico-conceituais são investigadas, analisadas, discutidas e clarificadas (Cooper et al., 2007). Skinner (1974) exemplificou algumas das questões que o behaviorismo radical trata: (a) a possibilidade da existência de tal ciência; (b) o alcance do modelo explicativo adotado (modelo de causalidade); (c) os métodos utilizados pela análise do comportamento; (d) a validade do conhecimento produzido; (e) a possibilidade do desenvolvimento de tecnologias; (e) a efetividade e implicações dessas tecnologias na resolução de problemas humanos; e (f) o posicionamento crítico acerca de tratamentos anteriores/diferentes cujo objeto de estudo é o mesmo da análise do comportamento.

Rutherford (2004) destacou a necessidade de ampliar a caracterização proposta por Cooper et al. (2007) e Moore (2008), acrescentando a história como um domínio, que, como o *behaviorismo radical*, produz dados informativos que orientam os outros domínios. Tourinho e Sérgio (2010), ao definirem a análise do comportamento enquanto área, incluíram os estudos históricos, conceituais e filosóficos como parte importante das práticas investigativas do analista do comportamento. De acordo com os autores, a produção de mais trabalhos deste tipo atua em benefício para o desenvolvimento integral da análise do comportamento.

Pesquisa Histórica e Conceitual

Um dos principais propósitos da historiografia da análise do comportamento envolve evitar a repetição de erros do passado cometidos pela comunidade de analistas do comportamento. Outro objetivo abrange trazer esclarecimentos a divergências conceituais e

metodológicas atuais da área, a partir do exame das origens e desenvolvimento dessas possíveis discordâncias. Ainda, outra possibilidade da historiografia analítico-comportamental está relacionada a análise de extravio da disciplina, assim como previsões de caminhos futuros da mesma. Não menos importante, uma quarta finalidade constitui-se no fato de que estudos históricos podem revelar aspectos da história de vida individual de autores considerados referências importantes para a área, que reverberaram, de alguma forma, em suas obras (e.g., fatores sociais, culturais, políticos, econômicos e intelectuais presentes durante o surgimento e desenvolvimento das propostas científicas) (Morris et al., 1990).

Em síntese, estudos que investigam a história da análise do comportamento contribuem não apenas a clarificação de diversos aspectos da disciplina, mas também para o desenvolvimento posterior da mesma, a partir do aprofundamento e refinamento do sistema conceitual analítico comportamental (Morris et al., 1990).

Na mesma linha, Morris et al. (1995) destacaram o esclarecimento das características centrais da disciplina entre os benefícios da historiografia da análise do comportamento. A partir da descoberta de uniformidades/contradições e organização adequada sobre a diversidade de patrimônio e práticas da análise do comportamento, seria possível, segundo os autores, aprimorar a compreensão da disciplina e evitar associações e suposições equivocadas tanto internas (provindas da própria área) quanto externas (oriundas de outras áreas).

Para Andery et al. (2004), a análise histórica pode ser considerada um caminho para a produção de conhecimento dos membros da comunidade sobre suas próprias práticas já existentes. Ao mesmo tempo, é uma ferramenta que possibilita a reanálise e reavaliação destas práticas (Micheletto, 2004). Nesse sentido, estudos históricos podem permitir a investigação do passado da análise do comportamento enquanto área, a atualização das práticas vigentes de seus

membros, e a projeção, com maior chance de sucesso, de seu futuro. Em resumo, Cruz (2006) caracterizou a investigação histórica da seguinte maneira:

Uma análise funcional da história de uma ciência teria a função de elaborar uma interpretação, através de vestígios da história, de comportamentos verbais que produzem diferentes discursos geradores de estímulos verbais que provocaram conseqüências capazes de modificar, por exemplo, a formulação de um método ou de um conceito (Cruz, 2006, p. 168).

Enquanto a ciência dedica-se aos fenômenos relacionados ao seu objeto de estudo, os estudos conceituais preocupam-se com o sistema explicativo dessa ciência. Estudos conceituais guardam uma relação invariável com conteúdos históricos. Apesar da investigação conceitual ter afinidade com a histórica, a principal diferença, explicou Tourinho (1999), reside no fato de que o objetivo da pesquisa conceitual questiona os pressupostos que fundamentam a investigação básica e/ou aplicada. Segundo Tourinho (1999) “a pesquisa conceitual vem recebendo atenção crescente na análise do comportamento, o que sugere o reconhecimento de sua relevância para o desenvolvimento da disciplina como um todo” (p. 213).

Micheletto et al. (2004), ao analisarem teses e dissertações em análise do comportamento em três universidades do Brasil (USP, PUC-SP e UFPA) identificaram o crescimento de produções histórico-conceituais na área a partir do final da década de 1980. Os dados de César (2004) são compatíveis com os encontrados por Micheletto et al. (2004): os autores destacaram um aumento considerável de publicações de análises histórico-conceituais da década de 80 até os anos 2000.

Comportamento Verbal

B. F. Skinner (1904-1990), cientista precursor da análise do comportamento, construiu sua obra de 1928 até 1990, ano em que faleceu. Ao longo de sua vida, Skinner produziu duzentas e noventa e cinco obras³, incluindo uma série de livros de autoria própria, capítulos em livros de outros autores, artigos, resenhas, resumos, cartas, entrevistas e discursos honrosos (Andery et al., 2004). Tais feitos compõem parte importante da bibliografia da análise do comportamento e de sua filosofia – o behaviorismo radical.

Em 1957, Skinner publicou o livro *Verbal Behavior* – sua obra considerada a mais importante por ele mesmo – escrita a partir dos princípios e procedimentos da análise experimental do comportamento. Em sua obra, o autor apresentou uma análise funcional da “linguagem”, ou melhor, do comportamento verbal. Para Skinner (1957/1992), o comportamento verbal é entendido como comportamento operante, ou seja, uma relação entre uma classe de respostas e suas variáveis de controle antecedentes e subsequentes, que foi originada e mantida por uma história de reforçamento. O que torna o comportamento verbal um objeto de estudo com caráter especial, porém, é o fato do reforçamento ser mediado por um ouvinte especialmente preparado por um ambiente verbal que evolui.

A mediação – uma das características definidoras do comportamento verbal – pode ser entendida como o controle exercido pelo ouvinte⁴ sob o estímulo reforçador que segue a resposta verbal emitida pelo falante. As formas pelas quais as respostas verbais do falante são seguidas pelo estímulo reforçador, portanto, são controladas pelo ouvinte (nesse sentido, a apresentação ou não do reforço, o tipo de reforçador, a quantidade e magnitude do reforço e os

³ Este foi o número de obras de B. F. Skinner identificadas pelas autoras até o ano de 2004.

⁴ (que pode ser o próprio falante nos casos em que o falante atua como falante e ouvinte de si mesmo).

esquemas de reforçamento envolvidos na liberação do reforço, por exemplo, dependem e são modulados pelo comportamento do ouvinte).

Visto que a mediação foi enfatizada por Skinner (1957/1992) como elemento importante em comportamentos sociais, o autor alertou sobre uma especificidade da mediação que ocorre tipicamente no comportamento verbal: para que ela ocorra foi necessária uma preparação sistemática do mediador por parte dos membros de uma determinada comunidade verbal. Nas palavras de Skinner (1957/1992):

O condicionamento especial do ouvinte é o X da questão. Comportamento verbal é modelado e mantido por um ambiente verbal – por pessoas que respondem ao comportamento de determinadas maneiras por causa dessas práticas do grupo do qual são parte. Essas práticas e a interação de falante e ouvinte resultante produzem os fenômenos que são considerados aqui sobre a rubrica de comportamento verbal. (Skinner, 1992, p. 226)

Segundo Skinner (1957/1992), comportamentos que são efetivos na obtenção do estímulo reforçador através da mediação de um ouvinte apresentam diversas propriedades dinâmicas e topográficas peculiares ao comportamento verbal – fato que os tornam particularmente distintos do comportamento não verbal. Por essas razões, para Skinner, um tratamento especial é justificado e necessário. O autor, porém, sinalizou: podemos explicar estes fenômenos complexos com os mesmos princípios e leis da análise do comportamento.

De acordo com Skinner (1957/1992), para uma análise completa do fenômeno complexo que é o comportamento verbal, a primeira responsabilidade dos analistas do comportamento seria uma simples *descrição*, ou seja, identificar quais são as topografias e respectivas características dinâmicas das classes de respostas envolvidas nesse tipo de comportamento.

Após concluída (ao menos de forma preliminar) a descrição, o segundo passo seria avançar para a *explicação* da ocorrência do comportamento verbal; uma questão que apenas poderia ser respondida a partir da identificação das variáveis de controle das quais ele é função. Uma vez analisados estes pontos, esclareceu o autor, seria possível, considerando o comportamento do ouvinte, explicar um episódio verbal.

Skinner (1957/1992) destacou o equívoco dos tratamentos tradicionais ao preocuparem-se prioritariamente com as formas específicas que o comportamento verbal ocorre, ou seja, dedicarem-se a observar e descrever apenas aspectos topográficos da resposta. O autor discorreu sobre a insuficiência existente no conceito de “vocabulário”: um constructo que, na verdade, nada explica, supondo a existência de um depósito de palavras (que, por sua vez, são interpretadas como ferramentas inanimadas) existentes dentro do sujeito, que são selecionadas por ele enquanto ele fala.

A análise do comportamento, em contrapartida, considera em sua investigação, para além da topografia do comportamento verbal, o fato de que estes comportamentos ocorrem em circunstâncias controladoras específicas: característica que acrescenta um caráter dinâmico à sua análise. Um repertório verbal, portanto, é entendido como respostas verbais, de diversas topografias, que aparecem ocasionalmente, diante de determinadas condições que são possíveis de serem identificadas. Nesse sentido, a noção tradicional de repertório como um “acervo de operantes” descreve, na verdade, o comportamento potencial de um sujeito – um organismo que, após uma história de reforçamento (neste caso, mediado), é ineludivelmente modificado.

Entre os benefícios do comportamento verbal, quando comparado aos operantes não verbais, Skinner (1957/1963/1969/1987/1992) apontou: (a) a não necessidade de suporte ambiental, ou seja, pode ocorrer em quase toda ocasião independentemente do elemento em si

que foi referido na resposta verbal (por exemplo: o indivíduo dizer que irá andar de bicicleta não depende da bicicleta em si); (b) a possibilidade do homem agir indiretamente sobre o ambiente, tornando-se mais livre de produzir reforço a partir da própria resposta motora (por exemplo: ao invés de levantar-se e pegar um copo de água, o indivíduo pode permanecer sentado e conseguir um copo de água ao pedi-lo para alguém por perto); (c) a ampliação de limites temporais (por exemplo: o indivíduo acessar escritos de um autor que morreu antes mesmo do leitor nascer); (d) o fato do falante também se tornar um ouvinte e poder reforçar seu próprio comportamento; (e) a possibilidade de um ouvinte ficar sob controle de algum aspecto do ambiente que não estava antes da resposta verbal emitida pelo falante; (f) a possibilidade do falante instruir o ouvinte a agir de determinada forma, em vez de modelar a classe de respostas por exposição direta às contingências; (g) no caso do comportamento verbal vocal, o fato de que sons são efetivos no escuro ou quando os ouvintes não estão olhando e poder ocorrer mesmo quando as mãos estão ocupadas fazendo outras coisas; e (h) a enorme variedade de possibilidades de topografias de respostas.

Tamanhas as vantagens do comportamento verbal que, não à toa, sublinhou Skinner (1957/1992), os homens agem na maior parte de seu tempo de forma indireta sobre o ambiente, comportando-se verbalmente, e conseguem produtos como resultado de uma complexa série de eventos que incluem o comportamento de um ouvinte. Nesse sentido, tratam-se de operantes verbais que afetam primeiramente outro organismo e são, portanto, impreterivelmente sociais. “as únicas diferenças que eu espero ver reveladas entre o comportamento do rato e do homem (além das enormes diferenças de complexidade) residem no campo do comportamento verbal (p. 442)”, revelou Skinner (1938).

Skinner (1957/1992) criou duas classificações com diferentes tipos de operantes verbais, a partir de suas respectivas contingências de reforçamento: os operantes verbais de primeira ordem (i.e., ecóico, mando, tato, intraverbal, textual e transcrição); e os operantes verbais de segunda ordem, intitulados de autoclíticos (cujos subtipos serão especificados na sessão de resultados deste estudo).

Comportamento Autoclítico

Para Catânia (1980), os autoclíticos são fundamentais na abordagem do comportamento verbal: “os processos autoclíticos são centrais para o tratamento do Verbal Behavior fornecido por Skinner (1957)” (p. 175). Na avaliação de Smith (1983), o conceito de comportamento autoclítico pode ser considerado o mais complexo e revolucionário do livro *Verbal Behavior* e, portanto, qualquer tentativa de esclarecê-lo seria de considerável valor teórico: “Como o autoclítico é, sem dúvida, o conceito mais difícil e mais inovador em Verbal Behavior, qualquer tentativa de lançar luz sob ele é de especial interesse.” (p. 11). Ratkos (2023) evidenciou a importância do conceito de comportamento autoclítico ao sugeri-lo como componente relevante na conciliação entre a análise do comportamento e outras disciplinas:

Se nós esperamos convencer os estudiosos, sejam eles psicólogos cognitivos, linguistas, etc., de que todo comportamento é determinado por fatores ambientais e podem ser explicados pelo condicionamento operante, isso só será possível através da análise experimental completa de todas as camadas do autoclítico. (Ratkos, 2023, p. 6).

Há, porém, uma dificuldade: “Entender o autoclítico é um desafio” (p. 8), sinalizou Bondy (2023). Em concordância, Ratkos (2023) ressaltou o caráter de complexidade que contorna o conceito: “A referência a uma ‘resposta secundária que modifica uma resposta primária’ enterra uma montanha de complexidade.” (p. 6). Santos e Souza (2017) pontuaram

certa dificuldade dos analistas do comportamento na compreensão do conceito de comportamento autoclítico. Isso porque, segundo os autores, além da complexidade inerente ao fenômeno em si, o assunto foi abordado por Skinner em seu livro *Verbal Behavior* de forma intrincada e distribuída.

“Na nossa literatura, Petursdottir nos mostrou que de 2005 a 2016, menos de 3% das pesquisas sobre comportamento verbal focaram, principalmente, no autoclítico ou gramática” (p. 5), explicou Ratkos (2023). Santos e Souza (2021) também evidenciaram os autoclíticos como os operantes verbais menos estudados experimentalmente: “diversas revisões de literatura têm apontado que pouca pesquisa empírica tem abordado o comportamento autoclítico (Eshleman, 1991; MacPherson et al, 1984; Oah & Dickinson, 1989; Petursdottir, 2018; Petursdottir & Devine, 2017; Sautter & Leblanc, 2006)” (p. 2).

Segundo Dymond et al. (2006) é possível que os analistas do comportamento têm tido dificuldade de promover pesquisas experimentais que investigam comportamentos verbais complexos, incluindo os autoclíticos. Na mesma linha, Dixon et al. (2007) enfatizaram a necessidade de um maior investimento em estudos que pesquisam comportamento verbal complexo com participantes que apresentam desenvolvimento típico, assim como em estudos experimentais que envolvem comportamentos autoclíticos; de acordo com os autores, a maioria dos estudos empíricos sobre comportamento verbal examina operantes verbais primários a partir de intervenções clínicas com participantes que apresentam desenvolvimento atípico, deixando uma lacuna nos estudos empíricos sobre autoclíticos com indivíduos com desenvolvimento típico.

Petursdottir e Devine (2017) sugeriram que a baixa quantidade de estudos experimentais que tratam sobre comportamento autoclítico pode ser derivada de certa dificuldade de revisões

bibliográficas na identificação de estudos experimentais que, apesar de tratarem de comportamento autoclítico, não fazem referência ao termo de forma explícita, recorrendo a nomenclaturas provenientes da linguística. Os resultados das revisões sistemáticas de estudos experimentais sobre comportamento autoclítico realizadas por Santos e Souza (2021) e Spatafora (2022) foram compatíveis com esta hipótese. Dos trinta e sete estudos experimentais encontrados por Santos e Souza, apenas treze utilizaram o termo autoclítico em seu título ou resumo. Os resultados de Spatafora revelaram doze artigos a menos do que os identificados por Santos e Souza; segundo o autor, a diferença no número de artigos encontrados justifica-se pelo menor número de expressões de busca elencadas, que não englobou terminologias relacionadas a classificações gramaticais.

Definições e funções do conceito

Considerando a carência de estudos da área da análise do comportamento que tratam sobre autoclíticos (Eshleman, 1991; MacPherson et al, 1984; Oah & Dickinson, 1989; Sautter & Leblanc, 2006; Petursdottir & Devine, 2017; Petursdottir, 2018); o caráter de complexidade inerente ao fenômeno abordado (Santos & Souza, 2021; Bondy, 2023; Ratkos, 2023) e a forma intrincada e distribuída que o conceito foi abordado por Skinner em sua obra (Santos & Souza, 2021), conviria indagar: será que este conjunto de fatores exerce algum impacto na forma como os analistas do comportamento tem definido este conceito?

Será apresentada, em ordem cronológica, uma sistematização de algumas definições do conceito de comportamento autoclítico apresentadas por diferentes analistas do comportamento. Vale acrescentar que se tratam de definições extraídas de trabalhos com finalidades distintas entre si (e.g. trabalhos teóricos, análogos experimentais, pesquisas aplicadas, levantamentos de literatura, etc.) e não necessariamente destinados especificamente à elaboração de uma

definição de comportamento autoclítico. Esse conjunto de definições, porém, representa uma amostra preliminar de como analistas do comportamento têm definido esse conceito nas publicações da área.⁵

Catânia (1980) descreveu comportamento autoclítico da seguinte maneira: "os processos pelos quais essas matérias brutas do comportamento verbal são combinadas, rearranjadas e transformadas são chamados autoclítico" (p. 175). Seis anos mais tarde, Catania (1986) discorreu sobre o conceito a partir da seguinte afirmação: "O comportamento verbal é autoclítico quando é construído sob e modifica os efeitos de outro comportamento verbal (Skinner, 1957)." (p. 8) Segundo o autor, a menos que o falante consiga discriminar seus próprios comportamentos verbais "Essa modificação do comportamento verbal autoclítico não pode ocorrer" (p. 8). Catânia (1986), ainda, acrescentou: "Porque as importantes dimensões de palavras como "é", "se" e "não" são autoclíticas e não lógicas, um caráter proposicional da linguagem baseado em relações funcionais e não lógicas está implícito nos processos autoclíticos". (p. 8).

Catânia (1980), em um primeiro momento, referiu-se aos autoclíticos como processos. O autor forneceu, também, exemplos destes processos autoclíticos (e.g., a combinação,

⁵ Para a identificação dos trabalhos cujas definições foram extraídas, foi realizada uma busca na base de dados em Psicologia PubMed. A expressão de busca *autoclitic* foi pesquisada nos títulos, resumos e palavras-chaves dos artigos do acervo. Foram identificados vinte e seis artigos científicos. Deste total, quatorze trabalhos foram excluídos da presente pesquisa por não se encontrarem digitalmente disponíveis de forma gratuita. Restaram doze artigos, que foram organizados em ordem cronológica e lidos na íntegra. Um dos trabalhos foi excluído por adotar um sistema de categorização e definição dos operantes verbais diferente do apresentado por Skinner (1992), que é o foco da presente pesquisa. Dez outros artigos foram incluídos neste estudo por conhecimento pessoal do autor. Assim, totalizaram vinte e um textos dos quais as definições foram extraídas. Por fim, todas as definições foram grifadas, traduzidas e transcritas para uma planilha, que foi dividida em três categorias: (1) condição antecedente; (2) características típicas das classes de respostas ou exemplos; e (3) condição subsequente. A planilha foi preenchida conforme foi identificada relação com alguma das categorias propostas.

rearranjo e transformação das matérias brutas do comportamento verbal) e de algumas palavras (e.g., é, se, não) que, segundo ele, possuem “dimensões” autoclíticas. No que diz respeito a condição subsequente do comportamento autoclítico, o autor afirmou que este modifica os efeitos de outros comportamentos verbais.

O conceito de comportamento autoclítico foi retratado por Howard e Rice (1988) como: “respostas verbais que nunca foram emitidas isoladamente, mas sempre acompanhadas de alguma resposta verbal primária.” (p. 45) Segundo as autoras,

A variável de controle para o autoclítico é algum aspecto da relação de controle da resposta primária (por exemplo, mando, tato, etc.) que, por si só, pode servir como estímulo. O reforço para a emissão de autoclíticos, em geral, é que eles aguçam o efeito da resposta verbal primária sobre o comportamento do ouvinte. Como Skinner (1986) sugeriu, quando o efeito da resposta verbal primária se torna mais preciso, o ouvinte pode “se comportar de acordo com as consequências e, portanto, é mais provável que promova consequências de reforço recíproco para o falante” (p. 120). (Howard & Rice, 1988, pp. 45-46)

Acerca das variáveis de controle antecedente do comportamento autoclítico, as autoras evidenciaram algum aspecto da relação de controle da resposta primária, que pode, ela mesma, funcionar como um estímulo. Em relação a classe de respostas autoclíticas, de acordo com as autoras, elas nunca são emitidas isoladamente pois sempre estão acompanhadas de respostas primárias. O reforçamento na emissão de autoclíticos, para as autoras, “afiam” o efeito das respostas primárias sob o ouvinte. Ao citar Skinner, Howard e Rice (1988), ainda, especificaram o sentido de “afiam”: o efeito sob o ouvinte das respostas primárias se torna mais preciso, aumentando a probabilidade do ouvinte fornecer o reforço.

Michael (1992), abordou o comportamento autoclítico referenciando-o como:

Comportamento verbal secundário (comportamento autoclítico) controlado por alguma característica dos operantes primários ou de suas variáveis controladoras. Essas respostas autoclíticas funcionam para alterar o efeito do comportamento primário sob o ouvinte, aumentando sua eficácia ou alterando a natureza de seu efeito.”

(Michael, 1992, p. xviii)

Enquanto condição antecedente do comportamento autoclítico, Michael (1992) apontou a presença de alguma característica dos operantes primários ou de suas variáveis controladoras. Alterar o efeito do comportamento primário sob o ouvinte, explicou o autor, é o estabelecido como reforço neste tipo de comportamento, gerando um aumento na sua eficácia ou alterando a natureza deste efeito.

Conforme Sundberg (1993),

O comportamento verbal secundário nunca é independente; antes, é sempre causado por algum aspecto de um operante verbal primário.” [...] O comportamento autoclítico pode ser considerado “comportamento verbal sobre comportamento verbal” (Peterson, 1978) e é reforçado pelos efeitos especiais que tem no comportamento do ouvinte.

(Sundberg, 1993, p. 103)

Dentre as condições antecedentes do comportamento autoclítico, Sundberg (1993) mencionou algum aspecto de um operante verbal primário. Segundo ele, a classe de respostas autoclíticas nunca ocorre sozinha. Sobre os eventos subsequentes, para o autor, estes constituem-se nos efeitos especiais sob o comportamento do ouvinte.

Mabry (1993) apontou que os autoclíticos

“descrevem, qualificam ou comentam o comportamento verbal e, assim, esclarecem ou alteram seus efeitos sobre o ouvinte”. [...] Skinner indica claramente que “tags” e outros “dispositivos” gramaticais, como a ordem das palavras, podem ter funções autoclíticas. Tags, para Skinner, obviamente incluem, em inglês, artigos, desinências que mudam a forma verbal usual para substantivo e vice-versa, desinências de adjetivos, preposições, conjunções e todo o conjunto de termos (com exceção dos pronomes) que os linguistas classificam como pertencentes a "classes fechadas." (Malbry, 1993, p. 81)

Malbry (1993), além de fornecer exemplos de respostas autoclíticas: descrevem, qualificam ou comentam o comportamento verbal; também destacou, no que se refere aos eventos subsequentes, a clarificação ou alteração dos efeitos sob o ouvinte.

Para Guerin (1994) “A função de mando de muitas constatações de atitude também se reflete no uso frequente de autoclíticos: qualificações feitas às constatações de atitude que modificam o efeito da constatação sobre o ouvinte.” (p. 159). Constatações de atitude foram descritas como condição antecedente do comportamento autoclítico e, como condição subsequente, a modificação dessas constatações sobre o ouvinte.

Segundo Borloti (2004), “o autoclítico pode ser definido como uma unidade verbal que ocorre praticamente junto com outros operantes básicos – dos quais depende a sua ocorrência – modificando os efeitos desses operantes básicos sobre o ouvinte” (p. 227). O autor apresentou uma definição que realça a dependência de outros operantes verbais para a ocorrência de autoclíticos. Para ele, uma característica das classes de respostas autoclíticas é que estas ocorrem “praticamente junto” com outros operantes verbais. Borloti (2004) destacou, também, o fato de que o comportamento autoclítico modifica os efeitos dos operantes primários sob o ouvinte.

Para Sautter e Leblanc (2006), “um autoclítico é conceitualizado como comportamento verbal dependente de outro comportamento verbal. Assim, o comportamento verbal do falante modifica ou muda o comportamento do ouvinte de uma maneira particular” (p. 41). Mais uma vez foi salientado o fato do comportamento autoclítico depender de outro comportamento verbal. As autoras destacaram o efeito deste tipo de comportamento: modificar o comportamento do ouvinte de formas “particulares”.

Palmer (2007) parece ter atribuído como evento subsequente do comportamento autoclítico a modificação e o arranjo do efeito de outros operantes verbais. Nas suas palavras: “Skinner identificou vários operantes verbais nomeados de autoclíticos que, em linhas gerais, servem para arranjar e modificar o efeito de outros comportamentos verbais” (p. 169).

Em 2007, Sundberg propôs outra definição de comportamento. O autor explicou:

a análise de como e por que um falante se torna um ouvinte de seu próprio comportamento verbal e, então, manipula seu comportamento verbal com comportamento verbal adicional aborda o tópico da relação de autoclítico. Skinner (1957) introduziu o termo autoclítico para identificar quando o próprio comportamento verbal do falante funciona como um Sd ou um OM para o comportamento verbal adicional do falante. Em outras palavras, o autoclítico é o comportamento verbal sobre o próprio comportamento verbal do falante. As consequências desse comportamento envolvem reforçamento diferencial do ouvinte final, significando que o ouvinte discrimina se deve servir ou não como mediador do reforçamento para aqueles estímulos verbais. Um falante torna-se um ouvinte e observador de seu próprio comportamento verbal e de suas variáveis controladoras e, por sua vez, torna-se um falante novamente.

Esse efeito pode ser muito rápido e ocorre tipicamente na emissão de uma única sentença composta pelos dois níveis de respostas. (Sundberg, 2007, p. 539)

Na segunda definição introduzida por Sundberg (2007), o autor atribuiu a condição antecedente do comportamento autoclítico ao próprio comportamento verbal do falante. Pela primeira vez, em todas as definições apresentadas, foi possível identificar informações relativas à função deste estímulo antecedente: de acordo com o autor, discriminativa ou operação motivadora. A classe de respostas autoclíticas foi intitulada por Sundberg (2007) como comportamento adicional do falante e representa um de dois níveis de respostas. Finalmente, como condição subsequente, o autor apontou o reforçamento diferencial exercido pelo ouvinte.

Segundo Sérgio e Andery (2010), os autoclíticos podem ser definidos como: “respostas verbais que não podem ser emitidas isoladamente, mas apenas em conjunção com algum outro operante verbal. São respostas controladas por algum aspecto do comportamento verbal do falante e que alteram o efeito do comportamento verbal do falante sobre o ouvinte” (p.149). Em síntese, as autoras apresentaram uma definição de comportamento autoclítico fundamentada na descrição da contingência de reforçamento deste tipo comportamento: a condição antecedente seria algum aspecto do comportamento verbal do falante, que controla uma classe de respostas verbais autoclíticas que ocorre junto com algum outro operante verbal, que é selecionada e mantida pela alteração dos efeitos sob o comportamento do ouvinte como reforçador.

Comportamento autoclítico foi definido por Matos e de Lourdes Passos (2010) do seguinte modo:

O autoclítico é um operante verbal sob o controle de estímulos discriminativos fornecidos pelo próprio comportamento verbal do falante e suas variáveis controladoras (Skinner, 1957, pp. 311-343). Assuntos estudados por linguistas, como gramática e

sintaxe (elementos formais como conectivos, flexões, preposições, agrupamento e ordenação de respostas verbais) têm funções autoclíticas (pp. 331-333). O quadro autoclítico possui espaços vazios que são preenchidos por operantes verbais, que por sua vez são controlados por variáveis específicas provenientes de uma determinada situação. (Matos & de Lourdes Passos, 2010, p. 66)

As condições antecedentes do comportamento autoclítico, assim como sua respectiva função, foi explicitada por Matos e de Lourdes Passos (2010) como estímulos com função discriminativa, provenientes do próprio comportamento verbal do falante, assim como suas variáveis de controle. Além disso, foram comentados alguns exemplos de classes de respostas verbais que podem exercer função autoclítica (e.g., elementos conectivos, flexões, preposições, agrupamento e ordenação de respostas verbais). Apesar de não terem sido encontrados na definição das autoras aspectos diretamente relacionados a condição subsequente da contingência do comportamento autoclítico, a menção dos autores em respeito as funções autoclíticas ao referenciar *Verbal Behavior* (pp. 331, 332, 333), revelou uma passagem de Skinner (1957) na qual o autor abordou os autoclíticos como respostas que “clarificam ou alteram seu efeito sob o ouvinte” (p. 332).

Hübner et al. (2012), definiram o autoclítico como:

“o operante autoclítico é “falar sobre o falar”; é o falante inclinando-se sobre os seus próprios operantes verbais, compondo, criando, inventando, dirigindo, avaliando, organizando, selecionando e produzindo respostas mais precisas sobre controle das respostas primárias, das propriedades dessas ou das condições que as controlam” (Hübner et al., 2012, p. 106)

Na avaliação dos autores, a condição antecedente do comportamento autoclítico seria respostas verbais primárias do próprio falante, propriedades dessas ou condições que as controlam; exemplos de respostas autoclíticas seriam respostas envolvidas na composição, criação, invenção, direção, avaliação, organização, seleção e produção de comportamento verbal; e, como consequência, a produção de respostas mais precisas.

De acordo com Luke et al. (2011),

Um autoclítico é descrito por Skinner como um comportamento verbal “que se baseia ou depende de outro comportamento verbal” (1957, p. 315). Ele “clarifica ou altera o efeito do comportamento verbal sobre o ouvinte” (Skinner, 1957, p. 332). O autoclítico é definido por seu efeito sobre o ouvinte, por sua função como parte de uma troca verbal e, diferentemente das classificações gramaticais, depende de toda a troca para sua classificação. [...] Semelhante à independência funcional do mando e dos operantes de tato (Lamarre & Holland, 1985; Twyman, 1996), Skinner concebeu o autoclítico como um operante verbal distinto dentro do contexto de uma troca comunicativa funcional. (Luke et al., 2011, p. 141)

Novamente, o fato das respostas verbais autoclíticas serem baseadas em ou dependentes de outros comportamentos verbais foi apontado. Luke et al. destacaram, também, o caráter funcional das respostas autoclíticas, em detrimento das unidades gramaticais ou linguísticas, ao sugerirem que os autoclíticos dependem de “troca” para sua classificação. Por fim, os eventos subsequentes, isto é, clarificar ou alterar os efeitos do comportamento verbal sobre o ouvinte, foram mencionados através de uma citação direta à Skinner.

Speckman et al. (2012) explicitaram que:

O comportamento autoclítico é o comportamento verbal que serve para qualificar, quantificar, afirmar ou negar outro comportamento verbal (Skinner, 1957). Em contraste com os operantes verbais primários, como mandos e tatos, ambos definidos por variáveis de controle distintas específicas de cada um, o autoclítico é “baseado ou depende de outro comportamento verbal” (Skinner, 1957, p. 315). As respostas autoclíticas não são emitidas por si mesmas, mas acompanham o comportamento verbal primário. Quando o comportamento verbal primário é acompanhado por comportamento autoclítico, ou comportamento verbal secundário, os efeitos dos operantes primários são acentuados (Howard & Rice, 1988). Assim, o reforço para o comportamento autoclítico são os efeitos mais precisos sobre o ouvinte, e a variável de controle para o autoclítico é “algum aspecto da relação de controle para a resposta primária” (Howard & Rice, 1988, p. 45). (Speckman et al., 2012, p. 84)

Outra vez foi afirmado que os autoclíticos são baseados em ou dependentes de outro comportamento verbal. Speckman et al. (2012) sublinharam que as respostas autoclíticas acontecem sempre acompanhadas de um operante verbal primário. Sobre os eventos subsequentes, os autores afirmaram que os autoclíticos servem para qualificar, quantificar, afirmar ou negar outro comportamento verbal. Além disso, os autores fizeram referência a definição anteriormente apresentada de Howard e Rice (1998), mencionando o antecedente do autoclítico como algum aspecto da relação de controle e o subsequente como a produção de um efeito mais “afiado” sobre o ouvinte.

Kuroda et al. (2014) abordaram o comportamento autoclítico da seguinte maneira:

é uma resposta verbal “que se baseia ou depende de outro comportamento verbal” (Skinner 1957/1992 p. 315). Vários tipos de autoclíticos foram propostos por Skinner,

com subtipos em cada um. [...] Os autoclíticos foram considerados semelhantes aos tatos, exceto que os autoclíticos estão sob o controle de estímulos de eventos privados e não públicos (Catania 1980, 1998; Skinner 1957/1992) (Kuroda et al., 2014, p. 90)

Kuroda et al. (2014) mencionaram que respostas autoclíticas se baseiam em ou dependem de outro comportamento verbal. Além disso, segundo os autores, a classe de respostas autoclítica é controlada, especificamente, por eventos privados.

Santos e Souza (2017) definiram o autoclítico como: “um operante verbal que age sobre outro operante verbal (primário) do falante, transformando-o e/ou rearranjando-o, de forma a modificar a reação do ouvinte com respeito à relação primária” (p. 92). Tal definição ilustrou o fato de que o autoclítico age sobre outro operante verbal primário do falante e exemplificou seus efeitos/consequências: transformar, rearranjar e modificar o operante verbal primário, modificando a reação do ouvinte em relação a eles.

A definição de Spatafora e Micheletto (2023) é ilustrada na seguinte passagem:

Este comportamento foi denominado autoclítico, ele altera o efeito da resposta sobre o ouvinte. A importância desta especificidade do efeito da resposta sobre o ouvinte é de interesse especial para a compreensão do comportamento autoclítico, pois sua função é justamente alterar o efeito da resposta de forma a especificar a ação do ouvinte na produção do reforçador. Uma resposta autoclítica sempre depende de outra resposta verbal (de um operante verbal primário) que modifica. [...] Os aspectos centrais na definição de autoclítico por Skinner (1957) são: (1) alterar ou modificar o efeito dos operantes verbais primários sobre o ouvinte, seguindo o exemplo acima, modifica o efeito do mando (fornecimento de qualquer água) para um efeito mais especificado (fornecimento de água gelada) ; (2) ser reforçado por um ouvinte preparado pela

comunidade verbal, como qualquer operante verbal, assim como toda resposta verbal; e (3) a manipulação do efeito de um operante primário ocorre em uma resposta que nunca foi emitida (emissão de uma nova unidade verbal), o que Skinner (1957) chama de em instâncias de composição. O terceiro elemento da definição é o mais complexo, pois nele Skinner (1957) coloca um requerimento a mais, diferente de qualquer outro operante verbal, para que uma resposta possa ser considerada autoclítica ela precisa ser uma resposta nova. Seguindo o exemplo acima, se uma pessoa tem o costume de pedir água gelada, a resposta é uma resposta verbal previamente estabelecida e reforçada, aí então ela não será considerada uma resposta autoclítica. [...] Sendo assim, o autoclítico é uma resposta verbal (segundo aspecto da definição), nova (terceiro aspecto da definição), que altera o efeito de um operante primário através da promoção de novas fontes de controle (primeiro aspecto da definição).

Segundo os autores, respostas autoclíticas dependem de outra resposta verbal (de um operante verbal primário) que modifica. No que diz respeito a classe de respostas autoclíticas, de acordo com os autores, diferentemente de todos os outros operantes verbais, para que uma resposta possa ser considerada autoclítica, ela precisa ser uma resposta nova. Em relação ao evento subsequente do comportamento autoclítico, conforme discorrido pelos autores, o autoclítico altera ou modifica o efeito dos operantes verbais primários sobre o ouvinte, de forma a especificar a ação do ouvinte na produção do reforçador.

Para Owen e Rodriguez (2024),

Os operantes primários “podem ser considerados a matéria-prima a partir da qual o comportamento verbal sustentado é fabricado” (Skinner, 1957, p. 312). No entanto, grande parte da complexidade e flexibilidade do comportamento verbal surge dos

autoclíticos, que aguçam os efeitos do operante verbal primário no ouvinte e melhoram a qualidade das interações verbais. Os autoclíticos funcionam para modificar aspectos do comportamento verbal do próprio falante. O reforçador de um autoclítico é a acuidade com a qual o ouvinte responde e potencialmente reforça o operante verbal primário. (Owen & Rodriguez, 2024, p. 204)

Sobre os eventos subsequentes, Owen e Rodriguez (2024) apontaram que as respostas verbais “afiam” os efeitos dos operantes verbais primários, melhorando a qualidade das interações verbais. Ainda, os autores mencionaram que o reforçador no caso do comportamento autoclítico refere-se a acuidade com que o ouvinte responde e potencialmente reforça o operante verbal primário.

Condição antecedente do comportamento autoclítico

Considerando que (1) Sundberg (2007), Matos e de Lourdes Passos (2010) e Hübner et al. (2012) apresentaram, como condição antecedente do comportamento autoclítico algum aspecto do comportamento verbal proveniente do *próprio falante*; e (2) inspirado nas colocações de Skinner (1957/1992) sobre auto-estimulação (i.e., operantes verbais primários que ficam sob controle de estímulos antecedentes que consistem no produto do comportamento do próprio falante) (e.g., auto-ecóico, auto-textual, auto-intraverbal, auto-tato, auto-mando e auto-audiência)⁶, caberia perguntar:

- As variáveis de controle antecedentes do comportamento autoclítico consistem, necessariamente, em algum aspecto da contingência de um operante verbal emitido pelo *próprio falante*? Isto é, trata-se de uma classificação de operante verbal que ocorre apenas no nível do indivíduo em relação a ele mesmo? Dito de outra forma, seria

⁶ Para mais detalhes, consultar: *Verbal Behavior* (pp. 139, 314, 442, 444 e 440).

possível um comportamento autoclítico ocorrer sob controle do comportamento verbal de outro falante que não ele mesmo?

- Levando em conta que os seis tipos de contingências explicitadas por Skinner (1957/1992) que compõem os operantes verbais primários não restringem as variáveis de controle antecedentes em termos de suas origens (i.e., provindas do próprio indivíduo ou do ambiente externo a ele), a mesma lógica se estenderia ao autoclítico?

Em virtude de diversas definições que apresentaram termos como: “construído sob” (Catânia, 1986); “depende a sua ocorrência” (Borloti, 2004), “depende de” (Sautter e Leblanc, 2006; Spatafora & Micheletto); “se baseia ou depende” (Luke et al., 2011; Speckman et al, 2012; Kuroda, 2014); “age sobre” (Santos & Souza, 2017); “é fabricado por” (Owen & Rodriguez, 2024), conviria indagar:

- Será que estes termos sugerem os possíveis efeitos de variáveis de controle antecedentes de efeito evocativo como definidos por Michael (1983)?

Em caso positivo, importante retratar que as definições de Catânia (1980), Howard e Rice (1998), Michael (1992), Sundberg (1993), Hübner et al. (2012), Borloti (2004), Santos e Souza (2017), Spatafora e Micheletto (2023) e Owen e Rodrigues (2024) especificaram como condição de controle antecedente do comportamento autoclítico operantes verbais primários/básicos ou matéria bruta. Foi possível observar, no entanto, que definições de Catânia (1986), Mabry (1993), Sautter e Leblanc (2006), Sundberg (2007), Sérgio e Andery (2010), Matos e de Lourdes Passos (2010) e Luke et al. (2011) mencionaram a condição antecedente de forma ampla, isto é, sem restringi-la aos primários. Visto este panorama, valeria também questionar:

- Seria possível a classe de respostas autoclíticas ficar sob controle antecedente de uma unidade verbal composta por operantes verbais primários e secundários? Em outras palavras: uma resposta autoclítica poderia ficar sob controle de autoclíticos (ainda que estes estejam acompanhados de operantes verbais primários, visto que os autoclíticos não são emitidos isoladamente)?

Classe de respostas do comportamento autoclítico

Em algumas definições foi possível identificar passagens relacionadas a impossibilidade da classe de respostas autoclíticas ser emitida sozinha: “ocorrem sempre acompanhadas de” (Howard & Rice, 1998); “nunca é independente” (Sundberg, 1993); “ocorre praticamente junto” (Borloti, 2004); “não podem ser emitidas isoladamente” (Sério & Andery, 2010); “não são emitidas sozinhas” (Speckman et al., 2012). Cumpriria inquirir:

- O que exatamente quer dizer a constatação de que a classe de respostas autoclítica não ocorre sozinha ou é acompanhada por outros operantes verbais? Seria no sentido de contiguidade (i.e., proximidade temporal entre dois eventos)? No sentido de que as respostas autoclíticas *são evocadas por* outros operantes verbais?

Condição subsequente do comportamento autoclítico

A maioria das definições discutidas parecem atribuir ao evento subsequente da contingência autoclítica algum tipo de efeito sob o ouvinte que, por vezes, foi apresentado por meio do emprego de adjetivos, como por exemplo: “efeitos especiais” (Sundberg, 1993) e “efeito mais afiado” (Speckman et al., 2012).

Em algumas definições, o efeito foi descrito como uma modificação no efeito de outro comportamento verbal (Catânia, 1986; Palmer, 2007). O efeito foi explicitado, também, como uma modificação no comportamento do ouvinte (Sautter & LeBlanc, 2006). Diversas definições

evidenciaram a modificação de outro operante verbal, sob o ouvinte (Howard & Rice, 1988; Michael, 1992; Malbry (1993); Borloti (2004); Sundberg, 2007; Santos e Souza, 2017; Spatafora & Micheletto, 2023; Owen & Rodriguez, 2024). Valeria ainda esclarecer:

- O que significa dizer que os autoclíticos modificam/alteram os efeitos de outros comportamentos verbais? Qual é a modificação/alteração que ocorre no efeito de outros comportamentos verbais?
- Qual é a modificação no comportamento do ouvinte?
- Quais são os tipos de reforçadores envolvidos no comportamento autoclítico? (i.e., específicos e/ou generalizados)

Hübner et al., (2012) especificaram estes efeitos: o falante torna-se capaz de emitir respostas mais precisas. Interessaria perguntar:

- Mais precisas em qual sentido?

Howard e Rice (1988) explicitaram o sentido de respostas mais precisas: envolvem o aumento na probabilidade do ouvinte fornecer reforço para o falante. Na mesma linha, Michael (1992) salientou sobre a produção de um aumento da eficácia ou a alteração da natureza do efeito sob o ouvinte. Spatafora e Micheletto (2023) ressaltaram a especificação da ação do ouvinte na produção do reforçador.

Como visto, alguns analistas do comportamento apresentaram definições com nuances e ênfases distintas ao abordar o conceito de comportamento autoclítico. As definições apresentadas nem sempre explicitam as condições antecedentes e suas respectivas funções, as características típicas das classes de respostas e os eventos subsequentes envolvidos na contingência deste tipo de comportamento. Apesar dos estudos consistirem em diferentes tipos de produções acadêmicas (pesquisas, artigos didáticos, artigos teóricos ou revisões de literatura)

e de seus objetivos primários não envolverem, necessariamente, discussões específicas sobre a definição de comportamento autoclítico, a identificação de algumas diferenças entre as definições adotadas pelos autores parecem justificar a necessidade de um maior investimento em estudos conceituais dedicados a definição deste tipo de comportamento.

Segundo Owen (2023) "Se nós queremos estudar autoclíticos, precisamos, primeiro, definir operacionalmente o comportamento alvo" (p. 9). Como esclareceu Skinner (1953), "Se este fosse apenas um problema teórico, não teríamos motivos para alarme; mas as teorias afetam as práticas. [...] Confusão na teoria significa confusão na prática" (p. 9). A clarificação teórica do conceito de comportamento autoclítico, portanto, parece útil não somente para o refinamento do sistema explicativo da análise do comportamento mas pode, também, corroborar com os domínios da pesquisa básica; aplicada e prestação de serviços.

Objetivos

O objetivo geral da presente pesquisa é elucidar a definição do conceito de *comportamento autoclítico* elaborado por B. F. Skinner a partir da análise do desenvolvimento histórico do conceito na obra do autor, explicitando as variáveis de controle e características das classes de respostas tipicamente envolvidas nesse tipo de comportamento.

Os objetivos específicos deste estudo são: (a) identificar ocorrências de discussões relacionadas ao conceito de comportamento autoclítico nas publicações de Skinner; (b) indicar as terminologias utilizadas por Skinner para se referir aos autoclíticos; (c) apontar os tipos de autoclíticos apresentados por Skinner; (d) apresentar as relações e diferenças apontadas por Skinner entre os autoclíticos e constructos paralelos provindos de formulações tradicionais mencionadas por ele; e (e) ilustrar a importância do conceito de comportamento autoclítico em relação a questões práticas.

Justificativas

Como uma das justificativas para a realização deste trabalho foi idealizada uma contribuição que pode trazer possíveis informações inéditas para a área sobre a definição de comportamento autoclítico (dado o fato de não terem sido encontrados outros trabalhos similares sobre o tema)⁷.

Além disso, uma melhor compreensão teórico-conceitual a cerca de um conceito importante (Catânia, 1980; Smith, 1983; Ratkos, 2023) e complexo (Smith, 1983; Santos & Souza, 2021; Bondy, 2023; Ratkos, 2023) pode beneficiar todos os domínios da análise do comportamento, impulsionando estudos experimentais sobre o tema e contribuindo para o planejamento de estratégias e protocolos de treino e intervenção, principalmente diante de um cenário no qual existe carência de estudos que investigam o tema na área, visto que os autoclíticos são os operantes verbais menos estudados quando comparados aos outros operantes verbais (Eshleman, 1991; Dyamond et. al., 2006; MacPherson et al, 1984; Oah & Dickinson, 1989; Petursdottir, 2018; Petursdottir & Devine, 2017; Sautter & Leblanc, 2006).

Outra justificativa envolve o fortalecimento da produção de pesquisas históricas, dada a prevalência histórica de pesquisas experimentais na análise do comportamento e da necessidade de ampliação de produções científicas para além das experimentais nos diversos domínios da ciência (e da filosofia dessa ciência) apontadas por Tourinho e Sério (2010) e Malavazzi (2014).

⁷ Com objetivo de identificar trabalhos histórico-conceituais já existentes que investigaram o tema comportamento autoclítico na obra de Skinner, foram consultados o Banco de Dissertações e Teses em Análise do Comportamento da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (BDTAC/Br – PUC-SP) (Micheletto, Guedes, Pereira, Silva, 2008); a biblioteca National Library of Medicine (PubMed); a base de dados da American Psychological Association (APA PsycNET) e os periódicos *Perspective on Behavior Analysis* e *The Analysis of Verbal Behavior*. Para isso, a palavra-chave *autoclitic* foi adicionada nos campos de busca intitulados Título, Resumo e Palavras-chave. No total, foram identificados 34 artigos, mas após a leitura de todos os resumos foi possível concluir que nenhum estudo com objetivos semelhantes aos da presente pesquisa foram encontrados.

Método

Com o propósito de definir as fontes de informação da presente pesquisa, foram realizados dois procedimentos de busca. Após a finalização deles, foi possível chegar à identificação das produções de B. F. Skinner que abordaram, de alguma forma, o conceito de comportamento autoclítico. Para isso, os procedimentos foram idealizados seguindo a recomendação PRISMA (Moher et al., 2009). No desenvolver da pesquisa, os procedimentos ocorreram – em termos de execução propriamente dita – de forma concomitante.

Primeiro Procedimento de Busca

O primeiro procedimento envolveu identificar, das 295 publicações de B. F. Skinner listadas em ordem cronológica por Andery, Micheletto e Sérgio (2004), todos os textos e livros digitalmente disponíveis. A busca foi realizada no acervo do portal de periódicos CAPES, por englobar diversas bases de dados em Psicologia (e. g., PubMed, Wiley Library, Scopus, PsyArticles, Web of Science), e contou com o acervo digital pessoal do autor, por contemplar mais de 100 publicações de Skinner. Após a identificação dos endereços eletrônicos, os arquivos das publicações de Skinner foram transferidos e salvos em formato PDF para uma pasta organizada em ordem cronológica. Em seguida, todos os textos duplicados foram excluídos. Posteriormente, foi examinada, por meio do acesso individual de cada um dos arquivos das publicações de Skinner, a presença de, ao menos, uma das expressões de busca definidas (que serão apresentadas posteriormente). Para isso, foi realizada uma pesquisa a partir da introdução das expressões de busca nos campos de pesquisa do programa em que os arquivos foram executados, de forma a possibilitar que a investigação ocorresse em todo o conteúdo de cada um dos livros e artigos.

Segundo Procedimento de Busca

A segunda e última etapa para a identificação das fontes de informação que foram utilizadas na presente pesquisa envolveu a busca, ao longo de todo o livro *Verbal Behavior*, pelas mesmas expressões de busca do procedimento de busca anterior (a serem apresentadas a seguir) com adição de outras expressões de busca (a serem apresentadas e justificadas posteriormente). Além disso, foi realizada a leitura, na íntegra, das seções IV e V do livro *Verbal Behavior*. Os parágrafos em que foi identificada relação aparente com o conceito de comportamento autoclítico foram registrados (independentemente da identificação ou não da ocorrência de qualquer uma das expressões de busca).

Expressões de Busca

A lista das expressões de busca selecionadas para a realização das pesquisas nos textos e livros encontrados digitalmente abrangem os seguintes termos: *autoclitic, composition, edition, frame, grammar, second order, secondary, special effect, syntax, upper system*. Foram pesquisados, também, todos os tempos verbais relacionados aos substantivos *composition* e *edition* (por exemplo: *composed, composing, composes, compose, composite, edited, editing, edit*). No caso da busca no livro *Verbal Behavior*, foram adicionadas as seguintes expressões de busca: *chapter 12; chapter 13; chapter 14; chapter 15; chapter 16; chapter 17; chapter 18; chapter 19; part IV e part V*.

Critérios de Exclusão

Foram excluídos da análise: (a) publicações de Skinner que não foram encontradas em versão digital; (b) republicações; (c) textos em que foram identificadas ocorrências de expressões de busca utilizadas por Skinner como forma de expressão (e. g., “este artigo é *composto* por duas partes”) ou que não indicavam relação com o conceito de comportamento

autoclítico (e. g., “reforçamento *secundário*); e (d) trabalhos de autores que não Skinner (por exemplo, em coletâneas) em que foram identificadas expressões de busca.

Crítérios de Seleção

Foram selecionados para análise as publicações de Skinner que contemplavam os seguintes critérios: (1) trataram sobre comportamento autoclítico utilizando o termo de forma explícita; (2) abordaram comportamento autoclítico de forma indireta, ou seja, sem fazer referência ao termo “autoclítico”, discutindo, porém, temáticas que poderiam estar relacionadas ao conceito (e. g., composição/criação/edição de textos ou discursos, entonação, pensamento verbal complexo, lógica e pensamento científico, propriedades dinâmicas do comportamento verbal) ou empregando termos provindos da linguística (e. g., gramática, sintaxe, sentença, pontuação).

Procedimento de Análise

Para cada expressão de busca elencada foi criada uma planilha na qual toda ocorrência identificada foi registrada e numerada, em ordem cronológica, junto de informações gerais do texto como: 1) título original da publicação em que ela ocorreu; 2) ano de publicação; 3) título do capítulo (quando houve); 4) subtítulo (quando houve); 5) uma cópia do parágrafo em que foi identificado a expressão de busca; e 6) o número da página.

Os artigos em que foram identificados parágrafos que se relacionavam com as categorias de análise propostas foram lidos na íntegra e as passagens de texto em que foram identificadas ao menos uma das expressões de busca listadas que se relacionavam com as categorias de análise concebidas (a serem apresentadas a seguir) foram grifadas em cores diferentes; cada cor respectiva a cada uma das categorias de análise.

Os trechos grifados foram agrupados em planilhas independentes, de acordo com as categorias de análise e organizados em ordem cronológica (tanto no que se refere a sequência

das páginas quanto aos anos de publicação), de forma a facilitar a análise da construção história e transformações do conceito de comportamento autoclítico ao longo dos anos.

Categorias de Análise

Os trechos foram grifados conforme foi reconhecida relação com as seguintes categorias: (a) Terminologias do comportamento autoclítico; (b) Variáveis de Controle e Características das Classes de Respostas Tipicamente Envolvidas no Comportamento Autoclítico; (c) Tipos de Comportamento Autoclítico; (d) Comportamento Autoclítico e Formulações Tradicionais; e (e) Comportamento Autoclítico e Questões Práticas. Os trechos agrupados por cor foram relidos, visando responder às seguintes questões:

Terminologias do comportamento autoclítico

- Quais terminologias Skinner utilizou para se referir ao conceito de comportamento autoclítico? Essas expressões mudaram ao longo dos anos?

Variáveis de controle e características das classes de respostas tipicamente envolvidas no comportamento autoclítico

- Quais são as variáveis de controle antecedentes do comportamento autoclítico?
- As variáveis de controle antecedentes do comportamento autoclítico consistem, necessariamente, em algum aspecto do comportamento do *próprio* falante? Seria possível, segundo Skinner, um comportamento autoclítico ocorrer sob controle de algum aspecto do comportamento de outro falante?
- Seria possível uma resposta autoclítica ficar sob controle de autoclíticos (ainda que estes estejam acompanhados de operantes verbais primários, visto que os autoclíticos não são emitidos isoladamente)?

- Quando Skinner afirma que autoclíticos dependem de outros operantes verbais, o que ele quer dizer?
- As classes de respostas autoclíticas têm correspondência formal e/ou ponto a ponto com os estímulos verbais que as controlam?
- Qual é o evento estabelecido como reforço no caso do comportamento autoclítico?
- O que significa dizer que os autoclíticos “alteram” o efeito de outros comportamentos verbais?
- Quais são os tipos de reforçadores envolvidos no comportamento autoclítico (i.e., específicos e/ou generalizados)?

Tipos de comportamento autoclítico

- Quais tipos de comportamento autoclítico Skinner apresentou?

Comportamento autoclítico e tratamentos tradicionais

- Quais outras disciplinas citadas por Skinner tratam sobre fenômenos que envolvem comportamentos autoclíticos?
- O que a análise do comportamento tem a agregar/defrontar com relação aos constructos e explicações destas disciplinas?

Comportamento autoclítico e questões práticas

- Skinner apresentou discussões que envolvem a importância do conceito de comportamento autoclítico para tecnologias ou aplicações?
- Skinner apresentou, descreveu ou sugeriu algum tipo de aplicação/tecnologia derivada do estudo do comportamento autoclítico? Em caso positivo, quais?
- Skinner discutiu o conceito de comportamento relacionado a questões práticas?

Resultados

A Figura 1 apresenta um fluxograma que sintetiza os dados relativos ao número de trabalhos de B. F. Skinner selecionados nas fases de identificação, triagem, elegibilidade e inclusão final na pesquisa⁸. Das duzentas e noventa e cinco obras listadas por Andery, Micheletto e Sérgio (2004), foram encontradas duzentas e trinta publicações digitalmente disponíveis; sessenta e cinco artigos foram excluídos do presente estudo, por não terem sido encontrados em versões digitais⁹. A busca pelas publicações de Skinner possibilitou a localização de outros doze artigos para além dos trabalhos especificados pelas autoras. Após a exclusão de trabalhos duplicados (n=7), totalizaram duzentas e trinta e cinco obras nas quais a pesquisa pelas expressões de busca foi realizada¹⁰; parcela que representa 78,33% da obra completa do autor. Deste total, restaram setenta e três trabalhos que constavam, ao menos, uma das expressões de busca elencadas (mil seiscentas e dezoito passagens de texto, respectivamente). Destas, um total de setecentas e quarenta e sete passagens de texto (distribuídas ao longo de vinte e um trabalhos) foram excluídas, por não apresentarem relação com o conceito de comportamento autoclítico. Chegou-se, então, a um total de cinquenta e dois trabalhos que foram lidos na íntegra e selecionados para análise¹¹.

⁸ Fluxograma realizado de acordo com o método PRISMA: Moher, D., Liberati, A., Tetzlaff, J., Altman, D. G. (2009). Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analysis: the PRISMA statement. *Annals of Internal Medicine*, 151 (4). 264-269. <https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1000097>

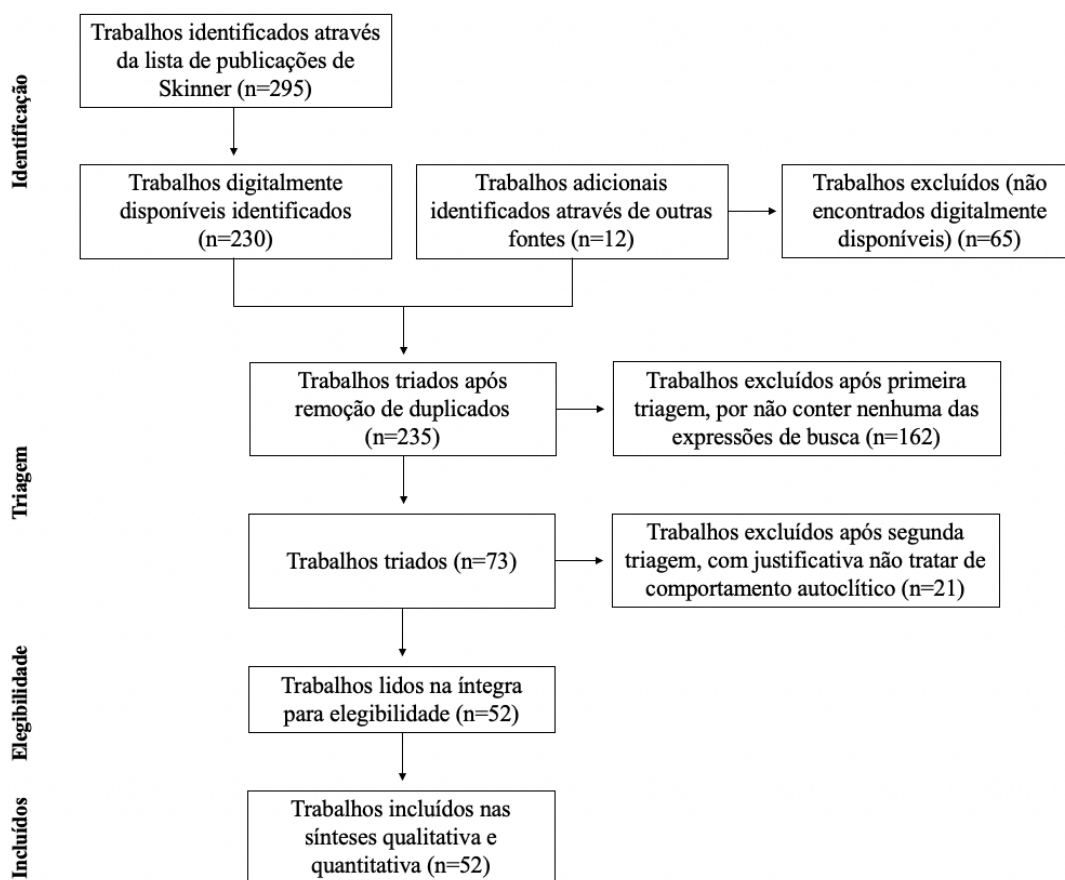
⁹ O Apêndice C apresenta as referências das publicações de Skinner que não foram encontradas em versões digitais.

¹⁰ O Apêndice B apresenta as referências das publicações de Skinner em que foi realizada a pesquisa pelas expressões de busca elencadas.

¹¹ O Apêndice A apresenta as referências das publicações de Skinner que foram selecionadas para análise neste estudo.

Figura 1

Fluxograma que Apresenta os Números de Artigos Seleccionados nas Fases de Identificação, Triagem, Elegibilidade e Inclusão Final na Pesquisa



Skinner publicou vinte e um livros ao longo de sua vida; o primeiro no ano de 1938 e o último em 1989. A primeira aparição do termo *autoclitic* ocorreu em 1957, em seu quinto livro publicado, *Verbal Behavior*, no título do capítulo 12: *The Autoclitic* (o primeiro capítulo da Parte IV, intitulada “A manipulação do comportamento verbal”). Apesar do termo ter sido empregado pela primeira vez por Skinner em 1957, o próprio autor sinalizou já ter trazido, quatro anos antes, discussões relevantes para o tema comportamento autoclítico sem mencioná-

lo explicitamente (em seu terceiro livro escrito, *Science and Human Behavior*, no capítulo nomeado “O Self”).

Na Tabela 1, é apresentado o número de ocorrências do termo *autoclitic* nas publicações de Skinner triadas. Skinner mencionou a palavra *autoclitic* duzentas e sessenta e cinco vezes em seu livro *Verbal Behavior*. Após apresentar e nomear o conceito de comportamento autoclítico, o autor voltou a mencionar o termo apenas 20 anos depois, em seu artigo *The Experimental Analysis of Operant Behavior*, republicado um ano mais tarde no livro *Reflections on Behaviorism and Society*. Três anos depois, no livro *Notebooks*, a palavra *autoclitic* foi citada vinte vezes. Em 1983, o termo apareceu três vezes, em sua terceira autobiografia *A Matter of Consequences*. A partir desse momento, Skinner discutiu o tema comportamento autoclítico explicitamente em todos os seus livros publicados até o fim de sua vida. Em 1984, no livro *Cannonical Papers of B. F. Skinner*, a palavra *autoclitic* foi referida três vezes, e quatro vezes no artigo intitulado *The Evolution of Verbal Behavior*, publicado originalmente em 1986 (republicado em 1987 no livro *Upon Further Reflection*). Finalmente, em 1989, o termo foi empregado sete vezes no artigo *The Behavior of the Listener* (republicado um ano mais tarde no livro *Recent Issues in the Analysis* e uma vez no texto *The School of the Future*, produção original do livro *Recent Issues in the Analysis of Behavior*).

É possível verificar, ainda na Tabela 1, que o livro *Verbal Behavior*, dentre as publicações pesquisadas, é a obra em que o termo autoclítico mais ocorre e mais é discutido. O livro *Notebooks* é a publicação em segundo lugar em que mais aparece a palavra *autoclitic*; importante lembrar que se trata de uma coletânea de notas que foram escritas em diferentes momentos da vida de Skinner (uma estratégia do próprio autor de produzir e organizar escritos para a produção posterior de novos materiais, publicada mais tarde em parceria com Epstein).

Tabela 1

Número de Ocorrências do Termo “Autoclitic” nas Publicações de B. F. Skinner Triadas

Título original de publicação	Ano de publicação original	Ocorrências do termo <i>autoclitic</i>
Verbal Behavior	1957	265
The Experimental Analysis of Operant Behavior	1977	1
Notebooks	1980	20
A Matter of Consequences: Part Three of an Autobiography	1983	3
Cannonical Papers of B. F. Skinner	1984	3
The Evolution of Verbal Behavior	1986	4
The Behavior of The Listener	1989	7
The School of the Future	1989	1

A Figura 2 ilustra o número acumulado de ocorrências de expressões de busca nos anos de publicações de Skinner. O gráfico com quebra foi adicionado para realçar os dados relativos ao período posterior a publicação do livro *Verbal Behavior* (1958 a 2004), que, devido a enorme diferença de número ocorrências com relação às outras publicações, ficaram desvanecidos.

Pode-se destacar que o livro *Verbal Behavior* é, indubitavelmente e de forma discrepante, a obra em que Skinner mais discute comportamento autoclítico. A disparidade do emprego do termo *autoclitic* no livro *Verbal Behavior* com relação às demais obras pesquisadas justificou o procedimento de busca específico para a investigação feita no livro *Verbal Behavior* (i.e., a busca pelas expressões de busca adicionais *chapter 12; chapter 13; chapter 14; chapter 15; chapter 16; chapter 17; chapter 18; chapter 19; part IV e part V* e a leitura, na íntegra, das Partes IV e V de *Verbal Behavior*), considerando, também, os fatos de: 1) tratar-se da primeira

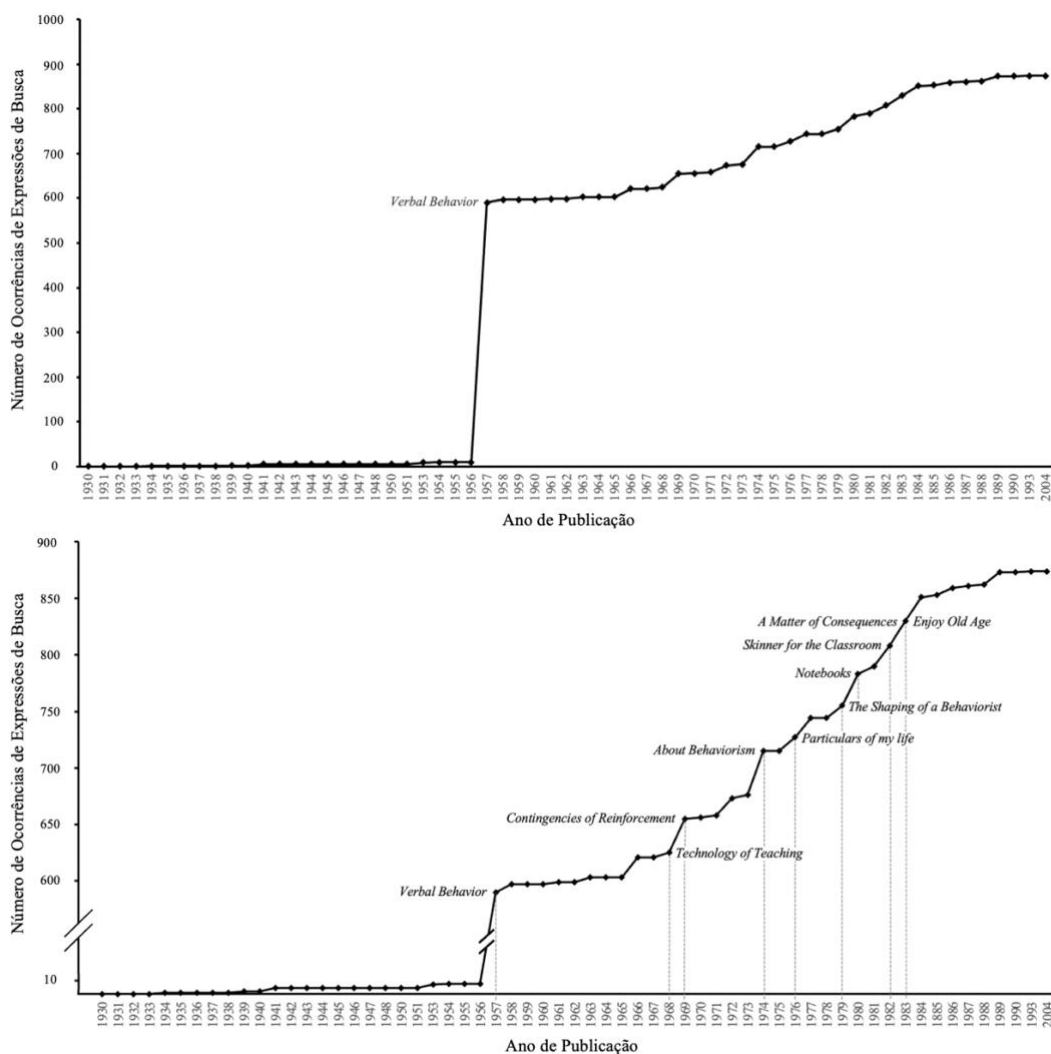
manifestação do termo na cronologia das produções pesquisadas e 2) ser a única obra em que existe um capítulo destinado exclusivamente ao assunto investigado na presente pesquisa.

Além disso, observa-se que, após a publicação do livro *Verbal Behavior*, o conceito de comportamento autoclítico e discussões relacionadas ao tema são abordados com maior frequência, com acelerações positivas significativas no período relativo ao final de sua obra, de forma mais demarcada a partir de 1965.

Apesar de o termo *autoclitic* não ter sido mencionado durante dois períodos longos da obra de Skinner; o primeiro relativo a 19 anos (do seu primeiro livro escrito em 1938 até 1957) e o segundo que representa um intervalo de 20 anos (do ano de 1957 até 1977), nota-se que discussões relacionadas a temática do comportamento autoclítico, sem que o termo fosse explicitamente empregado, ocorreram durante um período longo de sua obra (de 1941 a 2004).

Figura 2

Total Acumulado de Ocorrências de Expressões de Busca nos Anos de Publicações de B. F. Skinner com e sem Quebra de Gráfico

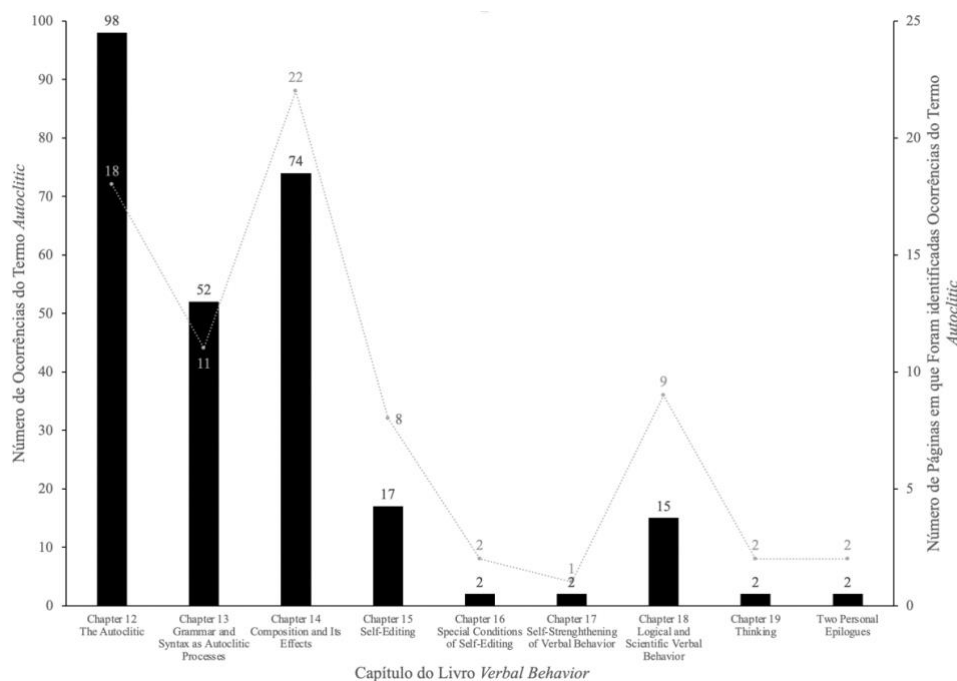


As ocorrências da palavra *autoclitic* concentram-se nas Partes IV e V do livro *Verbal Behavior*, conforme ilustrado pela Figura 3, na qual são apresentadas as ocorrências e número de páginas por capítulos em que o termo *autoclitic* foi identificado. Como pode-se observar, a palavra *autoclitic* é referenciada mais vezes no capítulo 12 (The Autoclitic) do que em todos os outros. Por outro lado, também é possível verificar que o número de ocorrências

do termo *autoclitic* está concentrado em um menor número de páginas do que no capítulo 14, nomeado “Composição e seus efeitos”, em que há uma maior distribuição da menção ao termo ao longo do capítulo. É possível notar, também, que o termo *autoclitic* está distribuído em um número de páginas significativo nos capítulos que discutem auto-edição e comportamento verbal lógico e científico.

Figura 3

Ocorrências do Termo “autoclitic” e Número de Páginas em que Foram Identificadas e Ocorrências do Termo “autoclitic” por Capítulos do Livro Verbal Behavior



A Tabela 2 ilustra o número de ocorrências das expressões de busca “Chapter 12”; “Chapter 13” e “Chapter 14” por capítulos do livro *Verbal Behavior*. Os capítulos *The Autoclitic* e *Composition and Its Effects* foram mais citados no capítulo 4: *The Tact*.

Tabela 2

Número de Referências Feitas às Expressões de Busca “Chapter 12”, “Chapter 13” e “Chapter 14” por Capítulos do Livro Verbal Behavior

Expressão de Busca	Número de Ocorrências	Título Original do Capítulo do Livro <i>Verbal Behavior</i> em que a Expressão de Busca foi Identificada
Chapter 12 (<i>The Autoclitic</i>)	4	Chapter 5. <i>The Tact</i>
	2	Chapter 3. <i>The Mand</i>
	2	Chapter 10. <i>Supplementary Stimulation</i>
	1	Chapter 6. <i>Special Conditions Affecting Stimulus Control</i>
	1	Chapter 8. <i>The Verbal Operant as a Unit of Analysis</i>
	1	Chapter 14. <i>Composition and its Effects</i>
	1	Chapter 19. <i>Thinking</i>
Chapter 13 (<i>Grammar and Syntax as Autoclitic Processes</i>)	1	Chapter 4. <i>Verbal Behavior Under the Control of Verbal Stimuli</i>
	1	Chapter 5. <i>The Tact</i>
	1	Chapter 8. <i>The Verbal Operant as a Unit of Analysis</i>
	1	Chapter 12. <i>The Autoclitic</i>
	1	Chapter 14. <i>Composition and its Effects</i>
Chapter 14 (<i>Composition and Its Effects</i>)	5	Chapter 5. <i>The Tact</i>
	3	Chapter 10. <i>Supplementary Stimulation</i>
	1	Chapter 4. <i>Verbal Behavior Under the Control of Verbal Stimuli</i>
	1	Chapter 11. <i>New Combination of Fragmentary Responses</i>
	1	Chapter 17. <i>Self-Strengthening of Verbal Behavior</i>
	1	Chapter 18. <i>Logical and Scientific Verbal Behavior</i>
	1	Chapter 19. <i>Thinking</i>

As expressões de busca exclusivas do procedimento delineado para a pesquisa no livro *Verbal Behavior*, que fazem referência aos números dos capítulos pertencentes a Parte IV (que,

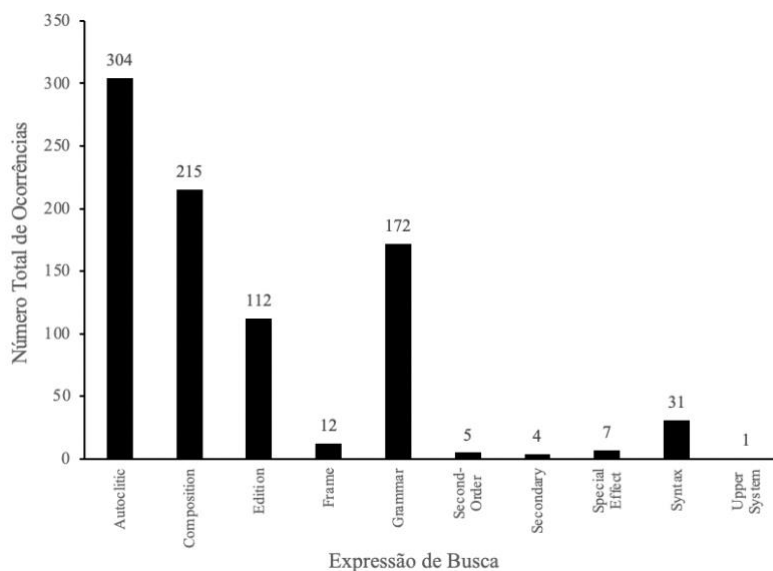
como visto, é aquela na qual o tema comportamento autoclítico é mais tratado) ilustram os momentos, ao longo do livro todo, nos quais Skinner discutiu temáticas relacionadas ao tema comportamento autoclítico sem explicitar diretamente o termo. No total, as expressões de busca adicionadas foram mencionadas trinta e uma vezes no livro *Verbal Behavior*.

Conforme apresentado na Figura 4, que mostra o número total de ocorrências por expressão de busca nas publicações de Skinner analisadas, a expressão de busca que mais ocorreu foi a palavra *autoclitic*, seguida por *composition*, *grammar* e *edition*. Pode-se destacar que *Second-Order*, *Secondary*, e *Upper System*, foram termos empregados por Skinner de forma ínfima, quando comparado, por exemplo, ao número de referências feitas ao termo *autoclitic*. Vale citar que uma parte considerável das ocorrências do termo *edit* ocorreram junto da palavra *composition*, ou seja, foram identificadas em um mesmo parágrafo.

Figura 4

Número Total de Ocorrências por Expressão de Busca nas Publicações de B. F. Skinner

Analisadas



Terminologias dos Operantes Verbais

Ao longo de sua obra, Skinner utilizou diversas terminologias para se referir aos operantes verbais. Para as relações intituladas mando, tato, ecóico, intraverbal, textual e transcrição, discutidas ao longo das Partes II e III do livro *Verbal Behavior*, Skinner (1957/1992) empregou termos como “respostas brutas”¹² (pp. 31, 347), “matéria bruta”¹³ (pp. 312, 382), “não autoclítico”¹⁴ (p. 319), “respostas primárias”¹⁵ (p. 327), “operantes básicos”¹⁶ (p. 348), “comportamento verbal bruto”¹⁷ (p. 382) e “comportamento verbal simples” (p. 422)¹⁸. Treze anos depois, no livro *Notebooks*, Skinner (1980) fez referência aos operantes verbais primários como “comportamento verbal primordial”¹⁹ (pp. 204, 205) e “comportamento verbal de primeira-ordem”²⁰ (p. 353).

Como visto, o termo *autoclítico* apareceu pela primeira vez no capítulo 12 do livro *Verbal Behavior*, intitulado “O Autoclítico”. No decorrer das Partes IV e V, Skinner (1957/1992) recorreu a demais expressões, como por exemplo “comportamento de segunda-ordem”²¹ (p. 117), “atividades de segunda ordem”²² (p. 219), “ação autoclítica”²³ (p. 336), “comportamento autoclítico” (pp. 320, 330, 335, 336, 344, 355, 356), “respostas autoclíticas”²⁴ (pp. 344, 355, 382), “atividade autoclítica”²⁵ (pp. 325, 329, 339, 343, 345, 348, 350, 382), “processos

¹² Em inglês, “raw responses” (Skinner, 1992, pp. 31, 347).

¹³ Em inglês, “raw material” (Skinner, 1992, pp. 312, 382).

¹⁴ Em inglês, “nonautoclitic” (Skinner, 1992, p. 319).

¹⁵ Em inglês, “primary responses” (Skinner, 1992, p. 327).

¹⁶ Em inglês, “basic operants” (Skinner, 1992, p. 348).

¹⁷ Em inglês, “raw verbal behavior” (Skinner, 1992, p. 382).

¹⁸ Em inglês, “simple verbal behavior” (Skinner, 1992, p. 422).

¹⁹ Em inglês, “primordial verbal Behavior” (Skinner, 1970, pp. 204, 205).

²⁰ Em inglês, “first-order verbal behavior” (Skinner, 1970, p. 353).

²¹ Em inglês, “second-order behavior” (Skinner, 1992, p. 117).

²² Em inglês, “second order activities” (Skinner, 1992, p. 219).

²³ Em inglês, “autoclitic action” (Skinner, 1992, p. 336).

²⁴ Em inglês, “autoclitic responses” (Skinner, 1992, pp. 344, 355, 382)

²⁵ Em inglês, “autoclitic activity” (Skinner, 1992, p. 325, 329, 339, 343, 345, 348, 350, 382).

autoclíticos”²⁶ (p. 331), “função autoclítica”²⁷ (pp. 316, 318, 319, 320, 321, 322, 325, 326, 332, 333, 335, 347, 356, 424), “propósitos autoclíticos”²⁸ (p. 340), “ordem autoclítica”²⁹ (pp. 333, 344). “expressão autoclítica”³⁰ (pp. 319, 370), “forma autoclítica”³¹ (pp. 336, 384) e “dispositivos autoclíticos”³² (pp. 321, 332). Houve, também, a menção do termo num sentido adverbial: “autocliticamente”³³ (pp. 346, 349). Skinner (1957/1992), ainda, adjetivou o termo em alguns momentos: “autoclítico controverso”³⁴ (pp. 315, 316), “autoclítico genuíno”³⁵ (p. 324), “autoclíticos apropriados”³⁶ (pp. 336, 369, 387, 420, 425, 507) e “autoclíticos especiais”³⁷ (p. 346). Outras expressões utilizadas por Skinner em 1957 como sinônimos de respostas autoclíticas foram “respostas colaterais”³⁸ (pp. 89, 315, 421) e “respostas adicionais”³⁹ (pp. 106, 369). Vinte e um anos mais tarde, em 1978, no livro *Reflections on Behaviorism and Society*, Skinner falou em “técnicas autoclíticas”⁴⁰ (p. 123) e em 1980, em seu livro *Notebooks*, o autor referiu-se ao comportamento autoclítico como “respostas de segunda ordem”⁴¹ (p. 353). Quatro anos depois, em 1984, o autor utilizou os termos “material adicional”⁴² (p. 575) e “dispositivos autoclíticos”⁴³ (p. 575) em seu livro *Cannonical Papers of B. F. Skinner*.

²⁶ Em inglês, “autoclitic processes” (Skinner, 1992, p. 331).

²⁷ Em inglês, “autoclitic function” (Skinner, 1992, pp. 316, 318, 319, 320, 321, 322, 325, 326, 332, 333, 335, 347, 356, 424).

²⁸ Em inglês, “autoclitic purposes” (Skinner, 1992, p. 340).

²⁹ Em inglês, “autoclitic order” (Skinner, 1992, pp. 333, 344).

³⁰ Em inglês, “autoclitic expression” (Skinner, 1992, pp. 319, 370).

³¹ Em inglês, “autoclitic form” (Skinner, 1992, pp. 336, 384).

³² Em inglês, “autoclitic devices” Skinner, 1992, pp. 321, 332).

³³ Em inglês, “autoclitically” (Skinner, 1992, pp. 346, 349).

³⁴ Em inglês, “controversial autoclitic” (Skinner, 1992, pp. 315, 316).

³⁵ Em inglês, “genuine autoclitic” (Skinner, 1992, p. 324).

³⁶ Em inglês, “appropriate autoclitics” (Skinner, 1992, pp. 336, 369, 387, 420, 425, 507).

³⁷ Em inglês, “special autoclitics” (Skinner, 1992, p. 346).

³⁸ Em inglês, “colateral response” (Skinner, 1992, pp. 89, 315, 421).

³⁹ Em inglês, “additional response” (Skinner, 1992, pp. 106, 369).

⁴⁰ Em inglês, “autoclitic techniques” (Skinner, 1978, p. 123).

⁴¹ Em inglês, “second order response” (Skinner, 1980, p. 353).

⁴² Em inglês, “additional material” (Skinner, 1992, p. 575).

⁴³ Em inglês, “autoclitic devices” (Skinner, 1984, p. 575).

Comportamento Autoclítico: Contingência de Reforçamento

Na parte II de seu livro *Verbal Behavior*, Skinner (1957/1992) descreveu de forma detalhada seis tipos de operantes verbais básicos e a audiência. Em síntese, o autor definiu e classificou cada um dos operantes verbais a partir de suas respectivas contingências de reforçamento (que são mantidas por determinadas comunidades verbais), indicando as variáveis ambientais de controle antecedentes (estímulos discriminativos e/ou variáveis do campo da motivação e emoção); especificidades das classes de respostas tipicamente envolvidas nas diferentes relações, e os tipos de eventos subsequentes. Uma característica das relações verbais apresentadas por Skinner (1957/1992) é a existência ou não de correspondência formal ou apenas correspondência ponto a ponto entre o estímulo antecedente e a resposta emitida.

A correspondência formal, explicou Skinner (1957/1992), pode ser identificada quando determinada classe de estímulos e respostas ocorrem com a mesma topografia. Essa topografia semelhante reside nos seguintes fatos: (a) a classe de estímulos e respostas em questão ocorrem nas mesmas dimensões⁴⁴ (i.e., vocal, escrita ou gestual); e (b) existe correspondência ponto a ponto entre a classe de estímulos e a classe de respostas em questão. Dito de outra forma, existe uma relação estável/invariável entre a classe de estímulos e respostas. É o caso, por exemplo, dos operantes verbais ecóico e transcrição (cópia). Em ambas as relações, tanto a classe de estímulos, quanto a classe de respostas, ocorrem na mesma modalidade (no primeiro caso vocal, e, no segundo, escrita), apresentando correspondência ponto a ponto entre si.

Skinner (1957/1992) também apontou relações nas quais não há correspondência formal entre classes de estímulos e respostas, mas que, ainda assim, apresentam correspondência ponto

⁴⁴ Skinner (1992) utilizou diferentes termos para se referir as diferentes “modalidades” (p. 65) de respostas verbais, como por exemplo: “dimensão” (Skinner, 1992, p. 446) e “media”(Skinner, 1992, p. 191). As modalidades são: “vocal, escrita ou gestual” (Skinner, 1992, p. 446).

a ponto. No comportamento textual (em que a classe de estímulos é escrita e a classe de respostas é vocal) e no ditado (em que a classe de estímulos é vocal e a classe de respostas é escrita) as classes de estímulos e respostas ocorrem em diferentes modalidades e topografias, porém, cada classe de estímulos evoca sistematicamente uma determinada classe de respostas, mantendo, assim, correspondência ponto a ponto entre si. Existe, ainda, um operante verbal no qual não se observa correspondência formal ou apenas ponto a ponto entre a classe de estímulos verbais e as respostas verbais: o intraverbal.

Assim, ressaltou Skinner (1957/1992), um operante verbal que apresenta correspondência formal entre a classe de estímulos e respostas verbais nunca seria similar a um operante verbal que apresenta correspondência ponto a ponto, pois sempre apresentariam propriedades distintas. Conforme exemplificou Skinner (1957/1992), “no comportamento ecóico, a correspondência na qual o reforço se baseia pode servir como um reforçador condicionado automático.”⁴⁵ (p. 68). Este reforço, explicou o autor, aproximaria cada vez mais a forma da resposta da forma do estímulo e produziria uma correspondência mais precisa possível. Já o “reforço automático da leitura de um texto ‘interessante’, entretanto, tem apenas o efeito de aumentar a probabilidade de ocorrência de tal comportamento; não reforça diferencialmente as formas corretas no nível fonético”⁴⁶ (pp. 68-69).

Da classificação dos operantes verbais primários, Skinner (1957/1992) evoluiu a discussão para os processos complexos que tratamentos tradicionais descreveriam como “o uso

⁴⁵ Em inglês, “In echoic behavior, the correspondence upon which reinforcement is based may serve as an automatic conditioned reinforcer.” (Skinner, 1992, p. 68).

⁴⁶ Em inglês, “The automatic reinforcement of reading an ‘interesting’ text, however, has merely the effect of increasing the probability of occurrence of such behavior; it does not differentially reinforce correct forms at the phonetic level.” (Skinner, 1992, pp. 68-69).

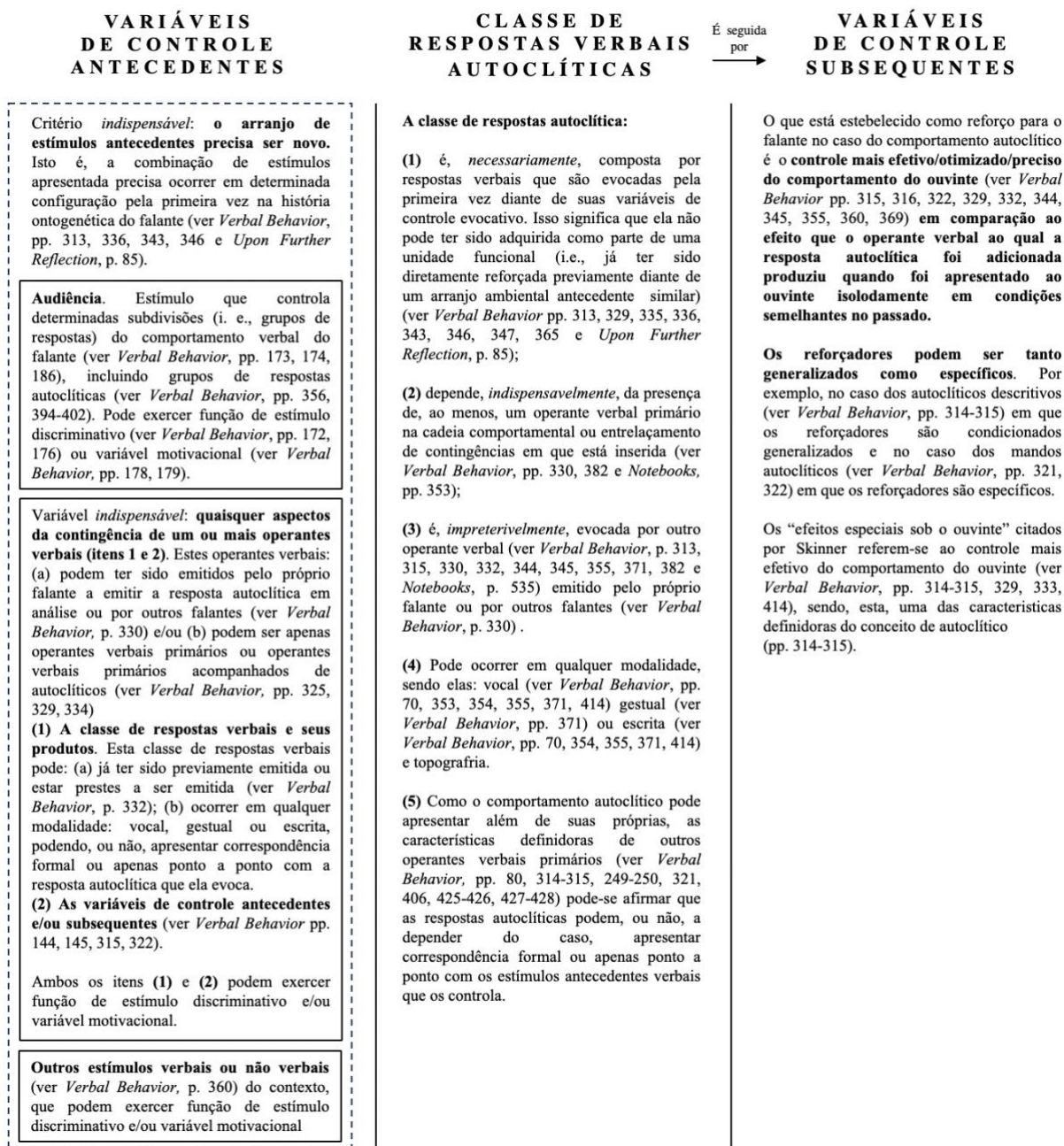
da linguagem”. A característica dinâmica e complexidade envolvida no comportamento verbal não justifica a suposição de qualquer processo que não seja fundamentado nos princípios básicos já descobertos pela análise do comportamento, argumentou o autor: “Ao reconhecer a natureza comportamental das relações até agora discutidas, preparamos o terreno para estes fenômenos mais complicados e poderemos lidar com eles com os mesmos princípios e leis”⁴⁷ (p. 199).

Apontados os principais critérios para a classificação de todo e qualquer operante verbal, caberia a pergunta: qual é a contingência responsável pela emissão do comportamento autoclítico? A leitura em ordem cronológica dos textos de Skinner selecionados para análise neste estudo permitiu a identificação das principais variáveis de controle do comportamento autoclítico previstas pelo autor. A Figura 5 ilustra a contingência do comportamento autoclítico e seus respectivos aspectos. Em seguida, serão apresentados alguns trechos da obra de Skinner para fundamentar essa análise, a partir da interpretação e sintetização do conteúdo elaborado pelo autor.

⁴⁷ Em inglês, “In recognizing the behavioral nature of the relations so far discussed, we have prepared the ground for these more complicated phenomena and may deal with them with the same principles and laws.” (Skinner, 1992, p. 199).

Figura 5

A Contingência do Comportamento Autoclítico



Condições antecedentes do comportamento autoclítico

No decorrer da parte IV do livro *Verbal Behavior*, assim como no artigo intitulado “The Evolution of Verbal Behavior”, Skinner (1957/1989/1992) descreveu diferentes condições

antecedentes evocativas das respostas autoclíticas e suas características. Os principais pontos a serem discutidos sobre as variáveis antecedentes do comportamento autoclítico serão abordados separadamente.

Arranjo de variáveis de controle antecedente genuinamente novo

Um primeiro critério definidor importante a ser apresentado envolve o fato de que o arranjo das variáveis de controle antecedente do comportamento autoclítico precisa ser genuinamente novo. Segundo Skinner (1957/1992), “É apenas diante de ocasiões genuinamente novas”⁴⁸ (p. 343) que o falante emite respostas verbais autoclíticas. Skinner (1987) explicou que uma classe de respostas verbal que, no passado, foi seguida por reforço, será evocada diante de condições antecedentes similares às presentes no momento do reforçamento (*similares* no sentido de que nunca serão exatamente as mesmas). “Se a ocasião sob a qual um mando ou tato foi reforçado ocorrer essencialmente inalterada, o comportamento não necessita de maiores explicações. O reforçamento teve o seu efeito habitual. A questão crucial é o que acontece quando uma pessoa diz algo que ele ou ela nunca disse antes”⁴⁹ (p. 85), ressaltou Skinner (1957/1992). Nesse sentido, quando o sujeito for exposto a estímulos antecedentes que possuam as mesmas características definidoras (i.e., sem apresentar discrepâncias significativas) da classe de estímulos anteriormente criada a partir de uma história reforçamento diferencial, a classe de respostas será evocada, e o reforçamento continuará fortalecendo as mesmas relações de controle entre a classe de respostas e suas respectivas variáveis de controle antecedentes e subsequentes.

⁴⁸ Em inglês, “It is only upon genuinely novel occasions” (Skinner, 1992, p. 343).

⁴⁹ Em inglês, “If the occasion upon which a mand or tact has been reinforced re- curs essentially unchanged, the behavior needs no further explanation. Reinforcement has had its usual effect. The crucial question is what happens when a person says something he or she has never said before.” (Skinner, 1987, p. 85).

Se todo comportamento operante é evocado por determinadas condições antecedentes, como, então, seria possível a emissão de respostas verbais que nunca foram emitidas antes? (como, por exemplo, as respostas autoclíticas, como veremos no subtópico que destina-se a descrever as características das classes de respostas tipicamente envolvidas no comportamento autoclítico). Skinner (1989) explicou que respostas novas ocorrem sob controle de estímulos antecedentes também “novos” (caso contrário, como visto, diante das mesmas condições antecedentes, seriam evocadas sempre as mesmas classes de respostas já instaladas). Respostas verbais que nunca ocorreram antes, esclareceu Skinner (1989), ocorrem diante de uma combinação de estímulos antecedentes que, na história ontogenética do indivíduo, nunca foram apresentados antes neste conjunto específico: trata-se de um arranjo ambiental composto por elementos que, separadamente, já tiveram função evocativa, mas, agora, foram apresentados juntos pela primeira vez. “Comportamentos novos ocorrem diante de novas ocasiões, e uma ocasião é nova no sentido de que suas características não apareceram nunca antes em um mesmo arranjo.”⁵⁰ (p. 85) clarificou Skinner (1987).

Assim, apesar de um indivíduo nunca ter falado antes *Chuva* em tom de voz de decepção, ao ter sido exposto a histórias de reforçamento diferencial em diferentes instâncias nas quais (a) o tom de voz desapontado e (b) dizer *Chuva* diante da chuva (um tato) foram seguidos por reforço, seria possível o falante dizer, pela primeira vez, *Chuva* em tom de desapontamento, como ilustra a seguinte passagem: “Algo foi adicionado ao tato. Foi adicionado a outras respostas no passado com consequências reforçadoras, mas nunca antes à *Chuva*. A

⁵⁰ Em inglês, “Novel behavior occurs upon novel occasions, and an occasion is novel in the sense that its features have not appeared together before in the same arrangement.” (Skinner, 1987, p. 85).

possibilidade de recombinação dos elementos de respostas vocais desta forma é responsável por grande parte do poder e do alcance do comportamento verbal”⁵¹ (p. 85).

Como evidenciou Skinner (1957/1992), “Um conjunto de variáveis pode ser tão incomum ou tão complexo que o comportamento verbal passado do falante não produz nenhum padrão comum apropriado.”⁵² (p. 346). Nesse sentido, diante de variáveis “incomuns”/inéditas, o repertório do indivíduo poderá não ser suficiente para responder apropriadamente ao ambiente, e é sob este contexto que ele poderá emitir uma resposta autoclítica igualmente “incomum”/inédita:

O falante é o organismo que se engaja em ou executa comportamento verbal. Ele é também um locus – um lugar no qual um número de variáveis se juntam *em uma confluência única* para produzir uma realização *igualmente única*. [ênfases adicionadas]⁵³ (Skinner, 1992, p. 313)

Quando o arranjo das variáveis de controle antecedentes não é genuinamente novo, Skinner (1957/1992) categoricamente alertou: não há atividade autoclítica. A partir do momento em que uma resposta autoclítica ocorre e é seguida por reforço, ela se torna parte uma unidade funcional, ou seja, uma relação comportamental que foi selecionada por meio de uma história de reforçamento. A forma autoclítica (i. e., topografias de respostas que historicamente

⁵¹ Em inglês, “Something has been added to the tact. It has been added to other responses in the past with reinforcing consequences but never before to *Rain*. The possibility of recombining the elements of vocal responses in this way accounts for much of the power and scope of verbal behavior.” (Skinner, 1986, p. 85).

⁵² Em inglês, “A set of variables may be so unusual or so complex that the past verbal behavior of the speaker yields no appropriate standard pattern.” (Skinner, 1992, p. 313).

⁵³ Em inglês, “The speaker is the organism which engages in or executes verbal behavior. He is also a locus – a place in which a number of variables come together in a unique confluence to yield an equally unique achievement.” (Skinner, 1992, p. 313).

ocorreram como respostas autoclíticas e que variam de acordo com as práticas de uma determinada comunidade verbal) não implica necessariamente em atividade autoclítica, como observou Skinner (1957/1992): “conforme o comportamento verbal se desenvolve no falante individual, respostas cada vez maiores adquirem unidade funcional, e nem sempre precisamos especular sobre a ação autoclítica quando uma resposta parece incluir uma forma autoclítica”⁵⁴ (p. 336). Para Skinner (1957/1992), portanto, para reconhecermos uma resposta autoclítica não basta indicarmos sua topografia. “Não é suficiente apontar a presença de formas autoclíticas em uma língua”⁵⁵ (p. 335), explicou o autor, é necessário identificar quais são os processos que levam à sua emissão.

Audiência

Outra condição antecedente do comportamento autoclítico apontada por Skinner (1957/1992) é a audiência, a qual Skinner dedicou um capítulo inteiro de seu livro *Verbal Behavior*. Variável de controle antecedente também presente na contingência de todos os outros operantes verbais, a audiência é caracterizada pelos seguintes elementos definidores: (1) é uma variável de controle antecedente para a resposta verbal do falante; (2) enquanto uma condição antecedente, pode exercer função de estímulo discriminativo (pp. 172, 176) ou variável motivacional (pp. 178, 179); (3) controla determinadas subdivisões do comportamento verbal do falante (grupos de respostas) (pp. 173, 174, 186); e (4) o controle exercido pela audiência ocorre sempre em conjunto com outras variáveis que são responsáveis por determinar mais especificamente a topografia da resposta (p. 172).

⁵⁴ Em inglês, “as verbal behavior develops in the individual speaker, larger and larger responses acquire functional unity, and we need not always speculate about autoclitic action when a response appears to include an autoclitic form.” (Skinner, 1992, p. 336).

⁵⁵ Em inglês, “It is not enough to point to the presence of autoclitic forms in a language.” (Skinner, 1992, p. 335).

No capítulo 16 do livro *Verbal Behavior*, por exemplo, intitulado “Condições Especiais de Auto-edição”, Skinner (1957/1992), no subtópico “Edição como uma função de audiências especiais” (pp. 394-402), discorreu sobre como diferentes tipos de audiência controlam o comportamento autoclítico. Conforme Skinner (1957/1992), a audiência, enquanto variável de controle antecedente, controla grupos de respostas autoclíticas: “Subdivisões especiais de uma dada comunidade verbal podem atuar como audiências separadas para determinar o nível de comportamento autoclítico”⁵⁶ (p. 356).

Quaisquer aspectos da contingência de um ou mais operantes verbais

Quaisquer aspectos da contingência (i.e., variáveis de controle antecedentes; classe de respostas verbais e seus produtos; e variáveis de controle subsequentes) de um ou mais operantes verbais podem atuar como condição antecedente para a classe de respostas autoclítica. Esta é uma variável indispensável na emissão do comportamento autoclítico.

Segundo Skinner (1957/1992), estes operantes verbais podem ter sido emitidos pelo próprio falante a emitir a resposta autoclítica em análise ou por outros falantes: “Às vezes adicionamos autoclíticos ao comportamento verbal de outro falante: enfatizamos o que ele disse dizendo *Verdade!*, qualificamos dizendo *Talvez*, e negamos dizendo *Não!*”⁵⁷ (p. 330).

Além disso, estes operantes verbais podem ser apenas primários ou operantes verbais primários acompanhados de outros autoclíticos que foram previamente adicionados a eles:

⁵⁶ Em inglês, “Special subdivisions of a given verbal community may act as separate audiences to determine the level of autoclitic behavior” (Skinner, 1992, p. 356).

⁵⁷ Em inglês, “We sometimes add autoclitics to the verbal behavior of another speaker: we emphasize what he has said by saying *True!*, we qualify it by saying *Maybe*, and we deny it by saying *No!* These are all forms which we also apply to our own behavior.” (Skinner, 1992, p. 330).

“Autoclíticos descritivos e qualificativos podem ser combinados”⁵⁸ (p. 325), explicou Skinner (1957/1992). Como exemplo de tal processo, Skinner (1957/1992) mencionou o que se chama de ‘raciocínio lógico’: “A lógica preocupa-se com as interrelações entre os autoclíticos, geralmente sem respeito ao comportamento verbal primário ao qual são aplicados.”⁵⁹ (p. 329). A predicação (que Skinner discutiu ao abordar os autoclíticos relacionais e manipulativos) também se aplicaria: “A predicação é efetuada por um autoclítico relacional ao qual foi adicionado um autoclítico de afirmação”⁶⁰ (p. 334). Vale lembrar que, nos casos em que respostas verbais autoclíticas ocorrem sob controle de outras respostas verbais autoclíticas, existirá, necessariamente, a presença de, ao menos, um operante verbal primário no início da cadeia de eventos (cadeias comportamentais e/ou entrelaçamento de contingências verbais).

Skinner (1957/1992) propôs o termo *autoclítico* para se referir a um tipo de operante verbal que é “baseado em” ou “depende de” outro operante verbal (p. 315). Estes termos podem ser traduzidos como *evocados por*, como explicitou Skinner (1957/1992): “comportamento que é evocado por ou age sob outro comportamento do falante”⁶¹ (p. 313). Segundo Skinner (1980), “Precisa haver comportamento verbal de primeira ordem antes que se possa emitir um autoclítico como uma resposta de segunda ordem”⁶² (p. 353). Neste sentido, para que a classe de respostas autoclíticas seja evocada, é necessário que os operantes verbais que a controlam

⁵⁸ Em inglês, “Descriptive and qualifying autoclitics may be combined” (Skinner, 1992, p. 325)

⁵⁹ Em inglês, “Logic is concerned with interrelations among autoclitics, usually without respect to the primary verbal behavior to which they are applied.” (Skinner, 1992, p. 329).

⁶⁰ Em inglês, “Predication is effected by a relational autoclitic to which has been added an autoclitic of assertion” (Skinner, 1992, p. 55)

⁶¹ Em inglês, “behavior which is evoked by or acts upon other behavior of the speaker.” (Skinner, 1992, p. 313).

⁶² Em inglês, “There must be first-order verbal behavior before one can emit an autoclitic as second order-response.” (Skinner, 1992, p. 353).

tenham sido instalados previamente na história do indivíduo, além de se encontrar, naquela instância específica, diante de suas respectivas variáveis de controle evocativas:

Na ausência de qualquer outro comportamento verbal nenhum tipo de comportamento autoclítico pode ocorrer. Nós não dizemos simplesmente *quase* ou *talvez* ou *algum* ou *o*. É somente quando os operantes verbais dos tipos discutidos na Parte II tiverem sido estabelecidos em força que o falante se encontrará sujeito às contingências adicionais que estabelecem o comportamento autoclítico⁶³ (Skinner, 1957, p. 330).

Conforme citado, quaisquer aspectos da contingência de um ou mais operantes verbais pode atuar como condição antecedente para a emissão da classe de respostas autoclíticas. Isso inclui: **(1) a classe de respostas verbais e seus produtos** e **(2) suas variáveis de controle antecedentes e subsequentes**.

De acordo com Skinner (1957/1992), a classe de respostas do operante verbal que atua como condição antecedente para o comportamento autoclítico pode já ter sido previamente emitida ou estar a ponto de ser emitida. Um exemplo do primeiro caso seria o falante, diante de uma audiência negativa (que historicamente puniu determinados temas), após ter emitido uma resposta verbal, adiciona o autoclítico *não* de forma a “cancelar o que dito”.

Essa classe de respostas, pode, também, estar a ponto de ser emitida:

A manipulação do comportamento verbal, particularmente o agrupamento e ordenamento de respostas, também são comportamento autoclítico. Respostas não podem ser agrupadas ou ordenadas até que elas tenham ocorrido ou, pelo menos, estejam

⁶³ Em inglês, “In the absence of any other verbal behavior whatsoever autoclitics cannot occur. We do not simply say *almost* or *perhaps* or *some* or *the*. It is only when verbal operants of the sort discussed in Part II have been established in strength that the speaker finds himself subject to the additional contingencies which establish autoclitic behavior.” (Skinner, 1927, p. 330).

prestes a ocorrer; e o processo de colocá-las em uma ordem tem o efeito sobre o ouvinte de um autoclítico [ênfase adicionada].⁶⁴ (Skinner, 1957, p. 332).

A classe de respostas de outro operante verbal que atua como condição antecedente do comportamento autoclítico pode, também, ocorrer em qualquer modalidade e topografia. De acordo com Skinner (1957/1992), a pontuação, por exemplo, é um comportamento autoclítico que ocorre sob controle de estímulos antecedentes escritos (o texto a ser pontuado) (p. 355).

Além disso, variáveis de controle antecedentes e subsequentes de outros operantes verbais podem, também, atuar como variável de controle antecedente para a classe de respostas autoclíticas (p. 144, 145, 315, 322). “Respostas a variáveis que controlam comportamento verbal são discutidas nos capítulos 12 e 13”⁶⁵ (p. 144), esclareceu Skinner (1957/1992).

Para os membros de uma comunidade verbal é importante ter acesso as variáveis ambientais que controlam (a) seus próprios comportamentos e (b) os comportamentos de outros membros: “Porque as relações de controle são tão importantes, ambientes verbais bem desenvolvidos encorajam o falante a emitir respostas colaterais descrevendo-as”⁶⁶ (p. 315). Os autoclíticos descritivos (p. 313), por exemplo, atuam neste sentido: “indica algo das circunstâncias em que uma resposta é emitida ou algo da condição do falante”⁶⁷ (p. 322).

⁶⁴ Em inglês, “The manipulation of verbal behavior, particularly the grouping and ordering of responses, is also autoclititic. Responses cannot be grouped or ordered until they have occurred or at least are about to occur; and the process of putting them in order has the effect upon the listener of an autoclititic”. (Skinner, 1992, p. 332).

⁶⁵ Em inglês, “Responses to variables which control verbal behavior are discussed in Chapters 12 and 13.” (Skinner, 1992, p. 144)

⁶⁶ Em inglês, “Because controlling relations are so important, well-developed verbal environments encourage the speaker to emit collateral responses describing them” (Skinner, 1992, p. 315).

⁶⁷ Em inglês, “indicates something of the circumstances in which a response is emitted or something of the condition of the speaker” (Skinner, 1992, p. 322).

Outros estímulos verbais ou não verbais do contexto

Outros aspectos do contexto físico e social para além dos operantes verbais citados acima também podem constituir uma das variáveis de controle antecedentes das classes de respostas autoclíticas (pp. 360, 403). Conforme ilustrou Skinner (1957/1992), um indivíduo, ao observar outro indivíduo manuseando aparelhos eletrônicos e os nomeando em voz alta, também poderia, ao adicionar um autoclítico, emitir a resposta verbal: “Isto é um cabo USB”. Neste caso, o falante emitiu a resposta verbal diante de um evento não verbal (UBS), da resposta verbal do falante ao dizer USB e da adição do autoclítico: “Isto é”.

A classe de respostas autoclíticas

A classe de respostas autoclíticas é, necessariamente, composta por respostas verbais que são evocadas pela primeira vez diante de suas variáveis de controle evocativo. Deste modo, ela não pode ter sido adquirida como parte de uma unidade funcional (i.e., já ter sido diretamente reforçada previamente diante de um arranjo ambiental antecedente similar) (Skinner, 1987, p. 85; Skinner, 1992, pp. 313, 329, 335, 336, 343, 346, 347, 365). Afinal, como mencionado anteriormente, elas são o produto de um arranjo ambiental antecedente genuinamente novo.

A classe de respostas autoclíticas depende, obrigatoriamente, da presença de, ao menos, um operante verbal primário na cadeia comportamental e/ou entrelaçamento de contingências em que está inserida. Além disso, ela é, indispensavelmente, evocada por outro operante verbal. A resposta verbal autoclítica, pode, também, ocorrer em qualquer modalidade: vocal (pp. 70, 353, 354, 355, 371, 414); gestual (p. 371) ou escrita (p. 70, 354, 355, 371, 414). A seguinte passagem ilustra exemplos de respostas autoclíticas nas modalidades escrita e vocal:

Satisfaz nossos critérios porque não pode ocorrer até que o comportamento primário esteja disponível para ser pontuado, e amplifica, clarifica e modifica o efeito sobre o

leitor. Corresponde, em partes, a padrões temporais e entonacionais no comportamento verbal vocal, que deve ser, também, considerado como autoclíticos.⁶⁸ (Skinner, 1992, p. 355)

A classe de respostas autoclíticas, pode, ou não, apresentar correspondência formal ou apenas ponto a ponto com os estímulos antecedentes verbais que a controla. Isso se deve ao fato do comportamento autoclítico poder apresentar, em diferentes instâncias de ocorrência, *além* de suas próprias propriedades definidoras, as propriedades definidoras de qualquer um dos operantes verbais primários. A seguinte passagem de Skinner (1992) ilustra a possibilidade de comportamentos autoclíticos possuírem, também, as propriedades definidoras do operante verbal primário tato (autoclíticos descritivos):

Essas respostas [respostas colaterais que descrevem relações de controle] *são, em certo sentido, semelhantes a outros tatos descritivos do comportamento do falante (no momento ou em algum outro momento) ou mesmo do comportamento verbal de outra pessoa, mas o efeito imediato sobre o ouvinte na modificação de sua reação ao comportamento que eles acompanham estabelece um padrão distinto. Iremos nos referir a tais respostas, quando associadas a outro comportamento verbal eficaz no mesmo ouvinte ao mesmo tempo, como “autoclíticos descritivos.”*⁶⁹ (Skinner, 1992, p. 321)

⁶⁸ Em inglês, “It satisfies our criteria because it cannot occur until primary behavior is available to be punctuated, and it amplifies, clarifies, and modifies the effect on the reader. It corresponds, in part, to temporal and intonational patterns in vocal verbal behavior, which must also be regarded as autoclitic.” (Skinner, 1992, p. 355).

⁶⁹ Em inglês, “These responses are in a sense similar to other tacts descriptive of the speaker's behavior (at the moment or at some other time) or even of the verbal behavior of someone else, but the immediate effect upon the listener in modifying his reaction to the behavior they accompany establishes a distinctive pattern. We shall refer to such responses, when associated with other verbal behavior effective upon the same listener at the same time, as ‘descriptive autoclitics’”. (Skinner, 1992, p. 321)

Já nesta outra citação, é possível identificar Skinner apontando um comportamento autoclítico que apresenta, além de suas próprias, as propriedades definidoras do operante verbal primário mando:

A função autoclítica começa a emergir de forma mais clara quando uma ação mais específica por parte do ouvinte é especificada. O autoclítico começa a funcionar especificamente como um mando⁷⁰ (Skinner, 1992, 321)

Em outros momentos do livro, Skinner (1957/1992) mencionou autoclíticos que poderiam apresentar também as propriedades definidoras de outros operantes verbais primários, por exemplo: os ecoicos (pp. 80, 406, 425-426, 427-428), textuais (pp. 80, 425-426, 427-428) e intraverbais (pp. 80, 425-426, 427-428).

É justamente devido ao fato do comportamento autoclítico poder ocorrer apresentando além de suas próprias, as propriedades definidoras de qualquer um dos operantes verbais primários, que não se pode afirmar a priori em quais instâncias a classe de respostas verbais autoclíticas apresentará correspondência formal ou apenas ponto a ponto com os estímulos antecedentes verbais que as controlam (e.g., no caso dos autoclíticos que apresentam também as propriedades definidoras de um operante verbal ecóico a resposta verbal autoclítica apresentará correspondência formal com os estímulo verbal vocal que a evoca; já no caso dos autoclíticos que apresentam também as propriedades definidoras de um operante verbal intraverbal, a resposta verbal autoclítica não apresentará correspondência formal ou apenas ponto a ponto com os estímulos verbais que a controla). Neste sentido, o presente estudo considerou que pode-se afirmar que a resposta verbal autoclítica pode, ou não (a depender do

⁷⁰ Em inglês, “The autoclitic function begins to emerge in a clearer light when a more specific action upon the part of the listener is specified. The autoclitic begins to function specifically as a mand” (Skinner, 1992, p. 321).

caso) apresentar correspondência formal ou apenas ponto a ponto com os estímulos antecedentes verbais que a controla.

Condição subsequente do comportamento autoclítico

Skinner (1957/1992) indicou que o que está estabelecido como reforço no caso do comportamento autoclítico é tornar o comportamento do ouvinte mais eficaz ao lidar com o ambiente responsável pelo comportamento do falante. Os reforçadores no comportamento autoclítico envolvem, portanto, um controle mais efetivo/otimizado/preciso do comportamento do ouvinte, quando comparado ao efeito que o operante verbal ao qual ele foi adicionado historicamente exerceu quando foi apresentado ao ouvinte isoladamente em condições semelhantes no passado.

Em diversos momentos do livro *Verbal Behavior*, Skinner (1957/1992) apresentou os eventos subsequentes da contingência do comportamento autoclítico como “efeitos especiais sob o ouvinte” (pp. 233, 234, 314, 329, 333, 414). Segundo ele, o efeito especial sob o ouvinte constitui uma das características definidoras do conceito de comportamento autoclítico (p. 315). De acordo com o autor, “Os autoclíticos evoluíram como instruções para o ouvinte que o ajudam a comportar-se de maneiras mais propensas a ter consequências reforçadoras e, portanto, mais propensas a promover consequências reciprocamente reforçadoras para o falante.”⁷¹ (p. 497)

Os reforçadores no caso do comportamento autoclítico podem ser tanto generalizados como específicos. Por exemplo, no caso dos mandos autoclíticos (pp. 321, 322) em que os reforçadores são específicos: “A função autoclítica começa a emergir de forma mais clara

⁷¹ Em inglês, “autoclitics have evolved as instructions to the listener that help him behave in ways more likely to have reinforcing consequences and hence more likely to promote reciprocally reinforcing consequences for the speaker.” (Skinner, 1992, p. 497).

quando uma ação mais específica por parte do ouvinte é especificada. O autoclítico começa a funcionar especificamente como um mando”⁷² (Skinner, 1992, p. 321) e no caso dos autoclíticos descritivos (pp. 314-315), em que os reforçadores são condicionados generalizados:

Essas respostas são, em certo sentido, semelhantes a outros tatos descritivos do comportamento do falante (no momento ou em algum outro momento) ou mesmo do comportamento verbal de outra pessoa, mas o efeito imediato sobre o ouvinte ao modificar sua reação ao comportamento que acompanham estabelece um padrão distinto.”⁷³ (Skinner, 1992, p. 315)

A efetividade dos estímulos verbais fornecidos pelo falante no controle do comportamento do ouvinte

Vale ressaltar que, diferentemente de todos os aspectos da contigência do comportamento autoclítico discutidos até o momento, o presente subtópico pretende abordar o controle do comportamento do ouvinte. Para Skinner (1957/1992), a efetividade dos estímulos verbais fornecidos pelo falante no controle do comportamento do ouvinte varia de acordo com alguns fatores. Um deles diz respeito às características físicas do estímulo produzido pelo falante (e.g., propriedades visuais, dimensão, velocidade que ocorre, intensidade e duração). Para que o falante seja efetivo ao controlar o comportamento do ouvinte é necessário que as características físicas do estímulo verbal se encontrem dentro do limiar da capacidade sensorial do organismo do ouvinte. Estímulos obscuros, em tom de voz muito baixo, apresentados de

⁷² Em Inglês, “The autoclitic function begins to emerge in a clearer light when a more specific action upon the part of the listener is specified. The autoclitic begins to function specifically as a mand.” (Skinner, 1957, p. 321).

⁷³ Em Inglês, “These responses are in a sense similar to other tacts descriptive of the speaker's behavior (at the moment or at some other time) or even of the verbal behavior of someone else, but the immediate effect upon the listener in modifying his reaction to the behavior they accompany establishes a distinctive pattern.” (Skinner, 1992, p. 315).

forma muito rápida, ofuscados ou muito distantes, por exemplo, podem não ser “claros” o suficiente para controlar o comportamento do ouvinte (e.g., o falar fala de forma pouco inteligível ou um livro mal impresso).

A efetividade do estímulo verbal depende, também, das histórias de reforçamento diferencial e punição diferencial vividas pelo ouvinte no passado. Outro fator importante para que o ouvinte aja de acordo com os estímulos verbais apresentados pelo falante é um histórico no qual o responder do ouvinte, diante dos estímulos verbais produzidos pelo falante, foi efetivo (ou mais efetivo) na produção dos reforçadores.

Segundo Skinner (1957/1992) determinadas velocidades, entonações e níveis de energia são exemplos de propriedades dinâmicas do comportamento verbal que podem atuar na direção de um controle mais efetivo sob o ouvinte. De modo semelhante, Skinner (1957/1992) se referiu a artifícios como repetição; o falante indicar claramente para o ouvinte as variáveis de controle da resposta verbal emitida; o arranjo de estímulos verbais e o emprego de lisonjas e elogios.

As propriedades dinâmicas do comportamento verbal, segundo Skinner (1957/1992), são produzidas por diferentes contingências de reforçamento, que variam em função das condições na história passada e presente do falante e de acordo com as práticas reforçadoras de determinada comunidade verbal. Nesse sentido, a comunidade verbal reforça, sob diferentes circunstâncias, determinadas velocidades com que as respostas verbais ocorrem, níveis de energia e padrões de repetições de respostas (e.g., o fato de um falante, diante de idosos, emitir respostas verbais em tom alto e de forma lenta, pode ser compreendido como produto de uma história de reforçamento diferencial na qual as propriedades dinâmicas velocidade lenta e tom baixo foram mais frequentemente reforçadas enquanto outras entonações e velocidades não foram tão bem-sucedidas em controlar o comportamento de idosos. Outro exemplo é uma

resposta verbal emitida pelo falante rapidamente e em tom de voz alto, diante de um incêndio ou assalto, que produziu uma reação mais efetiva na remoção do fogo ou eliminação da situação de assalto. As respostas verbais diante de situações similares emitidas de forma mais lenta e em tom de voz mais baixo não produziram ou produziram reações mais lentas ou menos efetivas. Nesse sentido, o tom de voz e velocidade específicos foram reforçados diferencialmente, ao mesmo tempo que outros tons de voz e velocidades foram punidos).

As propriedades dinâmicas, afirmou Skinner (1957/1992), interferem no efeito sobre o ouvinte. Dito de outra forma, a presença ou não de determinadas propriedades dinâmicas e topográficas na resposta verbal do falante podem aumentar ou diminuir as chances de sucesso na eficácia do controle sobre o ouvinte, e, nesse sentido, as respostas verbais podem ser descritas como mais ou menos precisas: “Em outras circunstâncias, no entanto, o comportamento vocal ganha se mostrar alguma variedade dinâmica”⁷⁴ (p. 79).

Segundo Skinner (1957/1992), o mando, por atuar principalmente em benefício do falante, é um operante verbal que sofre de uma precariedade no reforçamento, ou seja, é um operante verbal que apresenta uma menor chance de sucesso na obtenção do estímulo reforçador quando comparado a outros operantes verbais. Desse modo, mandos com certas propriedades dinâmicas e topográficas serão mais bem sucedidos na produção do reforço do que os mandos emitidos sem estas propriedades. Nesse sentido, o mando pode ser considerado um operante verbal especialmente dinâmico, que usualmente é emitido com alta amplitude de propriedades dinâmicas (o mando pode variar de muito fraco a muito alto, com velocidade muito rápida a

⁷⁴ Em inglês, “Under other circumstances, however, vocal behavior gains if it shows some dynamic variety.” (Skinner, 1992, p. 79).

muito lenta, pode ser emitido uma vez ou repetidamente); pode, também, ser emitido com lisonjas e elogios. “O fato de o reforço ser improvável ou impossível pode afetar as propriedades dinâmicas. A resposta pode ser fraca, ou emitida de forma caprichosa, ou acompanhada de comentário adequado (Capítulo 12)”⁷⁵ (p. 46), explicou Skinner.

Os efeitos do comportamento autoclítico relacionam-se com as propriedades dinâmicas do comportamento verbal neste ponto: em circunstâncias específicas (i.e., quando as propriedades dinâmicas do comportamento verbal atenderem os critérios definidores de um comportamento autoclítico) as propriedades dinâmicas do comportamento serão exemplos de comportamentos autoclíticos:

Mas quando o estímulo é um texto – seja o comportamento textual ou intraverbal – as propriedades dinâmicas da fala original são perdidas – exceto, por exemplo, quando uma palavra é sublinhada para dar ênfase. Sob tais circunstâncias, o bom leitor ou o recitador ou ator treinado introduzirá, como observamos no Capítulo 2, uma variedade de velocidades, entonações e níveis de energia que não são controlados pelo estímulo intraverbal, mas são adicionados ao comportamento por causa de contingências de reforço colateral⁷⁶ (Skinner, 1992, p. 79)

⁷⁵ Em inglês, “The fact that reinforcement is unlikely or impossible may affect the dynamic properties. The response may be weak, or emitted in a whimsical fashion, or accompanied by suitable comment (Chapter 12).” Skinner, 1992, p. 46)

⁷⁶ Em inglês, “But when the stimulus is a text – whether the behavior is textual or intraverbal – the dynamic properties of the original speech are lost – except, for example, when a word is underlined for emphasis. Under such circumstances the good reader or the trained reciter or actor will, as we noted in Chapter 2, introduce a variety of speeds, intonations, and energy levels which are not controlled by the intraverbal stimulus but are added to the behavior because of collateral reinforcing contingencies” (Skinner, 1992, p. 79)

Autoclítico e Auto-autoclítico

Skinner (1957) subcategorizou os operantes verbais primários com respeito à proveniência dos estímulos que controlam o comportamento verbal do falante. Quando é necessário distinguir se os estímulos que controlam as respostas verbais são provenientes do comportamento do próprio falante, segundo o autor, deve-se utilizar o prefixo “auto” antes da nomenclatura do referido operante verbal primário. Os conceitos de tato e auto-tato, mando e auto-mando, ecoico e auto-ecoico, textual e auto-textual, portanto, podem ser encontrados em *Verbal Behavior*.

Como visto anteriormente, Skinner (1957/1992) afirmou que a classe de respostas autoclíticas podem ocorrer sob controle de variáveis provenientes não apenas do próprio falante, como também de outros falantes, como ilustra a seguinte passagem:

Às vezes adicionamos autoclíticos ao comportamento verbal de outro falante: enfatizamos o que ele disse dizendo *Verdade!*, qualificamos dizendo *Talvez*, e negamos dizendo *Não!* Todas essas são formas que também aplicamos ao nosso próprio comportamento. Uma forma especial de autoclítico assertivo usada em relação a outro falante é uma modificação de *é* na forma *Que assim seja* ou no hebraico *Amém*.⁷⁷
(Skinner, 1992, p.330)

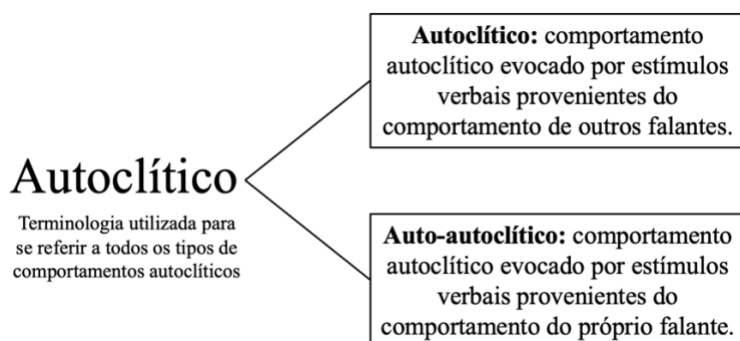
Embora o autor não tenha abordado este aspecto diretamente em sua obra, o mesmo critério de categorização parece ser igualmente aplicável ao comportamento autoclítico, podendo ser subcategorizado como autoclítico e auto-autoclítico. A Figura 6 ilustra uma

⁷⁷ Em inglês, “We sometimes add autoclitics to the verbal behavior of another speaker: we emphasize what he has said by saying *True!*, we qualify it by saying *Maybe*, and we deny it by saying *No!* These are all forms which we also apply to our own behavior. A special form of assertive autoclitic used with respect to another speaker is a modification of *is* in the form *So be it* or the Hebrew *Amen*.” (Skinner, 1992, p.330)

sistematização da categorização do comportamento autoclítico com base na origem dos estímulos antecedentes verbais que controlam o comportamento verbal do falante. Nela, pode-se observar as possíveis formas para se referir ao comportamento autoclítico, tanto no que se refere as instâncias nas quais ele ocorre especificamente sob controle de estímulos provenientes do comportamento verbal de outro falante quanto de si mesmo. Deste modo, quando for necessário especificar que os estímulos que controlam a classe de respostas autoclítica são provenientes do próprio falante que está emitindo a resposta autoclítica em análise, pode-se utilizar o termo auto-autoclítico.

Figura 6

Sistematização da categorização do comportamento autoclítico com base na origem dos estímulos antecedentes verbais que controlam o comportamento verbal do falante



Importante ressaltar que apesar desta categorização aparentemente não ter sido proposta diretamente por Skinner ao longo de sua obra, ela foi derivada e extraída da mesma. Talvez sua identificação constitua em um esclarecimento conceitual que é original do presente estudo, visto que nenhuma proposta similar foi encontrada em outros textos sobre comportamento autoclítico citados na presente pesquisa. Nesse sentido, novos trabalhos de cunho histórico conceitual se fazem necessários para avaliar se outros autores da análise do comportamento identificaram, anteriormente, a possibilidade da extensão da referida categorização dos operantes verbais

primários ao comportamento autoclítico. Vale mencionar que outros analistas do comportamento⁷⁸ apontaram para o fato de que respostas verbais autoclíticas podem ocorrer sob controle de operantes verbais emitidos por outros falantes (que não o próprio emissor da resposta verbal autoclítica em análise). O que, acredita-se, poder ser uma contribuição original do presente trabalho é a identificação da possibilidade da extensão da categorização dos operantes verbais primários acima referida ao comportamento autoclítico e a dedução do termo auto-autoclítico.

Tipos de Autoclíticos

Skinner (1957/1992) identificou e descreveu oito tipos de autoclíticos, definidos a partir dos diferentes tipos de efeitos que eles exercem sob o comportamento do ouvinte e as relações de controle derivadas dos diferentes tipos de histórias de reforçamento. Entre eles: “autoclíticos descritivos”⁷⁹ (p. 313), “mandos sob o ouvinte”⁸⁰ (p. 321), “autoclíticos qualificativos”⁸¹ (p. 322), “autoclíticos quantitativos”⁸² (p. 329), “autoclíticos relacionais”⁸³ (p. 333), autoclíticos manipulativos⁸⁴ (p. 340), “autoclíticos de composição”⁸⁵ (p. 355) e “autoclítico de edição”⁸⁶ (p. 377).

A sistematização das definições e o levantamento de exemplos dos diferentes tipos de comportamentos autoclíticos apresentados por Skinner (1992) são fundamentais para uma compreensão mais detalhada de suas respectivas contingências de reforçamento. Este propósito

⁷⁸ Por exemplo, Ratkos (2023).

⁷⁹ Em inglês, “Descriptive Autoclitics” (Skinner, 1992, p. 313).

⁸⁰ Em inglês, “Mands Upon the Listener” (Skinner, 1992, p. 313).

⁸¹ Em inglês, “Qualifying Autoclitics” (Skinner, 1992, p. 322).

⁸² Em inglês, “Quantifying Autoclitics” (Skinner, 1992, p. 329).

⁸³ Em inglês, “Relational Autoclitic Behavior” (Skinner, 1992, p. 333).

⁸⁴ Em inglês, “Manipulative Autoclitics” (Skinner, 1992, p. 340).

⁸⁵ Em inglês, “Autoclitics of Composition” (Skinner, 1992, p. 355).

⁸⁶ Em inglês, “Autoclitics of Editing” (Skinner, 1992, p. 377).

porém, foge dos objetivos do presente trabalho, que buscou clarificar uma definição ecumênica, na qual todos os tipos de comportamento autoclítico se aplicariam.

Autoclíticos e as Formulações Tradicionais

Diversas disciplinas anteriores à análise do comportamento (e.g., linguística, lógica e matemática, metodologia científica, retórica clássica, literatura crítica, fonoaudiologia) exploraram o campo do comportamento verbal, tratando, por vezes, de fenômenos verbais complexos que envolvem o comportamento autoclítico.

Para Skinner (1957/1992), porém, apesar de outras disciplinas adotarem o comportamento verbal como objeto de estudo, ele não foi, por nenhuma delas, “claramente identificado, nem foram concebidos métodos apropriados para estudá-lo”⁸⁷ (p. 4). A psicologia, assim como as demais disciplinas que se dedicam ao estudo do comportamento verbal, ainda que tenha reunido e ordenado variados tipos de materiais, “falhou em demonstrar as relações significativas que constituem o coração de uma explicação científica”⁸⁸ (p. 5), explicou o autor.

Algumas das razões que fundamentam as críticas empregadas por Skinner (1957/1992) às formulações tradicionais são: (a) tratam-se, muitas vezes, de análises formais (estruturalistas), que apenas descrevem e categorizam comportamentos verbais; (b) são disciplinas que recorrem a constructos teóricos mentalistas, atribuindo às explicações da ocorrência de comportamentos verbais a causas internas e/ou fictícias, negligenciando as verdadeiras causas do comportamento (i.e., variáveis de controle ambientais e histórias

⁸⁷ Em inglês, “clearly identified, nor have appropriate methods for studying it been devised.” (Skinner, 1992, p. 4).

⁸⁸ Em inglês, “it has failed to demonstrate the significant relations which are the heart of a scientific account.” (Skinner, 1992, p. 5).

filogenéticas, ontogenéticas e culturais); (c) são proposições que desconsideram o comportamento do ouvinte; e (d) nenhuma delas foi capaz de desenvolver uma teoria central sobre o comportamento verbal, que forneceria conhecimento e técnicas úteis para todos os demais campos de interesse humano (e.g., todas as ciências naturais, psicologia, filosofia, linguística, sociologia, antropologia, jurisprudência, educação, governo, economia). Assim, Skinner (1957/1974/1999) conferiu a responsabilidade de descrever, interpretar, explicar, prever, controlar, e desenvolver tecnologias de intervenção efetivas na manipulação do comportamento verbal, à análise do comportamento.

No capítulo intitulado “Grammar and Syntax as Autoclitic Processes”, do livro *Verbal Behavior*, Skinner (1957/1992) se dedicou a esclarecer relações funcionais, sob a ótica do comportamento autoclítico, acerca dos processos e aspectos tradicionalmente descritos pela linguística (e.g., aspectos fonéticos, fonológicos, morfológicos, gramaticais, sintáticos, semânticos e pragmáticos da linguagem). Nas palavras de Skinner (1957/1992), “Alguns dos comportamentos relevantes, tais como a pontuação”⁸⁹ (p. 332), “Tais ‘atitudes proposicionais’ como asserção, negação e quantificação”⁹⁰ (p. 313), a “manipulação do comportamento verbal, particularmente o agrupamento e ordenamento de respostas”⁹¹ (p. 332), e “preposições, conjunções e artigos, assim como certos fragmentos de respostas empregados na inflexão”⁹² (p. 332), podem, todos, ser analisados em termos de comportamento autoclítico.

⁸⁹ Em inglês, “Some of the relevant behavior, such as punctuation” (Skinner, 1992, p. 332).

⁹⁰ Em inglês, “Such “propositional attitudes” as assertion, negation, and quantification (Skinner, 1992, p. 313)

⁹¹ Em inglês, “The manipulation of verbal behavior, particularly the grouping and ordering of responses” (Skinner, 1992, p. 332).

⁹² Em inglês, “prepositions, conjunctions, and articles, as well as certain fragmentary responses employed in inflection” (Skinner, 1992, p. 332).

Skinner (1957/1992), porém, alertou “Não faz parte do nosso plano real analisar em detalhes as práticas gramaticais e sintáticas de determinada língua, mas sim *a natureza* de tais práticas precisa ser apontada [ênfase adicionada]”⁹³ (p. 331). Isso porque, de acordo com o autor, “muitas instâncias de comportamento verbal que contém autoclíticos gramaticais ou sintáticos podem não representar verdadeira atividade autoclítica”⁹⁴ (p. 343). Não basta, portanto, a identificação de determinada topografia para o reconhecimento da ocorrência de comportamento autoclítico, mas sim, da função autoclítica, a partir da análise das variáveis de controle.

Nesse sentido, apesar de Skinner (1957/1978/1992) estabelecer paralelos entre comportamento autoclítico e processos e conceitos descritos pela linguística em suas análises, o conceito desenvolvido pelo autor excede um simples neologismo. De um lado porque conceitos desta área omitem pressupostos básicos envolvidos em uma análise funcional, mutilando o caráter relacional e a natureza dinâmica intrínseca ao operante verbal; e de outro, porque, para além do que os linguísticos chamam de gramática e sintaxe, os autoclíticos “tem um importante efeito no pensamento verbal”⁹⁵ (p. 330) incluindo, também, fenômenos verbais complexos que envolvem o falante como ouvinte de si mesmo (e.g., criatividade, composição, comportamento lógico e científico, auto-edição do comportamento verbal).

⁹³ Em inglês, “It is no part of our present plan to analyze in detail the grammatical and syntactical practices of any one language, but the *nature* of such practices needs to be pointed out [emphasis added]” (Skinner, 1992, p. 331).

⁹⁴ Em inglês: “Many instances of verbal behavior which contain grammatical or syntactical autoclitics may not represent true autoclitic activity.” (Skinner, 1992, p. 343).

⁹⁵ Em inglês, “have an important effect in verbal thinking” (Skinner, 1992, p. 330).

O falante pode ser seu próprio ouvinte – por exemplo, quando respostas intraverbais geram “associação livre” – e a autoestimulação automática do comportamento verbal é crucial na análise dos processos sintáticos e outros envolvidos na composição e no pensamento (Partes IV e V).⁹⁶ (Skinner, 1992, p. 139).

Como esclareceu Skinner (1978), “os falantes manipulam seu próprio comportamento verbal e a gramática e a sintaxe são técnicas ‘autoclíticas’ deste tipo, *assim como muitas outras práticas de composição sustentada* [ênfase adicionada]”⁹⁷ (p. 123). “As manipulações altamente complexas do pensamento verbal”⁹⁸ (p. 318), explicou Skinner (1957/1992), podem ser compreendidas como atividades autoclíticas.

Segundo Skinner (1957/1992) a ausência de parte do repertório autoclítico poderia levar a um efeito “destrutivo”: “Quando estes operantes verbais se juntam sob múltiplas causas, o efeito pode ser produtivo se contribuir, digamos, para o estilo e a sagacidade, mas destrutivo se conduzir à distorção e à fragmentação”. O pensamento verbal, por exemplo, diante da ausência de algumas atividades autoclíticas, poderia se assemelhar a um delírio: “‘Delirium’ poderia, praticamente, ser definido como comportamento não editado.”⁹⁹ (p. 390), explicou Skinner.

As atividades autoclíticas em vigor (i. e., produção, manipulação, organização, edição e seleção do próprio comportamento verbal) podem parecer exemplificar um sujeito interior,

⁹⁶ Em inglês, “The speaker may be his own listener—for example, when intraverbal responses generate ‘free association’ – and automatic self-stimulation from verbal behavior is crucial in the analysis of syntactical and other processes involved in composition and thinking (Parts IV and V).” (Skinner, 1992, p. 139)

⁹⁷ Em inglês, “grammar and syntax are ‘autoclitic’ techniques of this sort, as are many other practices in sustained composition” (Skinner, 1978, p. 123).

⁹⁸ Em inglês, “the highly complex manipulations of verbal thinking” (Skinner, 1992, p. 318).

⁹⁹ Em inglês, “‘Delirium’ could almost be defined as unedited behavior.” (Skinner, 1992, p. 390).

“autônomo”, com “habilidade” de criar e editar deliberadamente; os autoclíticos, no entanto, são relações comportamentais, e devemos explicá-los em função de sua história e de suas variáveis de controle ambientais.

A Importância do Comportamento Autoclítico para Tecnologias de Intervenção

Um dos objetivos do behaviorismo radical, enquanto filosofia da ciência da análise do comportamento, é avaliar as possibilidades do desenvolvimento de tecnologias efetivas (fundamentadas pelos princípios básicos dessa ciência) voltadas para a resolução de problemas humanos (Skinner, 1974).

Skinner (1974) difundia com convicção que os maiores problemas mundiais enfrentados pela humanidade (e.g., superpopulação, fome, riscos de um holocausto nuclear, questões de ordem médica e sanitárias, questões ambientais/climáticas, entre outros)¹⁰⁰ poderiam ser melhor resolvidos a partir dos conhecimentos, instrumentos e estratégias de intervenção provindos da análise do comportamento.

Os principais problemas que o mundo enfrenta hoje só poderão ser resolvidos se melhorarmos a nossa compreensão do comportamento humano. As opiniões tradicionais existem há séculos e penso que é justo dizer que se revelaram inadequadas.¹⁰¹ (Skinner, 1974, p. 8)

Em 1948, Skinner publicou o livro *Walden II*, no qual apresentou uma sociedade utópica, idealizada a partir do conhecimento oriundo da ciência da análise do comportamento. Por meio

¹⁰⁰ Para mais detalhes, consultar *Beyond Freedom and Dignity* (pp. 1, 22) e *Upon Further Reflection* (p. 1).

¹⁰¹ Em inglês, “The major problems facing the world today can be solved only if we improve our understanding of human behavior. Traditional views have been around for centuries, and I think it is fair to say that they have proved to be inadequate. They are largely responsible for the situation in which we now find ourselves.” (Skinner, 1974, p. 8).

de uma narrativa literária, Skinner (1948) empenhou-se em arquitetar soluções para diversos desafios do campo do planejamento cultural (e.g., construção de rotinas de trabalho, sistema de economia, educação das crianças/população, entre outros). “Quase todos os nossos principais problemas envolvem o comportamento humano e não podem ser resolvidos apenas pela tecnologia física e biológica. O que é necessário é uma tecnologia de comportamento”¹⁰² (p. 22), enfatizou Skinner (1971).

Alguns anos mais tarde, Skinner (1967) dedicou-se ao desenvolvimento de instrumentos e procedimentos de intervenção comportamentais direcionados ao campo da educação. Um de seus propósitos estava relacionado a uma contribuição para formas de ensino mais efetivas, que dariam origem a menos subprodutos (organísmicos e comportamentais, resultantes de contingências aversivas que, muitas vezes, se encontram presentes nos métodos de ensino tradicionais). As máquinas de ensino criadas por Skinner (1961/967), bem como os materiais didáticos norteados pelos princípios da programação de ensino por ele desenvolvidos, são exemplos práticos da preocupação do autor no que diz respeito a transformação das práticas culturais vigentes de sua época.

Skinner (1949/1953/1961/1967/1971/1978/1987), portanto, se dedicou a uma ciência indubitavelmente comprometida com a produção de conhecimento relativo às possibilidades e implicações de tecnologias comportamentais que promovessem a resolução de problemas humanos de todas as ordens.

No que diz respeito especificamente ao comportamento verbal como objeto de estudo, Skinner (1957/1992) também deixou claro o potencial aplicado de suas análises: “A formulação

¹⁰² Em inglês, “Almost all our major problems involve human behavior, and they cannot be solved by physical and biological technology alone. What is needed is a technology of behavior” (Skinner, 1971, p. 22).

[dos operantes verbais] é inerentemente prática e sugere aplicações tecnológicas imediatas em quase todas as etapas.”¹⁰³ (p. 12). A princípio, apesar da solução de questões específicas de ordem prática não serem o objetivo imediato de uma análise científica do comportamento verbal, explicou Skinner (1957/1992), ela deveria ser capaz de, em algum momento, fornecer o conhecimento e instrumentos necessários para solucionar os diversos desafios de ordem prática no âmbito do comportamento verbal.

Em *Verbal Behavior* Skinner (1957/1992) apontou alguns desenvolvimentos tecnológicos oriundos da análise das práticas da comunidade verbal responsáveis pela instalação e manutenção de repertórios de auto-tatos acerca de eventos presentes, passados, futuros, bem como suas respectivas variáveis de controle ambiental.

Este não é um tratamento exaustivo das respostas verbais que descrevem o comportamento do falante. O campo é quase inexplorado – possivelmente porque em quase todos os casos tal comportamento é controlado em parte por estímulos privados. Alguns dos factos mais curiosos dizem respeito a casos em que tal comportamento é impossível: o indivíduo não consegue descrever o seu próprio comportamento, passado, presente ou futuro, ou as variáveis das quais ele é função. O que é necessário é uma análise das técnicas através das quais a comunidade verbal estabelece o comportamento verbal com base em tais eventos. Como veremos, isto é crucial para a produção de amostras maiores de comportamento verbal e especialmente para o que é chamado de pensamento verbal. Um estudo destas práticas poderá tornar possível desenvolver uma melhor “memória para acontecimentos passados”, melhores técnicas de observação para

¹⁰³ Em inglês, “The formulation is inherently practical and suggests immediate technological applications at almost every step.” (Skinner, 1992, p. 12).

utilização futura, melhores técnicas de recordação e uma melhor manipulação do próprio comportamento na resolução de problemas e no pensamento produtivo. Poderia também produzir vantagens terapêuticas que o leigo descreveria como um aumento na consciência ou compreensão de si mesmo.¹⁰⁴ (Skinner, 1992, p. 146)

Alguns anos mais tarde, em seu texto “A Lecture on “Having” a Poem”, escrito em 1972, Skinner ilustrou o ato da composição (como visto, uma atividade autoclítica), a partir da análise da escrita de um poema, em que ele criou um paralelo com uma mãe gestando um bebê, mas que, diferentemente da mãe, o poeta teria acesso ao seu embrião:

Pequenas partes e pedaços *ocorrem* ao poeta, que os rejeita ou permite que permaneçam, e também é quem os coloca juntos para *compor* um poema. Mas eles vêm de sua história passada, verbal e outras, e ele precisa aprender como juntá-los. O ato de compor não é mais um ato de criação do que “ter” [no sentido de uma mãe “tendo” um bebê] os pedaços compostos.¹⁰⁵ (Skinner, 2020, p. 481)

Skinner (2020), então, explicou “Se a poesia é algo bom, se queremos mais disso assim como melhores, e se escrever poemas é uma experiência gratificante, então, devemos olhar

¹⁰⁴ Em inglês, “This is not an exhaustive treatment of verbal responses which describe the behavior of the speaker. The field is almost unexplored— possibly because in almost every case such behavior is controlled in part by private stimuli. Some of the most curious facts concern instances in which such behavior is impossible: the individual cannot describe his own behavior, past, present, or future, or the variables of which it is a function. What is needed is an analysis of the techniques through which the verbal community establishes verbal behavior based upon such events. As we shall see, this is crucial for the production of larger samples of verbal behavior and especially for what is called verbal thinking. A study of these practices might make it possible to develop a better ‘memory for past events’, better techniques of observation for future use, better techniques of recall, and a better manipulation of one’s own behavior in problem-solving and productive thinking. It might also yield therapeutic advantages which the layman would describe as an increase in the awareness of, or understanding of, oneself” (Skinner, 1992, pp. 145-146).

¹⁰⁵ Em inglês, “Bits and pieces *occur* to the poet, who rejects or allows them to stand, and who puts them together to *compose* a poem. But they come from his past history, verbal and otherwise, and he has to learn how to put them together. The act of composition is no more an act of creation than “having” the bits and pieces composed.” (Skinner, 2020, p. 481)

novamente para suas origens¹⁰⁶” (p. 483). Skinner (1972/2020) deixou claro que os poemas seriam, na verdade, apenas um exemplo. Entender com clareza sobre atividades autoclíticas (neste caso, com ênfase a composição) permite que as condições necessárias para que todo e qualquer comportamento original sejam arranjadas:

Talvez o futuro da poesia não seja tão importante, mas tenho usado um poema simplesmente como exemplo. Eu poderia ter desenvolvido o mesmo tema na arte, na música, na ficção, nos estudos, na ciência, na invenção – em suma, onde quer que falemos de comportamento original. Dizemos que “temos” ideias e novamente no simples sentido de tomarmos posse delas. Uma ideia “nos ocorre” ou “vem à mente”. E se por ideia lemos “o comportamento que se diz expressar uma ideia”, não nos aproximamos de um ato de criação. Nós “temos” comportamento, como a própria etimologia da palavra deixa claro. “Ocorre-nos” agir de uma maneira particular, e não é qualquer intenção, propósito ou plano anterior que nos disponha a fazê-lo. Ao analisar as histórias genéticas e individuais responsáveis pelo nosso comportamento, podemos aprender como ser mais originais. A tarefa não é pensar em novas formas de comportamento, mas criar um ambiente no qual elas possam ocorrer.¹⁰⁷ (Skinner, 2020, p. 484)

¹⁰⁶ Em inglês, “If poetry is a good thing, if we want more of it and better, and if writing poems is a rewarding experience, then we should look afresh at its sources.” (Skinner, 2020, p. 483)

¹⁰⁷ Em inglês, “Perhaps the future of poetry is not that important, but I have been using a poem simply as an example. I could have developed the same theme in art, music, fiction, scholarship, science, invention – in short, wherever we speak of *original* behavior. We say that we ‘have’ ideas and again in the simple sense of coming into possession of them. An idea ‘occurs to us’ or ‘comes to mind’. And if for idea we read ‘the behavior said to express an idea’, we come no closer to an act of creation. We ‘have’ behavior, as the etymology of the word itself makes clear. It ‘occurs to us’ to act in a particular way, and it is not any prior intention, purpose, or plan which disposes us to do so. By analyzing the genetic and individual histories responsible for our behavior, we may learn how to be more original. The task is not to think of new forms of behavior but to create an environment in which they are likely to occur.” (Skinner, 2020, p. 484).

Mais do que isso, Skinner (1972/2020) acreditava que quanto mais compreendermos sobre as verdadeiras origens dos comportamentos verbais complexos (i.e., histórias filogenéticas e ontogenéticas, e variáveis de controle ambientais) mais seríamos capazes de prever e controlar este tipo de comportamento, evoluindo enquanto comunidade verbal e suas respectivas práticas culturais:

Podemos construir um mundo em que homens e mulheres serão melhores poetas, melhores artistas, melhores compositores, melhores romancistas, melhores acadêmicos, melhores cientistas – numa palavra, melhores pessoas. Podemos, em suma, “ter” um mundo melhor.¹⁰⁸ (Skinner, 2020, p. 484)

Skinner (1978), ainda, em seu livro *Reflections on Behaviorism and Society*, ao discorrer sobre as atividades autoclíticas em que o falante exerce o papel de ouvinte de si mesmo, destacou-as como uma forma de tecnologia de autogestão, assim como ilustrou suas possíveis utilidades:

Surge uma tecnologia de autogestão verbal que é útil tanto para “descobrir o que se tem a dizer” como para restringir a gama de variáveis de controle – enfatizando, por exemplo, os tipos de variáveis (características da lógica e da ciência) com maior probabilidade de levar à ação prática eficaz ou aos tipos considerados mais produtivos de poesia ou ficção¹⁰⁹ (p. 123).

¹⁰⁸ Em inglês, “We can build a world in which men and women will be better poets, better artists, better composers, better novelists, better scholars, better scientists – in a word, better people. We can, in short, ‘have’ a better world.” (Skinner, 1992, p. 484)

¹⁰⁹ Em inglês, “A technology of verbal self-management emerges which is useful both in ‘discovering what one has to say’ and in restricting the range of controlling variables— emphasizing, for example, the kinds of variable (characteristic of logic and science) most likely to lead to effective practical action or the kinds found to be more productive of poetry or fiction” (Skinner, 1978, p. 123).

Comportamento autoclítico e algumas questões de ordem prática

Tão importante quanto compreender conceitualmente o comportamento verbal da forma mais próxima ao fenômeno que se refere, a análise funcional possibilita a previsão de instâncias específicas em que determinados comportamentos verbais ocorrem e a produção ou controle dos mesmos, a partir da alteração das condições sob as quais essas respostas foram emitidas. Logo no início do livro *Verbal Behavior*, Skinner (1957/1992) destacou, dentre as milhares possibilidades de desafios práticos, alguns questionamentos:

Ao representar tal objetivo, é útil manter em mente certas tarefas específicas de engenharia. Como pode o professor estabelecer os repertórios verbais específicos que são os principais produtos finais da educação? Como o terapeuta pode descobrir o comportamento verbal latente em uma sessão terapêutica? Como pode o escritor evocar o seu próprio comportamento verbal no ato da composição? Como pode o cientista, o matemático ou o lógico manipular o seu comportamento verbal no pensamento produtivo?¹¹⁰ (Skinner, 1992, p. 3).

Como pode o professor estabelecer os repertórios verbais específicos que são os principais produtos finais da educação?

No que tangencia a temática do estabelecimento de repertórios verbais específicos em alunos (como o próprio autor adiantou como um dos principais objetivos da educação), Skinner (1957/1992) apresentou, no subtópico intitulado “Instruction and Knowledge” do capítulo “Composition and Its Effects”, um importante efeito da apresentação de produtos de atividades

¹¹⁰ Em inglês, “In representing such a goal it is helpful to keep certain specific engineering tasks in mind. How can the teacher establish the specific verbal repertoires which are the principal end-products of education? How can the therapist uncover latent verbal behavior in a therapeutic interview? How can the writer evoke his own verbal behavior in the act of composition? How can the scientist, mathematician, or logician manipulate his verbal behavior in productive thinking?” (Skinner, 1992, p. 3).

autoclíticas. Segundo o autor, estes produtos de atividades autoclíticas podem ser compreendidos como estímulos verbais compostos¹¹¹ que afetam o comportamento do ouvinte, gerando um efeito que seria observado apenas em certas condições *futuras*¹¹². Nesse sentido, a exposição a certos estímulos verbais compostos seria capaz de exercer os efeitos de uma história direta de reforçamento ou pareamento respondente¹¹³; ou, nos termos de Michael (1983), esses estímulos compostos exerceriam função alteradora de repertório.

Como exemplos de estímulos verbais compostos, Skinner (1957/1992) mencionou aulas expositivas, apresentações, textos e experimentos e ilustrou o efeito sob o ouvinte por meio de um paralelo com o termo “instrução”, tradicionalmente utilizado em instituições educacionais. Tal processo poderia ser observado, por exemplo, quando um aluno, após ser exposto a determinados estímulos compostos, apresentou, em situações futuras, um novo repertório (composto por operantes verbais e/ou não verbais), sem ter passado por uma história direta de reforçamento:

A mudança que é assim provocada no comportamento do ouvinte é apropriadamente chamada de “instrução”. Este é um sentido em que o termo é usado em instituições educacionais. O aluno passa a emitir certos tipos de respostas, tanto verbais quanto não-verbais, por causa de estímulos verbais que ocorrem em circunstâncias específicas. Palestras, demonstrações, textos e experimentos aumentam os repertórios verbais e não-verbais do ouvinte ou observador através de processos desse tipo. No campo da história, o efeito é quase exclusivamente uma modificação do comportamento verbal futuro do

¹¹¹ Para mais detalhes, ver *Verbal Behavior* (1992) (p. 369).

¹¹² Para mais detalhes, ver *Verbal Behavior* (1992) (p. 357).

¹¹³ Para mais detalhes, ver *Verbal Behavior* (1992) (pp. 357-362).

aluno, e ele carrega grande parte desta mudança no seu comportamento como falante na forma de sequências intraverbais. Nas ciências práticas, um efeito mais importante pode ser o estabelecimento de modos de resposta não-verbais.¹¹⁴ (Skinner, 1992, pp. 362-363).

Skinner (1957/1992), portanto, parece apontar para o fato de que o conceito de comportamento autoclítico possui potencial para funcionar como uma importante ferramenta conceitual que poderia auxiliar o educador a construir materiais e delinear procedimentos que apresentem para o aluno estímulos compostos mais efetivos para no ensino de repertórios específicos. Nesse sentido, o educador, como um conhecedor do conceito de comportamento autoclítico, estaria em posição de vantagem para entender sobre os tipos de histórias e variáveis de controle responsáveis pela ocorrência das atividades autoclíticas (que, por sua vez, são as responsáveis por pela produção desses estímulos verbais compostos), além de conhecer as características desses estímulos que os tornam mais ou menos efetivos no controle do comportamento do aluno. Pesquisas aplicadas sobre este tema parecem ser úteis para auxiliar no desenvolvimento de tecnologias de ensino baseadas neste aspecto do conceito de comportamento autoclítico.

¹¹⁴ Em inglês, “The change which is thus brought about in the behavior of the listener is appropriately called “instruction.” This is one sense in which the term is used in educational institutions. The student comes to emit certain kinds of responses, both verbal and nonverbal, because of verbal stimuli occurring under specific circumstances. Lectures, demonstrations, texts, and experiments all increase the verbal and nonverbal repertoires of the listener or observer through processes of this sort. In the field of history, the effect is almost exclusively a modification of the student's future *verbal* behavior, and he carries much of this change in his behavior as a speaker in the form of intraverbal sequences. In the practical sciences, a more important effect may be to establish nonverbal modes of response” (Skinner, 1992, pp. 362-363).

Como o terapeuta pode descobrir o comportamento verbal latente em uma sessão terapêutica?

Entre os efeitos da punição excessiva ou inconsistente Skinner (1957/1992) destacou diversos subprodutos (de ordem comportamental e fisiológica). Alguns deles, por sua vez, foram interpretados por outras disciplinas psicológicas como conteúdo latente inconsciente¹¹⁵. À título de exemplos, “recalque” (o aparente esquecimento do paciente de algumas partes de seu comportamento verbal) e “sintoma” (os efeitos fisiológicos da punição) são constructos teóricos provenientes destas disciplinas.

A audiência negativa (i.e., uma audiência na presença da qual um comportamento verbal foi punido) (p. 179) é um estímulo aversivo e, como uma variável do campo da motivação: (a) estabelece sua própria remoção como reforço; e (b) evoca respostas de fuga e esquiva da classe de respostas que foi punida e/ou de suas variáveis de controle. Devido ao fato da classe de respostas que foi punida ser incompatível com a classe de respostas de fuga e esquiva, a classe de respostas punida se torna menos frequente.

A depender das circunstâncias, as classes de respostas punidas podem levar alguns fins. Um deles, refere-se à possibilidade dessas classes de respostas deixarem de ocorrer diante da audiência negativa (ou de outros estímulos que estiveram presentes no momento da punição), mas passarem a ocorrer na presença de audiências não punitivas. Outra alternativa, constitui-se no fato de as classes de respostas censuradas continuarem ocorrendo, mas apenas no nível privado, uma vez que “Quando um falante atua como sua própria audiência, ele é relativamente livre das ameaças de punição”¹¹⁶ (p. 394). Um último caminho, ainda, está relacionado a chance

¹¹⁵ Para mais detalhes, ver *Verbal Behavior* (1992) (p. 179).

¹¹⁶ Em inglês, “When a speaker serves as his own audience, he is relatively free of the threat of punishment” (Skinner, 1992, p. 394).

dessas classes de respostas deixarem completamente de ocorrer, visto que “mesmo quando o falante atua como ouvinte de si mesmo ele não está inteiramente livre da punição que foi atribuída ao seu comportamento por outros”¹¹⁷ (p. 394).

Assim, para que o terapeuta possa acessar, indiretamente (via o comportamento verbal do paciente), em nível manifesto, comportamentos anteriormente punidos, podem ser necessários alguns recursos. Um exemplo de conduta do terapeuta envolve o estabelecimento de uma audiência não punitiva¹¹⁸ (p. 179), em que ele permite que as classes de respostas verbais anteriormente punidas (ou outras semelhantes) ocorram, sem punições, durante as sessões terapêuticas. “O “confidente” é uma audiência não punitiva – qualquer pessoa simpática com quem se possa falar com menos medo de punição do que com ouvintes aleatórios. O psicoterapeuta costuma se estabelecer como um confidente nesse sentido.”¹¹⁹ (p. 395), ilustrou Skinner (1957/1992).

A tarefa, porém, de levar o paciente a emitir classes de respostas previamente punidas na presença de outras audiências que não o próprio falante, pode guardar alguns desafios. “A audiência não punitiva fornecida pelo terapeuta não é imediatamente efetiva”¹²⁰ (p. 437), afirmou Skinner (1957/1992), pois o processo envolvido para o estabelecimento da audiência

¹¹⁷ Em inglês, “even when talking to himself, the speaker is not entirely free of the punishment which has been accorded his behavior by others” (Skinner, 1992, p.394).

¹¹⁸ Para mais detalhes sobre os efeitos da audiência não punitiva, ver *Verbal Behavior* (Capítulo 7) e *Science and Human Behavior* (Capítulo 24).

¹¹⁹ Em inglês, “The “confidant” is a nonpunishing audience – any sympathetic person to whom one may speak with less fear of punishment than to listeners at random. The psychotherapist usually establishes himself as a confidant in this sense.” (Skinner, 1992, p. 395).

¹²⁰ Em inglês, “The noncensuring audience provided by the psychoanalyst is not immediately effective” (Skinner, 1992, p. 437)

não punitiva pode ser lento. Além disso, o estabelecimento de uma escuta não punitiva exigirá sistematicidade da não punição, uma atribuição que nem sempre é tão simples.

Em vista das possíveis dificuldades inerentes à mudança do controle exercido por uma audiência punitiva para uma não punitiva, um repertório autoclítico vasto (no sentido do terapeuta comportar-se verbalmente como um falante habilidoso) pode se demonstrar valioso. O terapeuta, ao identificar as melhores formas de abordar determinados assuntos (que podem incluir não apenas a fala propriamente dita, mas também expressões faciais ou gestos) com determinados pacientes, poderá ser mais efetivo em aumentar a probabilidade de o paciente emitir o comportamento previamente punido em sua presença. Como exemplos, poder-se-ia citar a composição e edição de respostas verbais que produzem menos fuga e esQUIVA; a ordenação da sequência de conteúdos a serem apresentados para o paciente; o emprego de variadas formas efetivas de modificar a intensidade ou direção do comportamento do paciente; a atenuação ou amplificação do que foi dito pelo paciente e/ou pelo próprio terapeuta, entre muitos outros.

Paralelamente, o terapeuta, ao compreender com clareza conceitual os fenômenos envolvidos no comportamento autoclítico (i.e., como um conhecedor das histórias responsáveis por dar origem a este tipo de comportamento, assim como suas respectivas variáveis de controle), ocupa uma posição de vantagem para instalar e evocar repertórios autoclíticos. O paciente, através de um vasto repertório autoclítico, poderá compor novas respostas verbais que, caso fossem apresentados de outras formas, seriam punidas pela comunidade verbal ou por ele mesmo. Além disso, considerando que “o comportamento, suas variáveis de controle, e a

relação entre elas não incluem nem pressupõem um estado consciente”¹²¹ (p. 353), pode ser necessário que o terapeuta ajude o paciente a produzir autoconhecimento no sentido de se tornar capaz de descrever o mundo e a ele mesmo. Os autoclíticos, ao serem adicionados a auto-tatos, o paciente poderia ser ainda mais capaz de se descrever e se conhecer.

Além disso, para Skinner (1972/2020), o fato de um indivíduo não saber as origens de seu comportamento, o torna mais propício a atribuir suas questões a uma mente criativa, inconsciente, ou até mesmo a mente pertencente a outra pessoa:

E porque o poeta [exemplo] não tem consciência das origens do seu comportamento, é provável que o atribua a uma mente criativa, uma mente “inconsciente”, talvez, ou a uma mente pertencente a outra pessoa – a uma musa, por exemplo, a quem ele invocou para vir e escrever seu poema para ele.¹²² (Skinner, 2020, p. 483)

Como pode o escritor evocar o seu próprio comportamento verbal no ato da composição?

Foi a terceira indagação feita por Skinner (1957/1992). Em *Verbal Behavior*, já no capítulo “The Autoclitic”, que antecede o capítulo “Composition and Its Effects”, Skinner preparou o leitor para as discussões que viriam a seguir sobre um dos tipos de atividade autoclítica apresentados pelo autor: “Também ainda não discutimos a ordem a ser observada em grandes amostras de comportamento verbal, ou outra evidência do que poderia ser chamado de “composição deliberada”¹²³ (p. 312). O processo de composição, no qual “novas respostas

¹²¹ Em inglês, “behavior, its controlling variables, and the relation among them, do not include or presuppose a conscious state” (Skinner, 1980, p. 353).

¹²² Em inglês, “And because the poet is not aware of the origins of his behavior, he is likely to attribute it to a creative mind, an “unconscious” mind, perhaps, or a mind belonging to someone else – to a muse, for example, whom he has invoked to come and write his poem for him” (Skinner, 2020, p. 483).

¹²³ Em inglês, “We have also not yet discussed the order to be observed in large samples of verbal behavior, or other evidence of what might be called “deliberate composition.” (Skinner, 1992, p. 312).

verbais são criadas em novas ocasiões” (p. 123), é parte do que foi tratado por Skinner especialmente deste ponto do livro em diante.

Um conjunto de variáveis pode ser tão incomum ou tão complexo que o comportamento verbal passado do falante não produz nenhum padrão típico apropriado. Ele deve então manipular suas respostas, com a ajuda de autoclíticos especiais. A criação resultante de segmentos maiores de comportamento verbal é uma atividade que pode ser chamada de composição.¹²⁴ (Skinner, 1992, p. 346)

Skinner, ainda, discutiu sobre o processo de composição somado a outro processo autoclítico, intitulado de edição: “Nos processos de composição e edição, o falante organiza, qualifica, retém ou libera comportamento verbal que já existe com alguma força em seu repertório¹²⁵” (p. 403). Muitas das técnicas que o falante utiliza para encorajar seu próprio comportamento verbal tem forte relação com processos de edição:

Pode ser necessário examinar uma série de respostas intraverbais para encontrar um trocadilho apropriado, assim como pode ser necessário examinar várias respostas para encontrar uma que atinja um efeito especial sobre um determinado leitor. O orador ou escritor prossegue alternando a produção e a edição, e todo comportamento aceitável fica então sujeito à “composição” do Capítulo 14.¹²⁶ (Skinner, 1992, p. 414).

¹²⁴ Em inglês, “A set of variables may be so unusual or so complex that the past verbal behavior of the speaker yields no appropriate standard pattern. He must then manipulate his responses, with the help of special autoclitics. The resulting creation of larger segments of verbal behavior is an activity which may be called composition.” (Skinner, 1992, p. 346).

¹²⁵ Em inglês, “In the processes of composition and editing the speaker arranges, qualifies, withholds, or releases verbal behavior which already exists in some strength in his repertoire” (Skinner, 1992, p. 403).

¹²⁶ Em inglês, “One may need to scan a number of intraverbal responses to find an appropriate pun, as one may need to scan a number of responses to find one which attains a special effect upon a given reader. The speaker or writer proceeds by alternate production and editing, and all acceptable behavior is then subject to the “composition” of Chapter 14.” (Skinner, 1992, p. 414).

Segundo Skinner (1957/1992) uma das possíveis técnicas para o falante evocar seu próprio comportamento verbal no processo de composição está relacionada a manipulação de variáveis emocionais. Skinner mencionou alguns exemplos: um sujeito, ao reler uma carta, pode tornar seu comportamento de respondê-la de determinadas maneiras mais provável; reouvir o discurso “insultante” da oposição, pode promover a composição de um discurso político; ouvir músicas que atuam como operações emocionais, pode arranjar as condições evocativas propícias para determinado tipo de composição romântica; um falante pode compor a si mesmo um discurso “inspirador” diante de um conflito entre variáveis que o levam a fazer um discurso em público e outras variáveis que o levam a fugir/esquivar.¹²⁷

Como pode o cientista, o matemático ou o lógico manipular o seu comportamento verbal no pensamento produtivo?

Skinner dedicou um capítulo inteiro da Part V de seu livro *Verbal Behavior* para discutir o comportamento verbal lógico e científico. Segundo o autor, a “A Parte V considera as atividades envolvidas na edição e na produção criativa de comportamentos que são usualmente chamados de pensamento verbal”¹²⁸ (p. 11).

A principal diferença entre o comportamento lógico e científico e a literatura, explicou Skinner (1957), está no fato de que “o comportamento verbal científico é estabelecido e mantido por causa de certas consequências práticas.”¹²⁹ (p. 99). Na história da lógica e da ciência, explicou Skinner (1957), a comunidade verbal se desenvolveu com uma preocupação especial:

¹²⁷ Para mais informações, ver *Verbal Behavior* (1992) (p. 412).

¹²⁸ Em inglês, “Part V considers the activities involved in editing and in the creative production of behavior which are usually called verbal thinking” (Skinner, 1992, p. 11).

¹²⁹ Em inglês, “Scientific verbal behavior is set up and maintained because of certain practical consequences.” (Skinner, 1992, p. 99).

a produção de comportamento verbal que contribui para ações práticas bem-sucedidas.

Para Skinner, comportamentos verbais lógicos e científicos apresentam algumas características específicas. Uma delas refere-se a um conjunto de comportamentos verbais que produzem um controle de estímulos muito preciso sob o ouvinte. Nesse sentido, a comunidade verbal científica incentiva a identificação ou caracterização de estímulos não verbais (i.e., objetos ou as propriedades de um objeto) de tal forma que a ação prática do ouvinte se torna mais eficaz, como ilustra a seguinte passagem: “Quando um falante acuradamente, reporta, identifica ou descreve um determinado estado de coisas, ele aumenta a probabilidade de o ouvinte agir com sucesso em relação a isso”¹³⁰ (p. 418). Em paralelo, a comunidade verbal lógica e científica coloca em extinção ou pune extensões metafóricas, metonímicas e solecísticas: “as contingências estabelecidas pela comunidade científica trabalham para evitar exageros ou eufemismo, deturpações, mentiras e ficção” (p. 420).

A importância dos autoclíticos, sugeriu Skinner (1957), reside em muitos aspectos da natureza do comportamento verbal lógico e científico. Autoclíticos apropriados podem descrever a natureza do controle de estímulos (e.g., “observo”, “concluo”), qualificar (e. g., “é provável”, “é possível”), quantificar (“alguns”, “todos”, “não”), assim como relacionar partes separadas dos estímulos verbais que elas acompanham

As contingências de reforçamento que criam um repertório científico especial e aguçam seu controle de estímulos proporcionam um tipo de comportamento que serve ao ouvinte como (1) um *estímulo discriminativo* idealmente eficaz em evocar qualquer

¹³⁰ Em inglês, “When a speaker accurately reports, identifies, or describes a given state of affairs, he increases the likelihood that the listener will act successfully with respect to it” (Skinner, 1992, p. 418).

comportamento que ele já possa possuir em relação a uma situação e (2) uma fonte frutífera de *instrução* em alterar seu comportamento em relação a novas situações¹³¹

Segundo Skinner (1957), “a distinção entre a estrutura lógica de uma frase e os termos particulares que nela ocorrem é a distinção entre respostas autoclíticas (particularmente os quadros gramaticais do Capítulo 14) e operantes verbais simples.”¹³² (p. 422).

¹³¹ Em inglês, “The contingencies of reinforcement which create a special scientific repertoire and sharpen its stimulus control provide for a kind of behavior which serves the listener as (1) an optimally effective *discriminative stimulus* in evoking any behavior he may already possess with respect to a situation and (2) a fruitful source of *instruction* in altering his behavior with respect to new situations.” (Skinner, 1992, p. 421)

¹³² Em inglês, “The distinction between the logical structure of a sentence and the particular terms which happen to occur in it is the distinction between autoclitic responses (particularly the grammatical frames of Chapter 14) and simple verbal operants.” (Skinner, 1992, p. 422)

Conclusão

Um dos principais propósitos de estudos histórico conceituais analítico comportamentais é a avaliação e aprimoramento do sistema conceitual dessa disciplina, contribuindo, não somente em preservar a mesma de associações e suposições equivocadas externas (i.e., oriundas de outras áreas), quanto internas (i.e., provindas da própria área) (Morris et. al., 1995).

Seguidamente, conjecturas equivocadas foram direcionadas a análise do comportamento, e Skinner, como precursor dessa ciência, expressou se sentir incompreendido por muitos estudiosos ao longo de sua carreira. À título de exemplos, dois anos após a publicação de *Verbal Behavior*, Skinner, ao ler a crítica de Noam Chomsky feita ao seu livro¹³³ (após tê-la recebido em versão estendida um ano antes, por carta), deixou clara sua posição: “Não era realmente uma crítica sobre meu livro, mas sim, daquilo que Chomsky considerou, erroneamente, ser a minha posição.”¹³⁴ (p. 474). Alguns anos depois, a revista *Newsweek* publicou quatro outras críticas, as quais Skinner, mais uma vez, enfatizou seu ponto de vista “Cada uma repetiu um mal-entendido comum sobre minha posição”¹³⁵ (p. 475).

Mesmo dentro da área da análise do comportamento, houve, também, fragmentações. Segundo Ratkos (2023), uma melhor compreensão do conceito de comportamento autoclítico teria potencial para, quem sabe, alcançar uma “possível reconciliação com os “pós-

¹³³ Na revista *Language*, 35 (1959), 26-58.

¹³⁴ Em inglês, “It was not really a review of my book but of what Chomsky took, erroneously, to be my position.” (Skinner, 1992, p. 474)

¹³⁵ Em inglês, “Each one repeated a common misunderstanding of my position.” (Skinner, 1992, p.475)

Skinnerianos” que insistem que o Comportamento Verbal não é capaz, por si só, de explicar como nós pensamos e aprendemos sobre as relações entre as coisas”.¹³⁶ (p. 6).

O presente trabalho buscou realizar seu objetivo em elucidar a definição de comportamento autoclítico desenvolvida por Skinner (1957), explicitando os elementos que constituem a contingência de reforçamento deste tipo de comportamento, esperando contribuir para uma melhor compreensão do sistema conceitual da análise do comportamento. Nesse sentido, vale ressaltar: comportamento autoclítico é um tipo de operante verbal no qual sua **condição antecedente**:

- (1) precisa ser genuinamente nova (i.e., a combinação de estímulos apresentada precisa ocorrer em determinada configuração, pela primeira vez, na história do falante);
- (2) engloba a audiência¹³⁷, responsável por alterar a probabilidade de grupos de respostas autoclíticas, podendo exercer função de estímulo discriminativo ou variável motivacional;
- (3) inclui, como uma variável indispensável, quaisquer aspectos da contingência de um ou mais operantes verbais. Estes operantes verbais podem: (a) ter sido emitidos pelo próprio falante a emitir as respostas autoclíticas em análise ou por outros falantes; e/ou (b) podem ser apenas operantes verbais primários ou operantes verbais primários acompanhados de autoclíticos previamente adicionados. Os aspectos da contingência de um ou mais operantes verbais que podem atuar como condição antecedente para o comportamento autoclítico são: (1) a classe de respostas verbais e seus produtos e (2)

¹³⁶ Em inglês, “possible reconciliation with the “Post-Skinnerians” who insist Verbal Behavior is not capable on its own of explaining how we think and learn about relationships between things” (Radkos, 2023, p. 6).

¹³⁷ Como no caso de todos os demais operantes verbais listados por Skinner (1957/1992).

suas variáveis de controle antecedentes e/ou subseqüentes. A classe de respostas pode: (a) já ter sido previamente emitida ou estar prestes a ser emitida; (b) ocorrer em qualquer modalidade (vocal, gestual ou escrita); e (c) pode, ou não, apresentar correspondência formal ou apenas ponto a ponto com a resposta autoclítica que ela evoca. Tanto a classe de respostas quanto suas variáveis antecedentes e subseqüentes podem exercer função de estímulo discriminativo e/ou variável motivacional;

(4) abrange outros estímulos verbais ou não verbais do contexto, que podem exercer função de estímulo discriminativo e/ou variável motivacional.

As principais características da **classe de respostas autoclíticas** são:

(a) ela ocorre, necessariamente, pela primeira vez diante de suas respectivas variáveis de controle evocativo (i.e., ela não pode ter sido diretamente reforçada previamente diante de um arranjo ambiental antecedente similar);

(b) ela depende, indispensavelmente, da presença de, ao menos, um operante verbal primário na cadeia comportamental e/ou entrelaçamento de contingências em que está inserida;

(c) ela é, obrigatoriamente, evocada por outro operante verbal emitido pelo próprio falante ou por outro falante;

(d) ela pode ocorrer em qualquer modalidade (vocal, gestual ou escrita) e topografia;

(e) ela pode, ou não, possuir correspondência formal ou apenas ponto a ponto com os estímulos antecedentes verbais que os controla.

No que diz respeito aos **eventos subseqüentes** do comportamento autoclítico, vale destacar:

- (a) o que está estabelecido como reforço para o falante é o controle mais efetivo do comportamento do ouvinte em comparação ao efeito que o operante verbal ao qual a resposta autoclítica foi adicionada produziu quando foi apresentado ao ouvinte isoladamente em condições semelhantes no passado; e
- (b) os reforçadores no caso do comportamento autoclítico podem ser tanto generalizados como específicos.

Dentre as definições de comportamento autoclítico apresentadas na introdução deste estudo, que foram analisadas conforme a identificação das variáveis ambientais de controle antecedentes e suas respectivas funções; as especificidades das classes de respostas, e os tipos de eventos subsequentes¹³⁸, pode-se afirmar que apesar de não terem sido encontrados elementos em nenhuma das definições sobre importante critério definidor no que diz respeito ao arranjo ambiental antecedente da classe de respostas autoclíticas ser genuinamente novo, Spatafora e Micheletto (2023) incluíram em sua definição o critério da classe de respostas autoclíticas precisar ser nova, ressaltando essa característica como única entre todos os outros operantes verbais. Santos e Souza (2017), apesar não terem incluído este critério especificamente em sua definição de comportamento autoclítico, abordaram essa questão ao longo de seu artigo, inclusive, sugerindo em sua conclusão alguns critérios que poderiam favorecer o ensino de repertórios autoclíticos, como a seguinte recomendação: “ao montar uma estrutura de ensino, deve-se garantir a oportunidade de teste com modelos completamente novos.” (p. 99). Nas dezenove outras definições apresentadas, porém, não foi possível identificar este critério.

¹³⁸ Levando em conta que na Parte II de seu livro *Verbal Behavior*, Skinner (1957/1992) descreveu todos os tipos de operantes verbais primários a partir de suas respectivas contingências de reforçamento.

De forma semelhante, não foram encontrados nas definições aspectos sobre a necessidade ou não da existência de correspondência formal ou ponto a ponto entre a classe de respostas autoclíticas e os estímulos antecedentes verbais que as controlam ou menções a cerca de quais modalidades os estímulos antecedentes verbais e a classe de respostas autoclítica podem ocorrer.

A audiência, apesar de não representar uma característica definidora exclusiva do comportamento autoclítico (uma vez que se encontra presente, como variável de controle antecedente, na contingência de todos os operantes verbais classificados por Skinner), não foi indicada como parte constituinte da contingência do comportamento autoclítico nas definições analisadas.

As definições apresentadas por Sundberg (2007) e Matos e De Lourdes Passos (2010) foram as únicas a descrever, explicitamente, funções exercidas pelos estímulos antecedentes verbais que controlam a classe de respostas autoclíticas, sendo elas: discriminativa (Sundberg, 2007; Matos & de Lourdes Passos, 2012) e motivacional (Sundberg, 2007).

Apesar de não terem sido identificadas informações acerca dos tipos de reforçadores envolvidos no comportamento autoclítico¹³⁹ a variável subsequente do comportamento autoclítico foi contemplada por todas as definições analisadas, que explicitaram algum tipo de efeito sob o ouvinte. Os aspectos que o presente estudo parece acrescentar dizem respeito a (a) especificar as possibilidades sobre os tipos de reforçadores envolvidos neste tipo de comportamento; e (b) o sentido do controle mais efetivo, isto é, é um controle mais efetivo quando comparado, historicamente, ao efeito que o operante verbal ao qual a resposta autoclítica

¹³⁹ No que diz respeito a serem específicos e/ou generalizados, como detalhado por Skinner (1957/1992) no caso das contingências de todos os outros operantes verbais.

foi adicionada produziu quando apresentado ao ouvinte isoladamente em condições semelhantes no passado.

Embora Skinner não tenha mencionado o termo “auto-autoclítico” diretamente, o critério de categorização apresentado por ele para todos os outros operantes verbais no que diz respeito a origem dos estímulos antecedentes verbais que controlam o comportamento verbal do falante (e.g., tato e auto-tato, mando e auto-mando, ecoico e auto-ecoico, textual e auto-textual) parece ser igualmente aplicável ao comportamento autoclítico, podendo ser subcategorizado como autoclítico e auto-autoclítico. A identificação da possibilidade da extensão da categorização dos operantes verbais primários referida ao comportamento autoclítico pode, talvez, representar uma contribuição original deste estudo. Novos estudos histórico-conceituais se fazem necessários para averiguar se outros autores da análise do comportamento abordaram esta questão.

Ao abordar o tema comportamento autoclítico, os termos mais utilizados por Skinner foram *função autoclítica*, *atividade autoclítica* e *comportamento autoclítico*. A primeira aparição do termo *autoclitic* ocorreu em 1957, em seu livro *Verbal Behavior*. Skinner, no entanto, sinalizou em seu livro *Verbal Behavior* que já havia feito discussões relevantes para o tema em *Science and Human Behavior*, no capítulo “O Self”. A publicação em que Skinner mais abordou o tema comportamento autoclítico foi, de forma discrepante, em *Verbal Behavior*, seguido por *Notebooks* e seu artigo *The Behavior of the Listener*. Após a publicação de *Verbal Behavior*, Skinner parece ter se debruçado cada vez mais sob o tema, escrevendo sobre o assunto durante todo o período relativo ao final de sua obra.

Ainda, em oposição as formulações tradicionais (ou a quaisquer explicações que, recorrendo a faculdades mentais ou processos cognitivos, advogam por um indivíduo autônomo,

que apresenta capacidade deliberada de pensar de forma consciente ou inconsciente, exercer criatividade, dedução, indução, entre outros), os resultados deste estudo enfatizam a posição de Skinner quanto a determinação de comportamentos autoclíticos a cerca de suas histórias filogenéticas e ontogenéticas.

Como limites desta pesquisa, vale citar: (a) o fato de as definições apresentadas na introdução terem sido buscadas apenas através da base de dados em Psicologia PubMed (que contempla apenas artigos); (b) o fato de doze artigos terem sido excluídos da pesquisa que buscou encontrar definições de outros autores por não terem sido encontradas em versões digitais gratuitas; e (c) o fato de sessenta e cinco publicações de Skinner terem sido excluídas por não terem sido encontradas digitalmente disponíveis.

Finalmente, como sugestões de futuras pesquisas que poderiam contribuir para a integração entre os diferentes domínios da análise do comportamento, bem como à resolução de dilemas atuais dessa disciplina (Morris et. al. 1995), propõem-se: (a) pesquisas que repliquem a metodologia deste trabalho contemplando as obras de Skinner que não foram analisadas no presente estudo; (b) estudos histórico-conceituais que produzam definições a cerca de cada um dos tipos de comportamento autoclítico, considerando os critérios definidores apresentados neste trabalho; e (c) aos pesquisadores básicos ou aplicados, que investiguem um dos efeitos discutidos anteriormente neste estudo que envolve a apresentação de estímulos compostos (como produtos de atividades autoclíticas) que possivelmente seriam capazes de substituir o efeito de uma história direta de reforçamento¹⁴⁰.

Considerando o conceito de comportamento autoclítico como um constructo teórico de extrema importância (Catânia, 1980; Smith, 1983; Ratkos, 2023), chamam à atenção os fatos

¹⁴⁰ Para mais detalhes, ver *Verbal Behavior* (pp. 362-363).

de que (a) diversas literaturas sistemáticas o apontam como o operante verbal menos estudado (Eshleman, 1991; Dyamond et. al., 2006; MacPherson et al, 1984; Oah & Dickinson, 1989; Petursdottir, 2018; Petursdottir & Devine, 2017; Sautter & Leblanc, 2006) e (b) levando em conta um período de sessenta e sete anos após a publicação de *Verbal Behavior*, nenhum outro estudo com objetivo de elucidar a definição de comportamento autoclítico elaborada por Skinner ter sido encontrado. Neste sentido, espera-se que os resultados deste trabalho, no que tange a clarificação de seus critérios definidores, incentivem o ensino e pesquisa do comportamento autoclítico na análise do comportamento.

Referências

- Andery, M. A., Micheletto, N., & Sério, T. M. (2000). Pesquisa histórica em análise do comportamento. *Temas em Psicologia*, 8, 137-142.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2000000200003
- Andery, M. A., Micheletto, N., & Sério, T. M. (2004). Publicações de B. F. Skinner: De 1930 a 2004. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 6, 93-134.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1517-55452004000100010
- Baer, D. M., Wolf, M. M., & Risley, T. R. (1968). Some current dimensions of applied behavior analysis. *Journal of applied behavior analysis*, 1(1), 91-97.
<https://doi.org/10.1901/jaba.1968.1-91>
- Baer, D. M. (1981). A flight of behavior analysis. *The Behavior Analyst*, 4(2), 85-91.
<https://doi.org/10.1007%2FBF03391857>
- Bondy, A. (2023). The autoclitic is really important. *Operants*, 3, 8-10.
<https://bfskinner.my.salesforce.com/sfc/p/#f2000000DixK/a/8W000000fqXV/VXPKRc.dGzRZZwSzplcUZj131FHqS67kZ4x6lk5ruQg>
- Borloti, E. (2004). As relações verbais elementares e o processo autoclítico. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 6(2), 221-236.
<https://doi.org/10.31505/rbtcc.v6i2.59>
- Catania, A. C. (1980). Autoclitic processes and the structure of behavior. *Behaviorism*, 8(2), 175-186. <https://www.jstor.org/stable/27758965>

- Catania A. C. (1986). On the difference between verbal and nonverbal behavior. *The Analysis of verbal behavior*, 4, 2–9. <https://doi.org/10.1007/BF03392809>
- César, G. (2004). *Análise do comportamento no Brasil: uma revisão histórica de 1961 a 2001, a partir de publicações* [Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/18458>
- Cruz, R. N. (2006). História e historiografia da ciência: Considerações para pesquisa histórica em análise do comportamento. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 8(2), 161-178. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v8i2.98>
- Cooper, J. O., Heron, T. E., & Heward, W. L. (2007). *Applied Behavior Analysis* (2. Ed.). Pearson.
- Dymond, S., O'Hora, D., Whelan, R., & O'Donovan, A. (2006). Citation analysis of Skinner's Verbal Behavior: 1984-2004. *The Behavior Analyst*, 29(1), 75-88. <https://doi.org/10.1007%2FBF03392118>
- Dixon, M. R., Small, S. L., & Rosales, R. (2007). Extended analysis of empirical citations with Skinner's Verbal Behavior: 1984–2004. *The Behavior Analyst*, 30, 197–209. <https://doi.org/10.1007/BF03392155>
- Guerin B. (1994). Attitudes and beliefs as verbal behavior. *The Behavior analyst*, 17(1), 155–163. <https://doi.org/10.1007/BF03392661>
- Howard, J. S., & Rice, D. E. (1988). Establishing a generalized autoclitic repertoire in preschool children. *The Analysis of verbal behavior*, 6, 45–59. <https://doi.org/10.1007/BF03392828>
- Hübner, M. M. C., Borloti, E., Almeida, P., & Cruvinel, A. C. (2012). Linguagem. In M. M. C. Hübner, & M. B. Moreira (Orgs.), *Temas clássicos da Psicologia sob a ótica da Análise do Comportamento*. Guanabara Koogan.

- Johnston, J. M., & Pennypacker, H. S. (1993). *Strategies and tactics of behavioral research* (2nd ed.). Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Luke, N., Greer, R. D., Singer-Dudek, J., & Keohane, D. D. (2011). The emergence of autoclitic frames in atypically and typically developing children as a function of multiple exemplar instruction. *The Analysis of verbal behavior*, 27(1), 141–156.
<https://doi.org/10.1007/BF03393098>
- Kuroda, T., Lattal, K. A., & García-Penagos, A. (2014). An Analysis of an Autoclitic Analogue in Pigeons. *The Analysis of verbal behavior*, 30(2), 89–99.
<https://doi.org/10.1007/s40616-014-0019-6>
- Michael J. (1983). Evocative and repertoire-altering effects of an environmental event. *VB news*, 2, 19-21. <https://doi.org/10.1007/BF03392801>
- Keller, F. S., & Schoenfeld, W. N. (1950). *Principles of psychology: A systematic text in the science of behavior*. Appleton-Century-Crofts.
- Mabry J. H. (1993). Comments on Skinner's grammar. *The Analysis of verbal behavior*, 11, 77-88. <https://doi.org/10.1007/BF03392889>
- Matos, M. A., & de Lourdes Passos, M. (2010). Emergent verbal behavior and analogy: skinnerian and linguistic approaches. *The Behavior analyst*, 33(1), 65–81.
<https://doi.org/10.1007/BF03392204>
- Micheletto, N. (2004). Notas sobre uma análise histórica do behaviorismo radical. In C. E. Costa, J. C. Luzia, & H. N. N. Sant’Ana (Orgs.), *Primeiros passos em análise do comportamento e cognição* (Vol. 2, pp. 11-20). ESETec.
- Micheletto, N., Guedes, M. C., Maestrello, A. P., Sousa, A., Perroni, C., Belorro, C., Medeiros, M., Galindo, M., Sales, T., Enxagüe, V., & Sérgio, T. M. (2004). Alguns aspectos da

- produção de dissertações e teses em análise do comportamento em três centros de formação da área no Brasil. *Behaviors*, 1, 2-5.
- Moore, J. (2008). *Conceptual foundations of Radical Behaviorism*. Sloan Publishing.
- Michael, J. (1980). Flight from behavior analysis. *The Behavior Analyst*, 3(2), 1-21.
<https://doi.org/10.1007%2F03391838>
- Michael, J. (1992). Introduction I. In B. F. Skinner (Ed.), *B. F. Skinner Verbal behavior* (pp. 6-10). B. F. Skinner Foundation.
- Morris, E. K., Todd, J. T., Midgley, S. M. S., & Johnson, L. M. (1990). The history of Behavior Analysis: Some historiography and a bibliography. *The Behavior Analyst*, 13(2), 131-158. <https://doi.org/10.1007/BF03392530>
- Morris, E. K., Todd, J. T., Midgley, B. D., Schneider, S. M. & Johnson, L. M. (1995). Conclusion: Some historiography of behavior analysis and some behavior analysis of historiography. In J. T. Todd & E. K. Morris (Orgs.), *Modern perspectives on B. F. Skinner and contemporary behaviorism* (pp. 195-215). Greenwood.
- Morris, E. K., Baer, D. M., Favell, J. E., Glenn, S. S., Hipline, P. N., Mallot, M. E., & Michael, J. (2001). Some reflections on 25 years of Association for Behavior Analysis: past, present and future. *The Behavior Analyst*, 24, 125-146.
<https://doi.org/10.1007/bf03392025>
- Owen, T. M., & Rodriguez, N. M. (2024). Toward establishing a qualifying autoclitic repertoire in children with autism spectrum disorder. *Journal of applied behavior analysis*, 57(1), 204–225. <https://doi.org/10.1002/jaba.1026>
- Owen, T. M. (2023). Some thoughts on autism, autoclitics, and impediments to research. *Operants*, 3, 11-13.

<https://bfskinner.my.salesforce.com/sfc/p/#f2000000DixK/a/8W000000fqXV/VXPKRc.dGzRZZwSzplcUZj131FHqS67kZ4x6lk5ruQg>

- Palmer D. C. (2007). Verbal Behavior: What is the function of structure? *The Analysis of Verbal Behavior*, 8(2), 161-175. <http://dx.doi.org/10.1080/15021149.2007.11434280>
- Petursdottir, A. I., & Devine, B. (2017). The impact of Verbal Behavior on the scholarly literature from 2005 to 2016. *The Analysis of Verbal Behavior*, 33, 212–228.
- Ratkos, T. (2023). Autoclitics: The true bulwark against mentalism. *Operants*, 3, 5-7. <https://bfskinner.my.salesforce.com/sfc/p/#f2000000DixK/a/8W000000fqXV/VXPKRc.dGzRZZwSzplcUZj131FHqS67kZ4x6lk5ruQg>
- Sundberg M. L. (1993). Selecting a response form for nonverbal persons: Facilitated communication, pointing systems, or sign language?. *The Analysis of verbal behavior*, 11, 99–116. <https://doi.org/10.1007/BF03392891>
- Santos, B. C., Souza, C. B. (2017). Comportamento autoclítico: Características, classificações e implicações para a Análise Comportamental Aplicada. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 19(4), 88-101. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v19i4.1096>
- Santos, B. C., & Souza, C. (2021). Comportamento autoclítico: Revisão sistemática de estudos experimentais. *Revista Brasileira De Terapia Comportamental E Cognitiva*, 23(1), 1–23.
- Sautter, R. A., & LeBlanc, L. A. (2006). Empirical applications of Skinner’s analysis of verbal behavior with humans. *The Analysis of Verbal Behavior*, 22, 35-48. <https://doi.org/10.1007%2FBF03393025>
- Sério, T. M. A. P., Andery, M. A. (2010). Comportamento verbal. In T. M. A. P. Sério, M. A. Andery, P. S. Gioia, & N. Micheletto (Orgs.), *Controle de estímulos e comportamento*

- operante: Uma (nova) introdução* (pp. 127-151). EDUC. (Trabalho originalmente publicado em 2002).
- Smith, T. L. (1983) Vargas on the autoclitic. *The Analysis of Verbal behavior*, 2(1), 11-12. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2748626/pdf/anverbbehav00030-0133.pdf>
- Skinner, B. F. (1953). *Science and human behavior*. The Macmillan Company.
- Skinner, B. F. (1992). *Verbal behavior*. Copley Custom Textbooks. (Trabalho original publicado em 1957).
- Skinner, B. F. (1974). *About behaviorism*. Vintage Books.
- Spatafora, G. (2022). *Uma revisão bibliográfica dos estudos realizados sobre autoclíticos*. Programa de Pós-graduados em psicologia Experimental: Análise do Comportamento (PEXP), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Speckman, J., Greer, R. D., & Rivera-Valdes, C. (2012). Multiple exemplar instruction and the emergence of generative production of suffixes as autoclitic frames. *The Analysis of verbal behavior*, 28(1), 83–99. <https://doi.org/10.1007/BF03393109>
- Tourinho, E. Z. (1999). Estudos conceituais na análise do comportamento. *Temas em Psicologia*, 7, 213-222.
- Tourinho, E. Z. & Sérgio, T. M. A. P. (2010). Definições contemporâneas da análise do comportamento. Em E. Z. Tourinho & S. V. Luna (Orgs.), *Análise do comportamento: Investigações históricas, conceituais e aplicadas* (pp. 1-13). Roca.

Apêndice A

Publicações de B. F. Skinner que foram selecionadas para análise

- Skinner, B. F. (1934). Has Gertrude Stein a secret? *Atlantic Monthly*, 153, 50-57.
<https://www.theatlantic.com/magazine/archive/1934/01/has-gertrude-stein-a-secret/652096/>
- Skinner, B. F. (1939). The alliteration in Shakespeare's sonnets: A study in literary behavior. *Psychological Record*, 3, 186-192. <https://org/doi/10.1037/11324-020>
- Skinner, B. F. (1941). A quantitative estimate of certain types of sound-patterning in poetry. *American Journal of Psychology*, 54(1), 64-79. <https://www.jstor.org/stable/i261775>
- Skinner, B. F. (1950). Are theories of learning necessary? *Psychological Review*, 57(4), 193-216. <https://org/doi/10.1037/h0054367>
- Skinner, B. F. (1953). *Science and human behavior*. The Macmillan Company.
- Skinner, B. F. (1954) The science of learning and the art of teaching. *Harvard Educational Review*, 24(2), 86-97. <https://psycnet.apa.org/record/1955-02985-001>
- Skinner, B. F. (1957). *Verbal behavior*. Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1958). Teaching machines. *Science*, 128, 969-977.
<https://doi.org/10.1126/science.128.3330.969>
- Skinner, B. F. (1961). Why we need teaching machines. *Harvard Educational Review*, 31, 377-398. <https://psycnet.apa.org/record/1962-07043-001>
- Skinner, B. F. (1963). Behaviorism at fifty. *Science*, 140, 951-958.
<https://doi.org/10.1126/science.140.3570.951>
- Skinner, B. F. (1963). Operant behavior. *American Psychologist*, 18(8), 503-515.
<https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/h0045185>

- Skinner, B. F. (1966). An operant analysis of problem solving. In B. Kleinmuntz (Ed.), *Problem solving: Research, method, and theory* (pp. 225-257). John Wiley.
- Skinner, B. F. (1968). *The Technology of Teaching*. Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1969) *Contingencies of Reinforcement: A theoretical analysis*. Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1970). Creating the creative artist. In A. J. Toynbee et al. (Eds.), *On the future of art* (pp. 61-75). Viking Press.
- Skinner, B. F. (1971). *Beyond Freedom and Dignity*. Alfred A. Knopf.
- Skinner, B. F. (1999). A lecture on “having” a poem. In *Cumulative Record* (definitive edition), 391-401. Copley Publishing Group.
- Skinner, B. F. (1972). Some implications of making education more efficient. In C. E. Thoresen (Ed.). *Behavior modification in education* (pp. 446-456). National Society for the Study of Education.
- Skinner, B. F. (1973). Reflections on meaning and structure. In R. Brower, H. Vendler, & J. Hollander (Eds.), *I. A. Richards: Essays in his honor* (pp. 176-187). Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1974). *About behaviorism*. Vintage Books.
- Skinner, B. F. (1976). Walden two revisited. In B. F. Skinner. *Walden two* (pp. V-XVI). Macmillan.
- Skinner, B. F. (1976). *Particulars of My Life*. Alfred A. Knopf.
- Skinner, B. F. (1977). The experimental analysis of operant behavior. In R. W. Rieber, & K. Salzinger (Eds.), *The roots of American psychology: Historical influences and implications for the future* (Vol. 29, pp. 374-85). New York Academy of Sciences.

- Skinner, B. F. (1977). Why I am not a cognitive psychologist. *Behaviorism*, 5(2), 1-10.
<https://www.jstor.org/stable/27758892>
- Skinner, B. F. (1979). *The Shaping of a Behaviorist: Part Two of an Autobiography*. Knopf.
- Skinner, B. F. (1980). *Notebooks*. Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1981) How to discover what you have to say: A talk to students. *The Behavior Analyst*, 4(1), 1-7. <https://doi.org/10.1007%2F03391847>
- Skinner, B. F. (1982). Contrived reinforcement. *The Behavior Analyst*, 5(1), 3-8.
[https:// org/doi/10.1007/BF03393135](https://org/doi/10.1007/BF03393135)
- Skinner, B. F., & Epstein, R. (1982). *Skinner for the classroom*. Research Press.
- Skinner, B. F., & Vaughan, M. E (1983). *Enjoy Old Age: A program of self-management*. Grand Central Pub.
- Skinner, B. F. (1983). Intellectual self-management in old age. *American Psychologist*, 38(3), 239-244. <https://org/doi/10.1037/0003-066X.38.3.239>
- Skinner, B. F. (1983). *A Matter of Consequences: Part three of an autobiography*. New York University Press.
- Skinner, B. F. (1984). Methods and theories in the experimental analysis of behavior. In *Canonical Papers of B. F. Skinner. The Behavioral and Brain Sciences*, 7, 511-525.
<https://10.1017/s0140525x00026996>
- Skinner, B. F. (1984). Theoretical contingencies. In *Canonical Papers of B. F. Skinner. The Behavioral and Brain Sciences*, 7, 541-546.
- Skinner, B. F. (1984). Coming to terms with private events. *Canonical Papers of B. F. Skinner. The Behavioral and Brain Sciences*, 7(4), 572-581.
<https://10.1017/s0140525x0002673x>

Skinner, B. F. (1984). Representations and misrepresentations. *Canonical Papers of B. F.*

Skinner. The Behavioral and Brain Sciences, 7(4), 655-667.

<https://10.1017/s0140525x00027989>

Skinner, B. F. (1984). The phylogenic and ontogenic environments. *Canonical Papers of B.*

F. Skinner. The Behavioral and Brain Sciences, 7(4), 701-711.

<https://10.1017/s0140525x00028260>

Skinner, B. F. (1984). Reply to Catania. *Canonical Papers of B. F. Skinner. The Behavioral*

and Brain Sciences, 7(4), 718-719. <https://10.1017/s0140525x00028284>

Skinner, B. F. (1985). News from nowhere, 1984. *The Behavior Analyst*, 8(1), 5-14.

<https://doi.org/10.1007%2F03391908>

Skinner, B. F. (1985). Cognitive science and behaviourism. *British Journal of Psychology*,

76(3), 291-301. <https://org/doi/10.1111/j.2044-8295.1985.tb01953.x>

Skinner, B. F. (1986). The evolution of verbal behavior. *Journal of the Experimental Analysis*

of Behavior, 45(1), 115-122. <https://doi.org/10.1901%2Fjeab.1986.45-115>

Skinner, B. F. (1986). Programmed instruction revisited. *Phi Delta Kappa*, 68, 103-110.

<https://www.jstor.org/stable/20403280>

Skinner, B. F. (1987). Laurence D. Smith. Review of *Behaviorism and logical positivism: A*

reassessment of the alliance. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 23,

206-209. [https://doi.org/10.1002/1520-6696\(198707\)23:3%3C206::AID-](https://doi.org/10.1002/1520-6696(198707)23:3%3C206::AID-)

[JHBS2300230303%3E3.0.CO;2-V](https://doi.org/10.1002/1520-6696(198707)23:3%3C206::AID-JHBS2300230303%3E3.0.CO;2-V)

Skinner, B. F. (1987). Whatever happened to psychology as the science of behavior?

American Psychologist, 42(8), 780-786. <https://org/doi/10.1037/0003-066X.42.8.780>

- Skinner, B. F. (1988). Genes and behavior. In G. Greenberg, & E. Tobach (Eds.), *Evolution of social behavior and integrative levels* (pp. 77-83). Lawrence Erlbaum Associates.
- Skinner, B. F. (1988). Responses to the comments of the article "Selection by consequences". In A. C. Catania, & S. Harnard (Eds.). *The selection of consequences: The operant behaviorism of B. F. Skinner: comments and consequences*. Cambridge University Press.
- Skinner, B. F. (1989). The behavior of the listener. In S. C. Hayes (Org.), *Rule-governed behavior: Cognition, contingencies, and instructional control* (pp. 85-96). Plenum Press.
- Skinner, B. F. (1988). The school of the future. In B. F. Skinner. *Recent issues in the analysis of behavior* (pp. 85-96). Merrill.
- Skinner, B. F. (1993). A world of our own. *Behaviorology*, 1, 3-5.
<https://www.behaviorology.org/wp-content/uploads/2021/03/W2SequelExpd-FMPlus.pdf>
- Skinner, B. F. (2004). Psychology in the year 2000. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 81(2), 207-211. <https://doi.org/10.1901/jeab.2004.81-207>
- Skinner, B. F. (1965). Review Lecture: The Technology of Teaching. Proceedings of the Royal Society of London. *Biological Sciences*, 162(989) 427-443.
<https://doi.org/10.1098/rspb.1965.0048>
- Skinner, B. F. (2006) Russia, 1961. *The Spanish Journal of Psychology*, 9(1), 115-142.
<https://doi:10.1017/S113874160000603X>

Apêndice B

Publicações de B. F. Skinner em que foram pesquisadas as expressões de busca

- Skinner, B. F. (1930). The progressive increase in the geotropic response of the ant *Aphaenogaster*. *Journal of General Psychology*, 4(1), 102-112.
<https://doi.org/10.1080/00221309.1930.9918305>
- Skinner, B. F. (1930). On the inheritance of maze behavior. *Journal of General Psychology*, 4(1), 342-346. <https://doi.org/10.1080/00221309.1930.9918319>
- Skinner, B. F. (1930). On the conditions of elicitation of certain eating reflexes. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 16(6), 433-38. [https://doi: 10.1073/pnas.16.6.433](https://doi:10.1073/pnas.16.6.433)
- Fearing, F., Skinner, B. F., & Crozier, W. J. (1931). Reflex action: A study in the history of physiological psychology. *Journal of General Psychology*, 5(1), 125-129.
<https://doi.org/10.1080/00221309.1931.9918385>
- Skinner, B. F. (1931). The concept of the reflex in the description of behavior. *Journal of General Psychology*, 5(4), 427-458. <https://doi.org/10.1080/00221309.1931.9918416>
- Skinner, B. F. (1932). Drive and reflex strength. *Journal of General Psychology*, 6(1), 22-37.
<https://doi.10.1080/00221309.1932.9711853>
- Skinner, B. F. (1932). Drive and reflex strength: II. *Journal of General Psychology*, 6(1), 38-48. <https://doi.10.1080/00221309.1932.9711853>
- Skinner, B. F. (1932). A paradoxical color effect. *Journal of General Psychology*, 7, 481-482.
<https://doi.org/10.1080/00221309.1932.9918481>
- Skinner, B. F. (1932). The abolishment of a discrimination. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 19(9), 825-828. <https://doi.10.1073/pnas.19.9.825>

- Skinner, B. F. (1933). On the rate of extinction of a conditioned reflex. *Journal of General Psychology*, 8(1), 114-129. <https://doi.org/10.1080/00221309.1933.9713178>
- Skinner, B. F. (1933). The measurement of "spontaneous activity." *Journal of General Psychology*, 9(1), 3-23. <https://doi.org/10.1080/00221309.1933.9920910>
- Skinner, B. F. (1933). The rate of establishment of a discrimination. *Journal of General Psychology*, 9(2), 302-350. <https://doi.org/10.1080/00221309.1933.9920939>
- Skinner, B. F. (1933). "Resistance to extinction" in the process of conditioning. *Journal of General Psychology*, 9(2), 420-29. <https://doi.org/10.1080/00221309.1933.9920945>
- Forbes, A., Lambert, E. F., & Skinner, B. F. (1933). Some conditions affecting intensity and durations thresholds in motor nerve, with reference to chronaxie of subordination. *The American Journal of Physiology*, 106, 721-737. <https://doi.org/10.1152/ajplegacy.1933.106.3.721>
- Skinner, B. F. (1934). The extinction of chained reflexes. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 20(4), 234-237. <https://doi.org/10.1073/pnas.20.4.234>
- Skinner, B. F. (1934). A discrimination without previous conditioning. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 20(9), 532-536. <https://doi.org/10.1073/pnas.20.9.532>
- Skinner, B. F. (1934). Has Gertrude Stein a secret? *Atlantic Monthly*, 153, 50-57. <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/1934/01/has-gertrude-stein-a-secret/652096/>
- Skinner, B. F. (1935). The generic nature of the concepts of stimulus and response. *Journal of General Psychology*, 12(1), 40-65. <https://doi.org/10.1080/00221309.1935.9920087>
- Skinner, B. F. (1935). Two types of conditioned reflex and pseudo type. *Journal of General Psychology*, 12(1), 66-77. <https://doi.org/10.1080/00221309.1935.9920088>

- Skinner, B. F. (1935). A discrimination based upon a change in the properties of a stimulus. *Journal of General Psychology*, *12*(2), 313-336.
<https://doi.org/10.1080/00221309.1935.9920107>
- Skinner, B. F. (1936). A failure to obtain “disinhibition.” *Journal of General Psychology*, *14*, 127-35. <https://doi.org/10.1080/00221309.1936.9713142>
- Skinner, B. F. (1936). The reinforcing effect of a differentiating stimulus. *Journal of General Psychology*, *14*(2), 263-278. <https://doi.org/10.1080/00221309.1936.9713154>
- Skinner, B. F. (1936). The effect on the amount of conditioning of an interval of time before reinforcement. *Journal of General Psychology*, *14*(2), 279-295.
<https://org/doi/10.1080/00221309.1936.9713155>
- Skinner, B. F. (1936). Conditioning and extinction and their relation to drive. *Journal of General Psychology*, *14*(2), 296-317. <https://org/doi/10.1080/00221309.1936.9713156>
- Skinner, B. F. (1936). Thirst as an arbitrary drive. *Journal of General Psychology*, *15*(1), 205-210. <https://doi.org/10.1080/00221309.1936.9917914>
- Skinner, B. F. (1936). The verbal summator and a method for the study of latent speech. *Journal of Psychology*, *2*(1), 71-107. <https://org/doi/10.1080/00223980.1936.9917445>
- Skinner, B. F. (1937). The distribution of associated words. *Psychological Record*, *1*, 71-76.
<https://doi.org/10.1007/BF03393192>
- Skinner, B. F. (1937). Two types of conditioned reflex: A reply to Konorski and Miller. *Journal of General Psychology*, *16*(1), 272-279.
<https://doi.org/10.1080/00221309.1937.9917951>
- Skinner, B. F., & Heron, W. T. (1937). Changes in hunger during starvation. *Psychological Record*, *1*, 51-60. <https://doi.org/10.1007/BF03393190>

Skinner, B. F., & Heron, W. T. (1937). Effects of caffeine and benzedrine upon conditioning and extinction. *Psychological Record*, *1*, 340-346.

<https://www.jstor.org/stable/27758994>

Skinner, B. F. (1938). *The Behavior of Organisms: an experimental analysis*. Appleton-Century.

Skinner, B. F. (1939). The alliteration in Shakespeare's sonnets: A study in literary behavior.

Psychological Record, *3*, 186-192. <https://org/doi/10.1037/11324-020>

Skinner, B. F., & Heron, W. T. (1939). An apparatus for the study of animal behavior.

Psychological Record, *3*, 166-176. <https://org/doi/10.1037/h0060731>

Skinner, B. F. (1938). Review of Biological Time. *Journal of Abnormal and Social*

Psychology, *33*(1), 135-137. <https://doi.org/10.1037/h0052475>

Skinner, B. F., & Heron, W. T. (1940). The rate of extinction in maze-bright and maze-dull

rats. *Psychological Record*, *4*, 11-18. <https://doi.org/10.1007/BF03393232>

Skinner, B. F. (1940). A method of maintaining an arbitrary degree of hunger. *Journal of*

Comparative Psychology, *30*(1), 139-145. <https://org/doi/10.1037/h0054105>

Skinner, B. F. (1940). The nature of operant reserve. *Psychological Bulletin*, *37*, 423.

<https://pt.scribd.com/document/363477782/The-Nature-of-the-Operant-Reserve>

Skinner, B. F. (1941). A quantitative estimate of certain types of sound-patterning in poetry.

American Journal of Psychology, *54*(1), 64-79. <https://www.jstor.org/stable/i261775>

Skinner, B. F., & Estes, W. K. (1941). Some quantitative properties of anxiety. *Journal of*

Experimental Psychology, *29*(5), 390-400. <https://org/doi/10.1037/h0062283>

Skinner, B. F. (1941). The Psychology of design. *Art education Today*, *54*, 1-6. Bureau

Publications.

- Skinner, B. F. (1942). The processes involved in the repeated guessing of alternatives. *Journal of Experimental Psychology*, 30(6), 495-503.
<https://org/doi/10.1037/h0058201>
- Skinner, B. F. (1943). Reply to Dr. Yacorzynski. *Journal of Experimental Psychology*, 32(1), 93-94. <https://org/doi/10.1037/h0058768>
- Skinner, B. F. (1944). Principles of Behavior by Clark L. Hull. *The American Journal of Psychology*, 57, 276-281. <https://www.jstor.org/stable/i261788>
- Skinner, B. F. (1945). Baby in a box. *Ladies' Home Journal*, 30-31, 135-36, 138.
<https://media.pluto.psy.uconn.edu/babyinabox.html>
- Skinner, B. F. (1945). The operational analysis of psychological terms. *Psychological Review*, 52, 270-277, 291-294. <https://doi.org/10.1037/h0062535>
- Boring, E. G., Bridgman, P. W., Feigi, H., Pratt, C. C., & Skinner, B. F. (1945). Rejoinders and second thoughts. *Psychological Review*, 52(5), 278-294.
<https://doi.org/10.1037/h0063275>
- Skinner, B. F., Householder, A. S., & Landahl, H. D. (1946). Mathematical Biophysics of the Central Nervous System. *The American Journal of Psychology*, 59(1), 167-169.
<https://doi.org/10.2307/1417013>
- Skinner, B. F., & Campbell, S. L. (1947). An automatic shocking-grid apparatus for continuous use. *Journal of Comparative and Physiological Psychology*, 40(5), 305-307. <https://org/doi/10.1037/h0063537>
- Skinner, B. F. (1947). Experimental psychology. In W. Dennis (Ed.), *Current Trends in psychology* (pp.16-49). University of Pittsburgh Press.
- Skinner, B. F. (1948). *Walden Two*. Macmillan.

Skinner, B. F. (1948). "Superstition" in the pigeon. *The American Psychologist*, 2, 426.

<https://org/doi/10.1037/h0055873>

Skinner, B. F. (1948). Card-guessing experiments. *American Scientist*, 36(3), 456-458.

<https://www.jstor.org/stable/i27826232>

Skinner, B. F. (1948). 'Superstition' in the pigeon. *Journal of Experimental Psychology*, 38(2), 168-172.

Skinner, B. F. (1950). Are theories of learning necessary? *Psychological Review*, 57(4), 193-216. <https://org/doi/10.1037/h0054367>

Skinner, B. F. (1951). How to teach animals. *Scientific American*, 185(12), 26-29.

<https://www.scientificamerican.com/article/how-to-teach-animals/>

Skinner, B. F. (1951). Review of Norbert Wiener's "The human use of human beings".

Psychological Bulletin, 1951, 48, 367-368.

Skinner, B. F. (1951). The experimental analysis of behavior. *Proceedings and papers of the 13th International Congress of Psychology*, 62-91.

<https://itrcampinas.com.br/pdf/skinner/americanscientist.pdf>

Skinner, B. F. (1953). *Science and human behavior*. The Macmillan Company.

Skinner, B. F. (1953). Some contributions of an experimental analysis of behavior to psychology as a whole. *American Psychologist*, 8(2), 69-78.

<https://org/doi/10.1037/h0054118>

Skinner, B. F. (1954). A critique of psychoanalytic concepts and theories. *Scientific Monthly*, 79(5), 300-305. <https://www.jstor.org/stable/i202277>

Skinner, B. F. (1954) The science of learning and the art of teaching. *Harvard Educational Review*, 24(2), 86-97. <https://psycnet.apa.org/record/1955-02985-001>

- Skinner, B. F. (1955). The control of human behavior. *Transactions of the New York Academy of Sciences*, 17(7), 547-551. <https://doi.org/10.1111/j.2164-0947.1955.tb02820.x>
- Skinner, B. F. (1955). Freedom and the control of men. *American Scholar*, 25, 47-65. <https://www.jstor.org/stable/41208055>
- Skinner, B. F. (1956) A case history in scientific method. *American Psychologist*, 11(5), 221-233. <https://org/doi/10.1037/h0047662>
- Skinner, B. F. (1956). What is psychotic behavior? In F. Gildea (Ed.), *Theory and treatment of the psychoses: Some newer aspects* (pp. 225-257). Washington University Studies.
- Skinner, B. F., & Rogers, C. R. (1956). Some issues concerning the control of human behavior: A symposium. *Science*, 124, 1057-1066. <https://doi.org/10.1126/science.124.3231.1057>
- Skinner, B. F. (1956). A review of “Stochastic models for learning” of Bush and Mosteller. *Contemporary Psychology*, 1, 101-103. <https://doi.org/10.1007/BF03392406>
- Ferster, C. B., & Skinner, B. F. (1957). *Schedules of Reinforcement*. Appleton-Century-Crofts. <https://doi.org/10.1037/10627-000>
- Skinner, B. F. (1957). *Verbal behavior*. Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F., & Morse, W. H. (1957). Concurrent activity under fixed-interval reinforcement. *Journal of Comparative and Physiological Psychology*, 50(3), 279-281. <https://org/doi/10.1037/h0047021>
- Skinner, B. F. (1957). The experimental analysis of behavior. *American Scientist*, 45, 343-371. <https://doi.org/10.1511/2012.94.54>
- Skinner, B. F. (1957). The psychological point of view. In H. D. Kruse (Ed.), *Integrating the approaches to mental disease* (pp. 130-164). Hoeber-Harper.

- Skinner, B. F., & Morse, W. H. (1957). A second type of superstition in the pigeon. *American Journal of Psychology*, 70(2), 308-311. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/13424783/>
- Skinner, B. F. (1958). Diagramming schedules of reinforcement. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 1(1), 67-68. <https://doi.org/10.1901%2Fjeab.1958.1-67>
- Skinner, B. F., & Morse, W. H. (1958). Fixed-interval reinforcement of running in a wheel. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 1(4), 371-379. <https://doi.org/10.1901%2Fjeab.1958.1-371>
- Skinner, B. F. (1958). Reinforcement today. *American Psychologist*, 13(3), 94-99. <https://org/doi/10.1037/h0049039>
- Skinner, B. F., & Morse, W. H. (1958). Some factors involved in the stimulus control of operant behavior. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 1(1), 103-107. <https://doi.org/10.1901%2Fjeab.1958.1-103>
- Skinner, B. F., & Morse, W. H. (1958). Sustained performance during the very long experimental sessions. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 1(1), 235-244. <https://doi.org/10.1901%2Fjeab.1958.1-235>
- Skinner, B. F. (1958). Teaching machines. *Science*, 128, 969-977. <https://doi.org/10.1126/science.128.3330.969>
- Skinner, B. F. (1958). The Pigeon by Wendell Mitchell Levi B. F. Skinner. *Science*, 127(3300), 695. <https://doi.org/10.1126/science.127.3300.695.c>
- Skinner, B. F. (1959). An experimental analysis of certain emotions. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 2, 264. <https://psycnet.apa.org/record/1939-00056-000>

Skinner, B. F. (1959). The flight from the laboratory. In B. F. Skinner. *Cumulative record*.
Appleton-Century-Crofts.

Skinner, B. F. (1959). A word about boxes. In B. F. Skinner. *Cumulative record*. Appleton-
Century-Crofts.

Skinner, B. F. (1959). John Broadus Watson, behaviorist. *Science*, 129, 197-198.
<https://doi.org/10.1126/science.129.3343.197>

Skinner, B. F. (1960). Pigeons in a pelican. *American Psychologist*, 15(1), 28-37.
<https://org/doi/10.1037/h0045345>

Skinner, B. F. (1960). Teaching machines. *The Review of Economics and Statistics*, 42(3),
189-191. <https://doi.org/10.2307/1926170>

Holland, J. G., & Skinner, B. F. (1961). *The Analysis of Behavior: A program for self-
instruction*. McGraw-Hill.

Skinner, B. F. (1961). The design of cultures. *Daedalus*, 90(3), 534-546.
<https://www.jstor.org/stable/20026672>

Skinner, B. F. (1961). Teaching Machines. *Scientific American*, 205, 90-102.
<https://org/doi/10.1038/scientificamerican1161-90>

Skinner, B. F. (1961). Why we need teaching machines. *Harvard Educational Review*, 31,
377-398. <https://psycnet.apa.org/record/1962-07043-001>

Skinner, B. F., Maslow, A. H., Rogers, R. C., Frank, L. k., Rapoport, A., & Hoffman, H. (1961).
Cultural evolution as viewed by psychologists. In H. Hoagland, & R. W. Burhoe (Orgs.),
Evolution and man's progress (pp. 160-176). Columbia University.
<http://www.jstor.org/stable/20026674>

- Skinner, B. F. (1962). Operandum. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 5(2), 224. <https://doi.org/10.1901%2Fjeab.1962.5-224>
- Skinner, B. F. (1962). Squirrel in the yard: Certain sciurine experiences of B. F. Skinner. *Harvard Alumni Bulletin*, 64, 642-645.
- Skinner, B. F., & Reynolds, G. S. (1962). Technique for reinforcing either of two organisms with a single food magazine. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 5(1), 58. <https://doi.org/10.1901%2Fjeab.1962.5-58>
- Skinner, B. F. (1962). Two "synthetic social relations." *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 5(4), 531-533. <https://org/doi/10.1901/jeab.1962.5-531>
- Skinner, B. F. (1963). Behaviorism at fifty. *Science*, 140, 951-958. <https://doi.org/10.1126/science.140.3570.951>
- Skinner, B. F., Reynolds, G. S., & Catania, A. C. (1963) Conditioned and unconditioned aggression in pigeons. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 6(1), 73-74. <https://doi.org/10.1901%2Fjeab.1963.6-73>
- Skinner, B. F. (1963). Operant behavior. *American Psychologist*, 18(8), 503-515. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/h0045185>
- Skinner, B. F. (1963). Reflections on a decade of teaching machines. *Teachers College Record*, 65, 168-177. <https://psycnet.apa.org/record/1964-06602-001>
- Skinner, B. F. (1963). Reply to Thouless. *Australian Journal of Psychology*, 15, 92-93. <https://doi.org/10.1080/00049536308255479>
- Skinner, B. F. (1964). "Man." *Proceedings of the American Philosophical Society*, 108, 482-485. <https://www.jstor.org/stable/985867>

Skinner, B. F. (1964). New methods and new aims in teaching. *New Scientist*, *122*, 483-484.

<https://doi.org/10.1096%2Ffba.2020-00075>

Skinner, B. F. (1964). Skinner on Theory. *Science*, *145*, 1385-1387.

<https://doi.org/10.1126/science.145.3639.1385.b>

Skinner, B. F. (1965). Review Lecture: The Technology of Teaching. Proceedings of the Royal Society of London. *Biological Sciences*, *162*(989) 427-443.

<https://doi.org/10.1098/rspb.1965.0048>

Skinner, B. F. (1965). Why teachers fail. *Saturday Review*, *48*, 80-81, 98-102.

Skinner B. F. (1965). Proceedings of the Royal Society of London. *Biological Sciences*, *162*(989), 427-443. <https://www.jstor.org/stable/75554>

Skinner, B. F. (1966). Contingencies of reinforcement in the design of a culture. *Behavioral Science*, *11*(3), 159-166. <https://doi.org/10.1002/bs.3830110302>

Skinner, B. F. (1966). An operant analysis of problem solving. In B. Kleinmuntz (Ed.), *Problem solving: Research, method, and theory* (pp. 225-257). John Wiley.

Skinner, B. F. (1966). The phylogeny and ontogeny of behavior. *Science*, *153*, 1205-1213.

<https://org/doi/10.1126/science.153.3741.1205>

Skinner, B. F. (1966). Some responses to the stimulus "Pavlov." *Conditional Reflex*, *1*, 74-78.

<https://doi.org/10.1007/BF03001088>

Skinner, B. F. (1966). What is the experimental analysis of behavior? *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, *9*(3), 213-218.

<https://doi.org/10.1901%2Fjeab.1966.9-213>

Skinner, B. F. (1967). B. F. Skinner ... An autobiography. In E. G. Boring, & G. Lindsley (Eds.). *A history of psychology in autobiography*, *5*, 387-413. R34eadswadessds

Skinner, B. F., & Blanshard, B. (1967). The problem of consciousness: A debate. *Philosophy and Phenomenological Research*, 27, 317-337.

<https://org/doi/10.2307/2106060>

Skinner, B. F. (1967). Visions of utopia. *The Listener*, 77, 22-23.

<https://doi.org/10.1007%2F03392195>

Skinner, B. F. (1967). Utopia through the control of human behaviour. *The Listener*, 77, 55-56.

<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2778813/>

Skinner, B. F. (1967). Le conditionnement opérant. *Journal of Experimental Analysis of Behavior*, 10, 310. <https://psycnet.apa.org/record/1939-00056-000>

Skinner, B. F. (1968). *The Technology of Teaching*. Appleton-Century-Crofts.

Skinner, B. F. (1968). The design of experimental communities. In D. L. Siels (Ed.), *International Encyclopedia of the Social Sciences* (pp. 271-275). Collier and Macmillan.

Skinner, B. F. (1968). The science of human behavior. In *Twenty-five years at RCA Laboratories: 1942-1967* (pp. 92-102). RCA Laboratories.

Skinner, B. F., & Morse, W. H. (1968). Teaching science in high school: what is wrong? *Science*, 159, 704-710. <https://doi.org/10.1126/science.159.3816.704>

Skinner, B. F. (1968). The etymology of teaching. In B. F. Skinner. *The technology of teaching* (pp. 1-8). Appleton-Century-Crofts.

Skinner, B. F. (1968). Teaching thinking. In B. F. Skinner. *The technology of teaching* (pp. 115-144). Appleton-Century-Crofts.

Skinner, B. F. (1968). The motivation of the student. In B. F. Skinner. *The technology of teaching* (pp. 145-168). Appleton-Century-Crofts.

Skinner, B. F. (1968). The creative student. In B. F. Skinner. *The technology of teaching* (pp. 169-184). Appleton-Century-Crofts.

Skinner, B. F. (1968). Discipline, ethical behavior and self-control. In B. F. Skinner. *The technology of teaching* (pp. 199-226). Appleton-Century-Crofts.

Skinner, B. F. (1968). A review of teaching. In B. F. Skinner. *The technology of teaching* (pp. 227-260). Appleton-Century-Crofts.

Skinner, B. F. (1968). The behavior of the establishment. In B. F. Skinner. *The technology of teaching* (pp. 227-260). Appleton-Century-Crofts.

B. F. Skinner (1968). Humanism in Teaching Science. *Science*, 160(3829), 718.
<https://org/record/1939-00056-000>

Skinner, B. F. (1969) *Contingencies of Reinforcement: A theoretical analysis*. Appleton-Century-Crofts.

Skinner, B. F. (1969). Contingency management in the classroom. *Education*, 90, 93-100.
<https://eric.ed.gov/?id=EJ020250>

Skinner, B. F. (1969). The machine that is man. *Psychology Today*, 2, 20-25, 60-63.

Skinner, B. F. (1970). Creating the creative artist. In A. J. Toynbee et al. (Eds.), *On the future of art* (pp. 61-75). Viking Press.

Skinner, B. F. (1971). *Beyond Freedom and Dignity*. Alfred A. Knopf.

Skinner, B. F. (1971). Autoshaaping. *Science*, 173, 752.
<https://doi.org/10.1126/science.173.3998.752.a>

Skinner, B. F. (1971). A behavioral analysis of value judgments. In Tobach, L. R. Aronson, & E. Shaw (Eds.), *The biopsychology of development* (pp. 543-551). Academic Press.

- Skinner, B. F. (1971). B. F. Skinner says what's wrong with the social sciences. *The Listener*, 86, 429-431.
- Skinner, B. F. (1972). Freedom and dignity revisited. *New York Times*, 29.
- Skinner, B. F. (1972). Humanism and behaviorism. *The Humanist*, 32, 18-20.
- Skinner, B. F. (1972). Some implications of making education more efficient. In C. E. Thoresen (Ed.). *Behavior modification in education* (pp. 446-456). National Society for the Study of Education.
- Skinner, B. F. (1973). Are we free to have a future? *Impact*, 3, 5-12.
- Skinner, B. F. (1973). The free and happy student. *New York University Education Quarterly*, 4, 2-6. <https://www.jstor.org/stable/20297418>
- Skinner, B. F. (1973). Reflections on meaning and structure. In R. Brower, H. Vendler, & J. Hollander (Eds.), *I. A. Richards: Essays in his honor* (pp. 176-187). Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1973). Walden (One) and Walden Two. *The Thoreau Society Bulletin*, 122, 1-3. <https://www.jstor.org/stable/23399198>
- Skinner, B. F. (1973). On Corporal Punishment [Letter to the Editor]. *Educational Leadership*, 31, 61.
https://files.ascd.org/staticfiles/ascd/pdf/journals/ed_lead/el_197310_letters.pdf
- Skinner, B. F. (1974). *About behaviorism*. Vintage Books.
- Skinner, B. F. (1974). Designing higher education. *Daedalus*, 103(4), 196-202.
<https://www.jstor.org/stable/20024262>
- Skinner, B. F. (1974). Behavior Modification. *Science*, 185(4154), 813.
<https://doi:10.1126/science.185.4154.813>.

- Skinner, B. F. (1974). Comment on Rogers. *American Psychologist*, 29(8), 640.
<https://doi.org/10.1037/h0038169>
- Skinner, B. F. (1974). Life and the Spreading Sea. *Science News*, 105(26), 411.
- Skinner, B. F. (1975). Comment on Watt's "B. F. Skinner and the technological control of social behavior". *The American Political Science Review*, 69(1), 228-229.
<http://doi:10.2307/1957903>
- Skinner, B. F. (1975). The ethics of helping people. *Criminal Law Bulletin*, 11, 623-229.
<http://hdl.handle.net/10822/771650>
- Skinner, B. F. (1975). The shaping of phylogenic behavior. *Acta Neurobiologiae Experimentalis*, 35, 409-415. <https://doi.org/10.1901%2Fjeab.1975.24-117>
- Skinner, B. F. (1975). The steep and thorny way to a science of behaviour. In R. Harre (Ed.), *Problems of scientific revolution: Progress and obstacles to progress in the sciences* (pp. 58-71). Clarendon Press.
- Skinner, B. F. (1975). Behavior control: freedom and morality. In D. Dennet (Ed.), *Teaching Philosophy* (pp. 175-177). Tufts Digital Library. <http://hdl.handle.net/10427/47717>
- Skinner, B. F. (1976). *Particulars of My Life*. Alfred A. Knopf.
- Skinner, B. F. (1976). Walden two revisited. In B. F. Skinner. *Walden two* (pp. V-XVI). Macmillan.
- Skinner, B. F. (1976). Farewell, my LOVELY! *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 25, 218. <https://doi.org/10.1901%2Fjeab.1976.25-218>
- Skinner, B. F. (1976). Learning Technology. *Science News*, 110(13), 195.
<http://links.jstor.org/sici?sici=0036-8423%2819760925%29110%3A13%3C195%3ALT%3E20.CO%3B2-H>

- Skinner, B. F. (1977). The experimental analysis of operant behavior. In R. W. Rieber, & K. Salzinger (Eds.), *The roots of American psychology: Historical influences and implications for the future* (Vol. 29, pp. 374-85). New York Academy of Sciences.
- Skinner, B. F. (1977). The force of coincidence. In B. C. Etzel, J. M. LeBlanc, & D. M. Baer (Eds.), *New developments in behavioral psychology: Theory, method, and application* (pp. 3-6). Lawrence Erlbaum Associates.
- Skinner, B. F. (1977). Freedom, at last, from the burden of taxation. *New York Times*, 29. <https://www.nytimes.com/1977/07/26/archives/freedom-at-last-from-the-burden-of-taxation.html>
- Skinner, B. F. (1977). Between freedom and despotism. *Psychology Today*, 11, 80-82, 84, 86, 90-91.
- Skinner, B. F. (1977). Why I am not a cognitive psychologist. *Behaviorism*, 5(2), 1-10. <https://www.jstor.org/stable/27758892>
- Skinner, B. F. (1977). Herrnstein and the evolution of behaviorism. *American Psychologist*, 32(12), 1006-1012. <https://org/doi/10.1037/0003-066X.32.12.1006>
- Skinner, B. F. (1978). *Reflections on behaviorism and society*. Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1979). *The Shaping of a Behaviorist: Part Two of an Autobiography*. Knopf.
- Skinner, B. F. (1980). *Notebooks*. Prentice-Hall.
- Skinner, B. F., & Epstein, R. (1980). Resurgence of responding after the cessation of response-independent reinforcement. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 77(10), 6251-6253. <https://doi.org/10.1073%2Fpnas.77.10.6251>
- Skinner, B. F., Epstein, R., & Lanza, R. P. (1980). Symbolic communication between two pigeons. *Science*, 207, 543-545. <https://org/doi/10.1126/science.207.4430.543>

- Skinner, B. F. (1980). The species-specific behavior of ethologists. *The Behavior Analyst*, 3(1), 51. <https://doi.org/10.1007%2F03392379>
- Skinner, B. F., & Ferster, C. B. (1981). A personal memoir. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 35(3), 259-261. <https://doi.org/10.1901%2Fjeab.1981.35-259>
- Skinner, B. F. (1981) How to discover what you have to say: A talk to students. *The Behavior Analyst*, 4(1), 1-7. <https://doi.org/10.1007%2F03391847>
- Skinner, B. F. (1981). Pavlov's influence on psychology in America. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 17, 242-45. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/7014707/>
- Skinner, B. F. (1981). Innovation in Science Teaching. *Science*, 212, 283-297. <https://doi.10.1126/science.212.4492.283>
- Skinner, B. F., Epstein, R., & Lanza, R. P. (1981). "Self-awareness" in the pigeon. *Science*, 212, 695-696. <https://org/doi/10.1126/science.212.4495.695>
- Skinner, B. F. (1981). Selection by consequences. *Science*, 213, 501-504. <https://org/doi/10.1126/science.7244649>
- Skinner, B. F., & Epstein, R. (1981). The spontaneous use of memoranda by pigeons. *Behaviour Analysis Letters*, 1(5), 241-246. <https://doi.org/record/1982-09103-001>
- Skinner, B. F., & Epstein, R. (1982). *Skinner for the classroom*. Research Press.
- Skinner, B. F. (1982). Contrived reinforcement. *The Behavior Analyst*, 5(1), 3-8. <https://org/doi/10.1007/BF03393135>
- Skinner, B. F., Lanza, R. P., & Starr, J. (1982). "Lying" in the pigeon. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 38(2), 201-203. <https://doi.org/10.1901%2Fjeab.1982.38-201>

- Skinner, B. F. (1982). B. F. Skinner talks about energy. In R. H. Nicolaus (Interviewer), *Behaviorist for Social Action Journal*, 3, 22-24.
<https://link.springer.com/content/pdf/10.1007/BF03406161.pdf>
- Skinner, B. F., & Vaughan, M. E (1983). *Enjoy Old Age: A program of self-management*. Grand Central Pub.
- Skinner, B. F. (1983). *A Matter of Consequences: Part three of an autobiography*. New York University Press.
- Skinner, B. F. (1983). Can the experimental analysis of behavior rescue psychology? *The Behavior Analyst*, 6(1), 9-17. <https://doi.org/10.1007%2FBF03391869>
- Skinner, B. F. (1983). Intellectual self-management in old age. *American Psychologist*, 38(3), 239-244. <https://org/doi/10.1037/0003-066X.38.3.239>
- Skinner, B. F. (1983). Estado de alerta máximo. In S. S. Cruz (Interviewer), *Veja*, 3-6.
<https://itrcampinas.com.br/veja1983.pdf>
- Skinner, B. F. (1983). Ninguém é livre. *Isto é*, 48-49.
- Skinner, B. F. (1984). The evolution of behavior. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 41(2), 217-221. <https://doi.org/10.1901%2Fjeab.1984.41-217>
- Skinner, B. F. (1984). The shame of American education. *American Psychologist*, 39(9), 947-954. <https://org/doi/10.1037/0003-066X.39.9.947>
- Skinner, B. F. (1984). Methods and theories in the experimental analysis of behavior. In *Canonical Papers of B. F. Skinner. The Behavioral and Brain Sciences*, 7, 511-525.
<https://10.1017/s0140525x00026996>
- Skinner, B. F. (1984). Theoretical contingencies. In *Canonical Papers of B. F. Skinner. The Behavioral and Brain Sciences*, 7, 541-546.

- Skinner, B. F. (1984). Coming to terms with private events. *Canonical Papers of B. F. Skinner. The Behavioral and Brain Sciences*, 7(4), 572-581.
<https://10.1017/s0140525x0002673x>
- Skinner, B. F. (1984). Contingencies and rules. *Canonical Papers of B. F. Skinner. The Behavioral and Brain Sciences*, 7(4), 607-613. <https://10.1017/s0140525x00027606>
- Skinner, B. F. (1984). Representations and misrepresentations. *Canonical Papers of B. F. Skinner. The Behavioral and Brain Sciences*, 7(4), 655-667.
<https://10.1017/s0140525x00027989>
- Skinner, B. F. (1984). The phylogenic and ontogenic environments. *Canonical Papers of B. F. Skinner. The Behavioral and Brain Sciences*, 7(4), 701-711.
<https://10.1017/s0140525x00028260>
- Skinner, B. F. (1984). Reply to Catania. *Canonical Papers of B. F. Skinner. The Behavioral and Brain Sciences*, 7(4), 718-719. <https://10.1017/s0140525x00028284>
- Skinner, B. F. (1984). Reply to Harnad. *Canonical Papers of B. F. Skinner. The Behavioral and Brain Sciences*, 7(4), 721-724. <https://10.1017/s0140525x00028302>
- Skinner, B. F. (1985). Cognitive science and behaviourism. *British Journal of Psychology*, 76(3), 291-301. <https://org/doi/10.1111/j.2044-8295.1985.tb01953.x>
- Skinner, B. F. (1985). News from nowhere, 1984. *The Behavior Analyst*, 8(1), 5-14.
<https://doi.org/10.1007%2F03391908>
- Skinner, B. F. (1985). Reply to Place: "Three senses of the word 'tact'". *Behaviorism*, 13, 75-76.
<https://doi.org/record/1986-23353-001>
- Skinner, B. F. (1986). The evolution of verbal behavior. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 45(1), 115-122. <https://doi.org/10.1901%2Fjeab.1986.45-115>

- Skinner, B. F. (1986). Some thoughts about the future. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 45(2), 229-235. <https://doi.org/10.1901%2Fjeab.1986.45-229>
- Skinner, B. F. (1986). What is wrong with daily life in the western world? *American Psychologist*, 41, 568-574. <https://org/doi/10.1037/0003-066X.41.5.568>
- Skinner, B. F. (1986). Sleeping in peace. *Free Inquiry*, 6, 57.
- Skinner, B. F. (1986). Programmed instruction revisited. *Phi Delta Kappa*, 68, 103-110. <https://www.jstor.org/stable/20403280>
- Skinner, B. F. (1987). *Upon further reflection*. Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1987). A thinking aid. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 20(4), 379-380. <https://doi.org/10.1901%2Fjaba.1987.20-379>
- Skinner, B. F. (1987). Outlining a science of feeling. *The Times Literary Supplement*, 490, 501-502. <https://org/record/1990-98548-001>
- Skinner, B. F. (1987). What religion means to me. *Free Inquiry*, 7, 12-13.
- Skinner, B. F. (1987). Laurence D. Smith. Review of *Behaviorism and logical positivism: A reassessment of the alliance*. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 23, 206-209. [https://doi.org/10.1002/1520-6696\(198707\)23:3%3C206::AID-JHBS2300230303%3E3.0.CO;2-V](https://doi.org/10.1002/1520-6696(198707)23:3%3C206::AID-JHBS2300230303%3E3.0.CO;2-V)
- Skinner, B. F. (1987). Whatever happened to psychology as the science of behavior? *American Psychologist*, 42(8), 780-786. <https://org/doi/10.1037/0003-066X.42.8.780>
- Skinner, B. F. (1987). Reminiscences of J. E. A. B. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 48, 447-448. <https://www.deepdyve.com/lp/wiley/reminiscences-of-jeab-CtN757R0n3>

Skinner, B. F. (1987). Why we are not acting to save the world. In M. J. Goddard (Ed.), *B. F. Skinner Upon further reflection* (pp. 1-14). Prentice Hall.

Catania, A. C., & Harnad, S. (Eds.). (1988). *The selection of behavior: The operant behaviorism of B. F. Skinner: Comments and consequences*. Cambridge University Press.

Skinner, B. F. (1988). Responses to the comments of the article "Selection by consequences". In A. C. Catania, & S. Harnad (Eds.). *The selection of consequences: The operant behaviorism of B. F. Skinner: comments and consequences*. Cambridge University Press.

Skinner, B. F. (1988). A fable. *The Analysis of Verbal Behavior*, 6, 1-2.
<https://doi.org/10.1007/BF03392823>

Skinner, B. F. (1988). Genes and behavior. In G. Greenberg, & E. Tobach (Eds.), *Evolution of social behavior and integrative levels* (pp. 77-83). Lawrence Erlbaum Associates.

Skinner, B. F. (1988). The operant side of behavior therapy. In B. F. Skinner. *Recent issues in the analysis of behavior* (pp. 73-84). Merrill.

Skinner, B. F. (1988). War, peace, and behavior analysis: Some comments. *Behavior Analysis and Social Action*, 6, 57-58. <https://doi.org/10.1007/BF03449131>

Skinner, B. F. (1988). Preface to the *Behavior of organisms*. *Journal of Experimental Analysis of Behavior*, 50, 355-358. <https://doi.org/10.1901/jeab.1988.50-355>

Skinner, B. F. (1988). Preface to the *Beyond freedom and dignity*. Penguin Books.

Skinner, B. F. (1988). Epilogue to the *Beyond freedom and dignity*. Penguin Books.

Skinner, B. F. (1989). *Recent issues in the analysis of behavior*. Merrill Publishing Company.

- Skinner, B. F. (1988). The school of the future. In B. F. Skinner. *Recent issues in the analysis of behavior* (pp. 85-96). Merrill.
- Skinner, B. F. (1989). The cuckoos. *The ABA Newsletter*, 11, 9.
https://www.abainternational.org/media/188976/aban_13-2.pdf
- Skinner, B. F. (1989). The behavior of the listener. In S. C. Hayes (Org.), *Rule-governed behavior: Cognition, contingencies, and instructional control* (pp. 85-96). Plenum Press.
- Skinner, B. F. (1989). The origins of cognitive thought. *American Psychologist*, 44(1), 13-18.
<https://org/doi/10.1037/0003-066X.44.1.13>
- Skinner, B. F. (1989). New preface to *Beyond freedom and dignity*. In B. F. Skinner (Org.), *Recent Issues in the analysis of behavior* (pp. 113-120). Merrill.
- Skinner, B. F. (1989). The initiating self. In B. F. Skinner (Org.), *Recent issues in the analysis of behavior* (pp. 27-34). Merrill.
- Skinner, B. F. (1989). The behavior of organisms at 50. In J. T. Todd, & E. K. Morris (Eds.), *Modern perspectives on B. F. Skinner and contemporary behaviorism* (pp. 149-161). Greenwood Press.
- Skinner, B. F. (1989). Teaching Machines. *Science*, 243(4898), 1535.
<https://doi.org/10.1126/science.243.4898.1535.c>
- Skinner, B. F. (1990). The non-punitive society. *Japanese Journal of Behavior Analysis*, 5, 98-106.
- Skinner, B. F. (1990). To know the future. *The Behavior Analyst*, 13(2), 103-106.
<https://doi.org/10.1007/BF03392527>

- Skinner, B. F. (1990). Can psychology be a science of mind? *American Psychologist*, 45(11), 1206-1210. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.45.11.1206>
- Skinner, B. F. (1993). A world of our own. *Behaviorology*, 1, 3-5. <https://www.behaviorology.org/wp-content/uploads/2021/03/W2SequelExpd-FMPlus.pdf>
- Skinner, B. F. (1999). *Cumulative Record: Definitive edition*. Copley Publishing Group. (Trabalho originalmente publicado em 1959)
- Skinner, B. F. (1999). Compassion and ethics in the care of the retardate. In *Cumulative Record* (definitive edition) (pp. 283-291). Copley Publishing Group.
- Skinner, B. F. (1999). Some relations between behavior modification and basic research. In B. F. Skinner. *Cumulative Record* (definitive edition) (pp. 322-328). Copley Publishing Group.
- Skinner, B. F. (1999). A lecture on “having” a poem. In *Cumulative Record* (definitive edition), 391-401. Copley Publishing Group.
- Skinner, B. F. (2004). Psychology in the year 2000. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 81(2), 207-211. <https://doi.org/10.1901/jeab.2004.81-207>
- Skinner, B. F. (2004). The First Baby Tender. *Behaviorology Today*, 7, 3-5. https://behaviorology.org/oldsite/pdf/1st_baby_tender_bfs.pdf
- Skinner, B. F. (2006) Russia, 1961. *The Spanish Journal of Psychology*, 9(1), 115-142. <https://doi:10.1017/S113874160000603X>

Apêndice C

Publicações de B. F. Skinner não encontradas digitalmente disponíveis

- Skinner, B. F. (1932). On the rate of formation of a conditioned reflex. *Journal of General Psychology*, 7, 274-286. <https://org/doi/10.1080/00221309.1932.9918467>
- Skinner, B. F., & Heron, W. T. (1937). The effects of certain drugs and hormones on conditioning and extinction. *Psychological Bulletin*, 34, 741-742. <https://org/doi/10.1037/h0059349>
- Skinner, B. F. (1937). *Is sense necessary?* [Revisão de “New frontiers of the mind” de J. B. Rhine]. *The Saturday Review of Literature*.
- Skinner, B. F. (1938). The frequencies of occurrence of associated words. *Psychological Bulletin*, 35, 675.
- Skinner, B. F., & Heron, W. T. (1939). Some factors influencing the distribution of associated words. *Psychological Record*, 3, 166-176. <https://org/doi/10.1037/h0057713>
- Skinner, B. F., & Heron, W. T. (1940). The rate of extinction in maze-bright and maze-dull rats. *Psychological Bulletin*, 36, 520. <https://org/record/1940-04934-001>
- Skinner, B. F. (1946). The effect of the difficulty of a response upon its rate of emission. *The American Psychologist*, 1, 462.
- Skinner, B. F. (1946). Differential reinforcement with respect to time. *The American Psychologist*, 1, 274-275. <https://org/doi/10.1037/h0043467>
- Skinner, B. F. (1947). *Psi' and its manifestations* [Revisão de “The reach of the mind” de J. B. Rhine]. *New York Times Book Review*.
- Skinner, B. F. (1950). Intermittent reinforcement. *American Psychologist*, 5, 249.

- Skinner, B. F., & Solomon H. C., (1954). A new method for the experimental analysis of the behavior of psychotic patients. *Journal of Nervous and Mental Disease*, 120, 403-406.
<https://org/record/1956-01369-001>
- Skinner, B. F., & Lindsley, O. R. (1954). A method for the experimental analysis of the behavior of chronic psychotic patients. *The American Psychologist*, 9, 419-420.
- Skinner, B. F. (1959). Animal research in the pharmacotherapy of mental disease. In J. Cole, & R. Gerard (Eds.), *Psychopharmacology: Problems in evaluation* (pp.64-72). New England Board of Higher Education.
- Skinner, B. F. (1959). The programming of verbal knowledge. In E. Galanter (Ed.), *Automatic teaching: The state of the art* (pp.63-68). John Wiley.
- Skinner, B. F. (1960). Concept formation in philosophy and psychology. In S. Hook (Ed.), *Dimensions of mind: A symposium* (pp. 226-230). NY University Press.
- Skinner, B. F. (1960). Modern learning theory and some new approaches to teaching. In J. W. Gustad (Ed.), *Faculty utilization and retention* (pp. 64-72). New England Board of Higher Education.
- Skinner, B. F. (1960). May we have a positive contribution? *New Republic*, 143, 22.
- Skinner, B. F. (1960). Special problems in programming language instruction for teaching machines. In F. J. Oinas (Ed.), *Language teaching today* (pp. 167-174). Indiana University Research Center in Anthropology, Folklore, and Linguistics.
- Skinner, B. F. (1960). The use of teaching machines in college instruction (Parts II-IV). In A. A. Lumsdaine, & R. Glaser (Eds.), *Teaching machines and programmed learning: A source book* (pp. 159-172). National Education Association.

- Skinner, B. F. (1961). Learning theory and future research. In J. Lysaught (Ed.), *Programmed learning: Evolving principles and industrial applications* (pp. 59-66). Foundation for Research on Human Behaviors.
- Skinner, B. F. (1961). The theory behind teaching machines. *Journal of the American Society of Training Directors, 15*, 27-29.
- Skinner, B. F. (1961). Comments on "Extrasensory perception". In F. Gudas (Ed.), *Extrasensory perception*. Scribner.
- Skinner, B. F. (1961). Behaviorism. In *The Oxford English Dictionary* (Vol. 3). Oxford University Press.
- Skinner, B. F. (1962). Verbal behavior. *Encounter, 19*, 42-44.
- Skinner, B. F. (1963). A Christmas caramel, or, a plum from the hasty pudding (A play). *The Women's Runner's Digest, 5*, 42-46.
- Skinner, B. F. (1963). L'avenir des machines an enseigner. *Psychologie Française, 8*, 170-180.
<https://org/record/1964-10417-001>
- Skinner, B. F. (1964). On the relation between mathematical and statistical competence and significant scientific productivity. *The Women's Runner's Digest, 6*, 15-17.
- Skinner, B. F. (1964). Stimulus generalization in an operant: A historical note. In D. I. Mostofsky (Ed.), *Stimulus generalization* (pp. 193-209). Stanford University Press.
- Skinner, B. F. (1966). Conditioning responses by reward and punishment. *Proceedings of the Royal Institution of Great Britain, 41*, 48-51.
- Skinner, B. F. (1967). Pavlovian classical conditional reflex: A classical error? *Conditional Reflex: A Pavlovian Journal of Research & Therapy, 2*, 255-257.
<https://doi.org/10.1007/BF03034123>

Skinner, B. F., & Krakower, S. A. (1968). Hand writing with write and see. Lyons & Carnahan, Inc.

Skinner, B. F. (1968). Edwin Garrigues Boring. In The American Philosophical Society (Org.), *Yearbook 1968 – Bibliographical Memories* (pp. 111-115). The American Philosophical Society.

Skinner, B. F. (1969). Operant reinforcement of prayer [An excerpt from the writings of Benjamin Franklin]. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 2, 247. <https://doi.org/10.1901/jaba.1969.2-247>

Skinner, B. F. (1971). Humanistic behaviorism. *The Humanist*, 31, 35.

Skinner, B. F. (1971). Operant conditioning. *The Encyclopedia of Education*, 7, 29-33. <https://doi.org/10.1146%2Fannurev.psych.54.101601.145124>

Skinner, B. F. (1971). A Reply to Richard Sennett [Letter to the editor]. *New York Times Book Review*, 50. <https://www.nytimes.com/1971/11/21/archives/letter-to-the-editor-3-no-title.html>

Skinner, B. F. (1971). Foreword. In H. I. Cohen, & J. Filipezak. (Orgs.), *A new environment: A case for learning* (pp 17-18). Authors Cooperative.

Skinner, B. F. (1972). I have been misunderstood. In R. I. Evans (Interviewer), *The Center Magazine*, 5, 63-65.

Skinner, B. F. (1973). Will success Spoil B. F. Skinner? *Psychology Today*, 6, 65-130.

Skinner, B. F. (1973). Answers for My Critics. In H. Wheeler (Ed.), *Beyond the punitive society (Operant conditioning: Social and politic aspects)* (pp. 256-266). W. H. Freeman.

Skinner, B. F. (1973). The freedom to have a future. *Annals of the 1972 - Sol Feinstone Lecture*. Syracuse.

Skinner, B. F. (1973). Foreword. In K. Kinkade (Ed.), *A Walden two experiment* (pp. 5-10).

Macmillan.

Skinner, B. F. (1978). Why don't we use the behavioral sciences? *Human Nature*, 1, 86-92.

Skinner, B. F. (1978). A happening at the annual dinner of the Association for Behavioral Analysis. *The Behavior Analyst*, 2, 30-33.

Skinner, B. F. (1979). Le renforçateur arrangé. *Revue de Modification du Comportement*, 9, 59-69.

Skinner, B. F. (1979). My experience with the baby-tender. *Psychology Today*, 12, 28-31, 34, 37-38, 40. <http://hdl.handle.net/10822/783233>

Skinner, B. F. (1979). Interview. In Joseph E. Morrow (Interviewer). *Behaviorism for Social Actions Journal*, 2, 47-52.

Skinner, B. F. (1979). Interview. *Omni*, 77-80.

Skinner, B. F. (1979). Interview. In R. I. Evans (Ed.), *The Making of Psychology* (pp. 113-125). A. Knopf.

Skinner, B. F. (1982). I am most concerned with the relevance of a behavioral analysis to the problems of the world today. *Psychology Today*, 16, 48-49.

Skinner, B. F. (1983). A better way to deal with selection. *The Behavioral and Brain Sciences*, 3, 377-378. <http://doi:10.1017/S0140525X00016642>

Skinner, B. F. (1983). Origins of a behaviorist. *Psychology Today*, 17, 22-33. <http://hdl.handle.net/10822/799688>

Skinner, B. F. (1983). Utopia ou desastre. *Ciência Ilustrada*, 7, 22-25.

Skinner, B. F. (1983). Burrhus Skinner. In D. Cohen (Ed.), *Os psicólogos e a Psicologia* (pp. 319-352). Edições 70.

- Skinner, B. F. (1985). Toward the cause of peace: What can psychology contribute? In S. Oskamp (Org.), *International conflict and national public issues* (pp. 21-25). Sage Publications.
- Skinner, B. F. (1986). The books that have been most important ...". In C. M. Devine, C. M. Dissel, & K. D. Parrish (Eds.), *The Harvard guide to influential books: 113 distinguished Harvard professor discuss the books the have helped to shape their thinking* (pp. 233-234). Harper & Row.
- Skinner, B. F. (1986). Is it behaviorism? *The Behavioral and Brain Sciences*, 9, 716.
<http://doi:10.1017/S0140525X00052031>
- Skinner, B. F. (1987). A humanist alternative to A. A.'s twelve steps: A human-centered approach to conquering alcoholism. *The Humanis*, 47, 5.
- Skinner, B. F. (1987). The expanding of operant analysis. Review of Analysis and integration of behavioral units. *Contemporary Psychology*, 32, 505-506.
- Skinner, B. F. (1987). Controversy? In S. Modgil, & C. Modgil (Eds.), *B. F. Skinner: Consensus and controversy* (pp. 11-12). Falmer Press.
- Skinner, B. F. (1986). Behaviorism, Skinner on. In R. L. Gregory (Ed.), *The Oxford Companion to the mind* (n.p.). Oxford University Press.
- Skinner, B. F. (1988). Signs and counter signs. *The Behavioral and Brain Sciences*, 11, 466-467. <http://doi:10.1017/S0140525X00058490>
- Skinner, B. F. (1988). A statement on punishment. *APA Monitor*, 22.
- Skinner, B. F. (2004). Conversation with B. F. Skinner. In A. Kohn. (Ed.), *Punished by reward* (pp. 259-269). Houghton Mifflin Company.
- Skinner, B. F. (n.d). Getting more mileage out of incentives. *Psychology Today*, 12, 18-28.